UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIEL RODRIGUES HERNANDEZ

Cultura, Educação Social e

Educomunicação no Projeto *JovemPaz*:

Memória e Ecopedagogia.

São Paulo

2013

DANIEL RODRIGUES HERNANDEZ

**Cultura, Educação Social e
Educomunicação no Projeto JovemPaz:
Memória e Ecopedagogia.**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade
de Educação da USP para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Área de Concentração: Linguagem e Educação.

Orientadora: Nilce da Silva.

São Paulo

2013

Grato a minha mãe Godiva, meu pai Francisco e toda minha família.

A Deus por ter me colocado junto de tanta gente com quem eu pude aprender.

A minha querida e companheira orientadora Nilce da Silva que tão bem acolhei nossa proposta de pesquisa. Fizemos a Festa juntos!

Ao amigo irmão Luís Fábio, filósofo da PUC e professor de Taboão da Serra. O papai da Giovana. Hasta siempre compañero.

Às meninas Glaudiane e Yone, companheiras de todas as horas e de passeios inesquecíveis.

Ao menino Rudinei Borges que me levou para o mundo mágico do teatro. Grato pela fraternal convivência companheiro.

Às meninas Viviane, Patrícia, Karina, Érica, Daniele, Bianca, Liliane, Valquíria, Walquíria, Fernanda, Stella, Giovanna, Susana e Karla por tudo que aprendi em nossa convivência.

Aos amig@s do Teatro Vocacional Hércules, Renier, Ana Ítala, Suelen, Ipojucan, Valquíria, Elvis, Romário, Victor, Everton, Tainá, Renato, Luís, Gabriela, Talita, Priscila, Joyce, Jaierlles e Gabriel.

Aos amig@s da Trupe Sinhá Zózima Anderson Maurício, Tatiane Lustoza, Alex Maurício, Júnior Docini, Andrea Cavinato, Maria Alencar, Priscila Reis, Alessandra Della Santa, Luciana Ramin, Cristiane Forcinito, Danilo Pontes, Gabriel e Thais.

Aos amig@s do Núcleo Macabéa Heitor Valim, Homero, Tamires, Joselito, Lucas Torres, Nayara, Alexandre Guanico, João Silher e Maria Vitória.

A FEUSP e seus funcionários, professores e alunos. Todos meus amigos e amigas e ao CRUSP com tantos companheiros e companheiras que sempre lutaram junto. Aqui contarei tudo que aprendi com eles.

Sobretudo nas pessoas de Luciano Buda, Maria Clara Di Pierro, Roberto da Silva, Ricardo Sacco, Flávia Schilling, Raquel Bulla, Patrícia Amparo, Dislane Moraes, Jaime Cordeiro, Valéria Arantes, Dóris Acciolly, Ivan Poli, Jefferson Januário, Renê Trindade, Ângelo Manine, Jane Peixoto, Maria Cecília Sanches Teixeira, Marcos Ferreira Santos, Carol Lários, Felipe Lários, Márcio Uno e toda turma do PEDAGOD.

Ao Instituto Paulo Freire, Escola de Aplicação da USP, Núcleo de Consciência Negra, Casa de Cultura Santa Tereza, Sociedade Ecológica Amigos do Embu, Fundação de Apoio a Faculdade de Educação da USP, Projeto Esporte Talento, Escola Municipal Sargento Antônio Alves da Silva, Grupo de Apoio ao Adolescente e a Criança com Câncer, Associação A Cor da Letra, Escola Municipal Terezinha Martins Pereira, Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, Casa de Recreação Tia Cema e CEI Vargem Grande, lugares onde trabalhei e construíram aquilo que hoje eu sou.

In memoriam aos que partiram, mas que deixaram suas obras e ideias. Sobretudo na figura de Paulo Freire que com sua pedagogia e legado nortearam o desenvolvimento de trabalho.

Saudades também de Augusto Boal e Mercedes Sosa lutadores latino americanos que ficarão na nossa memória para sempre.

Embarquem nesse carrossel onde o mundo faz de conta a terra é quase o céu. Lembre de Chaves e Cirilo e não deixem que a escola seja apenas um local de se aprender palavrão como diz o Teatro Mágico.

Para ser uma escola de comunidade e companheirismo que vive a experiência tensa da democracia, como esperava Paulo Freire, precisamos pesquisar e escrever mais.

Mesmo depois de eu respirar vou me lembrar de vocês, anjos e arcanjas mais velh@s!

Título: *Cultura, Educação Social e Educomunicação no Projeto JovemPaz: Memória e Ecopedagogia*

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar as atividades desenvolvidas no Projeto JovemPaz: *construção intercultural da paz e da sustentabilidade*, ocorrido em Osasco, São Paulo, e no Vale do Ribeira, entre os anos de 2002 e 2004. Esta pesquisa teve como objeto a análise do desenvolvimento de uma práxis de Educação Social no Projeto JovemPaz que se ancorou na Cultura e Educomunicação. A nossa pesquisa abarcou o trabalho com as categorias de “Ecopedagogia” e “Memória”, incidindo suas investigações sobre as práticas de “Leitura do Mundo” desencadeadas na realização do Projeto JovemPaz. Nosso campo de pesquisa abrangeu o resgate das memórias dos participantes do Projeto de onde foram desencadeadas as análises das categorias de Memória e Leitura do Mundo. Essas categorias foram advindas dos estudos de ANTUNES (2000), FREIRE (1997) e PADILHA (2001). A partir desse objeto mais amplo, esperou-se poder refletir sobre a forma como a metodologia de ensino da “Leitura do Mundo” poderia ser contemplada na construção e interação propiciada pelo Projeto JovemPaz, possibilitando a fala e a escuta dos sujeitos envolvidos no Projeto, tendo em vista um estudo de suas trajetórias individuais e memórias construídas em torno do mesmo. Nossa metodologia de pesquisa foi qualitativa, constituída pela coleta dos “depoimentos ressoantes” advindos da pesquisa de ACCIOLY & SILVA (2005). Essa categoria de análise foi engendrada como reverberação dos fatos ocorridos nas vidas dos sujeitos entrevistados. Nossa pesquisa obteve como resultados a indicação de que, ao participar do Projeto JovemPaz, os cidadãos e cidadãs das diferentes localidades onde se realizou o projeto puderam “ler” sua realidade, registrar seu contorno na construção intercultural da paz e da sustentabilidade.

Palavras-Chave: Cultura-Educomunicação-Pedagogia Social-Memória-Ecopedagogia

Title: *Culture, Education and Social Educommunication JovemPaz the Project: Memory and Ecopedagogy*

Abstract

This research aimed to investigate the activities of the Project JovemPaz: building intercultural peace and sustainability, held in Osasco, São Paulo, and in the Ribeira Valley, between the years 2002 and 2004. Our research encompassed work with the categories of "Ecopedagogy" and "Memory", focusing his research on the practices of "Reading the World" triggered the completion of Project JovemPaz. Our field research covered the rescue of the memories of the participants of Project which were triggered analyzes the categories of Memory and Reading World. These categories were arising from studies of ANTUNES (2000), Freire (1997) and PADILHA (2001). From this broader object, was expected to be able to reflect on how the teaching methodology of "Reading the World" could be included in the construction and interaction provided by Project JovemPaz, allowing speech and listening of the subjects involved in the project, having seen in a study of their individual careers and memories built around it. Our research methodology was qualitative, consisting of the collection of "testimonials resounding" derived from research of ACCIOLY & SILVA (2005). This category of analysis was engendered as reverberation of the events in the lives of the individuals. Our research results obtained as an indication that, by participating in the Project JovemPaz, the citizens of the different localities where they held the project could "read" your reality, register your outline in building intercultural peace and sustainability. Accordingly, it was found that, in interpreting the world, these guys might know your reality, turning their gaze on their own communities.

Keywords: *Culture-Education Social-Educomunicação-Memory-Ecopedagogy*

A consecução geral teórica e prática da função vital e da segurança de sua produtividade chama-se revolução cultural. Sua base somente pode ser a democracia do trabalho natural. Amor, trabalho e saber são as fontes da nossa existência. Deverão regê-la também.

William Reich

Não existe arte patriótica nem ciência patriótica. Ambas pertencem, como todo sublime bem, ao mundo inteiro, e só podem ser fomentadas pelo intercâmbio geral e livre de todos simultaneamente vivos, em constante respeito pelo que nos foi transmitido e nos é conhecido do passado.

Goethe

O importante não é o que fizeram conosco, mas sim o que fazemos com o que fizeram conosco.

Jean Paul Sarte

É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de observar com atenção a vida real, de confrontar a observação com nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. Sonhos, acredite neles.

Vladimir Ilitch Lenin

28, de Setembro de 2011,

Universo: Unforgettable, that's what you are. What a wonderful world! Imagine!

Galáxia: Alô, alô marciano! Aqui quem fala é da Terra! E pra variar estamos em guerra!

Via láctea: Sou feliz, por isso estou aqui! Também quero viajar nesse balão!

Planeta Terra: Planeta água! Do mais distante, o errante navegante! Como a Paraíba!

Continente americano: Mr. Robinson! El Condor Pasa! The sound of silence! New York!

Continente sul americano: Ameríndia pátria negra! Soy loco por ti América!

Brasil: Mostra tua cara! Eu te amo! Meu coração é verde amarelo, negro-índio!

São Paulo: No rancho fundo bem pra lá do fim do mundo que um dia eu saí de casa!

São Paulo: Vivemos na melhor cidade que ronda na América do Sul! Sampa das onze!

Zona oeste: Butantã, Largo da Batata, Perus, Brasilândia, Freguesia do Ó, Santa Galo, Pirituba, Lapa, Pinheiros! Corre! Olha o ônibus!

Rio Pinheiros: Quem nunca brincou de rema-rema remador? Um dia até teve canoagem!

Córrego Pirajussara: Kiazemon Takeuti, Embu, Taboão! Vai sentado com enchente!

Construção da nova biblioteca: Tem que ter software livre também. O Nome da rosa não!

Feusp: E o fim? És belo e incerto. Depende de como você vê. O novo, o credo, a fé que você deposita em você! E só! Mesmo depois que eu respirar, vou me lembrar de vocês! Mesmo depois de eu respirar, anjos e arcanjas mais velhos.

Sumário

1. Apresentação-Memorial.....	07
2. Introdução.....	13
3. Projeto JovemPaz: Construção Intercultural da Paz e da Sustentabilidade.....	19
4. Ecopedagogia do Projeto JovemPaz: A Leitura do Mundo da Cidadania Planetária.....	28
5. Arquitetura da Memória do Projeto JovemPaz.....	54
6. A Memória das Festas JovemPaz do Vale do Ribeira e de Osasco.....	73
7. A visão dos participantes do JovemPaz acerca do Projeto: Retratos.....	106
8. Considerações Finais.....	111
9. Referências bibliográficas.....	115
Anexos.....	125

1. Apresentação-Memorial

Nesses caminhos trilhados dentro dos meandros da educação, percorro veredas em percursos freirianos, atravessando os caminhos da Estrada do M' Boi Mirim até a Cidade Universitária.

Desde Ilha Comprida e Iguape no Vale do Ribeira na trajetória do Projeto *JovemPaz* em que construí vínculos, fiz amizades, e toda uma trajetória foi consolidada festivamente até desembarcar em terras da megalópole paulistana para realizar minha formação universitária na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Desde 2004, iniciei o itinerário de um menino na estrada que foi se formando como homem, educador popular, pesquisador e, sobretudo, investigador do campo educacional. Um menino-homem conectivo buscando agregar novos valores, novos sonhos, novas descobertas.

E a importante decisão de investigar a Cultura, Educação Social e Educomunicação no Projeto *JovemPaz*: Memória e Ecopedagogia foi tomada levando em consideração o percurso existencial de ser educando do projeto e depois um educador que defende uma pedagogia do oprimido, uma educação como prática da liberdade.

E se todos oprimidos perguntassem por quê? A realidade opressora não resistiria frente a essa pedagogia da pergunta, essa indagação frente à realidade. E fui desvendando histórias e colecionando aventuras no caminhar da Estrada da M'Boi Mirim à Feusp.

E essa pedagogia freiriana norteou o meu caminho. Fez fecundar perguntas, indagar acerca da realidade, desvelando novas questões, fazendo tomar posicionamentos.

E é nesse sentido sempre questionador, problematizador, que tomei a importante decisão de enveredar pelos interstícios do mestrado para chegar a uma síntese do que foi todo esse percurso pessoal dentro da formação acadêmica e da militância no JovemPaz.

Esse Memorial traz retratada minha trajetória de menino estudante do JovemPaz e da Faculdade de Educação da USP. Essa foi a caminhada trilhada para o homem chegar às suas investigações no mestrado, resgatando sua trajetória do Projeto JovemPaz, fundamental para sua vida.

Essa é a minha contribuição para que vocês em seus maiores personagens que existem possam pesquisar e escrever ainda mais sobre o que estudam, desvendando cada vez mais os meandros da área da Educação. Lembrando que educação é para professores e profissionais da educação, sempre!

Considero que fui um menino se transformando em homem na travessia da Estrada do M' Boi Mirim para chegar à Feusp. Incorporar nesse Memorial a música *O Homem na Estrada* do grupo de rap Racionais Mc's faz-se necessário para retratar o cotidiano difícil e trágico nas periferias da cidade de São Paulo e do Brasil de uma forma geral.

Trata-se da história de um ex-presidiário que busca recomeçar a sua vida em sua comunidade. Porém, dado seu histórico anterior, ele não consegue e acaba sendo assassinado, tendo como suspeita sua reincidência na vida do crime.

Mas, o que é importante destacar, é a falta de opções em um contexto periférico e a exclusão social em que vivem os seus habitantes, não tendo oportunidades de construir uma vida melhor.

Considero que fui um menino da estrada que em 2004 entrou na universidade pública com 17 anos, revezando a moradia na Estrada do M'Boi Mirim com sua residência no Centro Residencial da USP (Crusp), mas, mesmo morando dentro da Cidade Universitária, sempre foi visitar a M' Boi Mirim no Jardim Ângela, que é o lugar onde a família da sua mãe desembarcou vindo de Cândido Mota em 1960.

E o medo de que seu destino fosse o mesmo do Homem na Estrada da música, buscando ser um “mano” da periferia que pudesse ter uma formação universitária e aprendendo com a vivência acadêmica somada a um itinerário desgastante de ônibus e trem lotados que fizeram parte do seu cotidiano.

E o menino venceu! Tornou-se homem, se formou e depois ingressou na Pós-Graduação, tendo acumulado muitas vivências e conquistas propiciadas no mundo universitário e no mundo do trabalho, com muitos amigos e amigas conquistados na faculdade e no Crusp. Foi construída uma vida de muita luta e dedicação ao campo da educação, seja na pesquisa, na prática educacional, na elaboração de um seminário, na produção de um trabalho ou ainda em tantos diálogos que formais ou informais contribuíram tanto em sua formação.

E a história começa assim: eis que surge um curso chamado *JovemPaz* em Iguape. Era só pegar a balsa (já que eu morava em Ilha Comprida no Vale do Ribeira, litoral sul do Estado de São Paulo) para pedestre ou a ponte que na época já estava pronta e já estava lá. E nesse curso havia jornal escolar, só que o curso se chamava *JovemPaz: Construção Intercultural da Paz e da Sustentabilidade*. E quem promovia era o Instituto Paulo Freire com financiamento da Petrobrás por meio do Programa “Geração da Paz”.

Então, o que acontece é que o que me chamou a atenção foi o fato de haver jornal. Essa é uma oficina para aprender a fazer jornal. Qual é a grande questão?

É que você chega e há três oficinas específicas – uma de jornal, uma de rádio e outra de grêmio – e três professores durante todo o curso – Luciano, professor de Jornal, Naimam, de Rádio, e Luizinho, professor de Grêmio. Três oficinas específicas que terão três professores, três formadores ao longo do curso inteiro e três eixos de oficinas gerais: o primeiro eixo, a Cultura da Paz e Sustentabilidade; o segundo, a Agenda 21 e a Carta da Terra; e o terceiro, Cultura, Política e Comunicação.

Esse enfoque se deu com toda perspectiva pedagógica emancipatória, oriunda do educador nordestino, cidadão do mundo Paulo Freire. Com todo o trabalho comunitário e a possibilidade de diálogo dentro da escola constituímos um círculo de cultura, constatando até que a grande sacada mesmo *JovemPaz*, foi essa possibilidade do diálogo dentro da escola, de você ser sujeito do ensino de fato.

O projeto trouxe essa diferença, foi montada a rádio, foi montado o grêmio e ele acontece em 2002 quando estou no segundo ano do ensino médio. Daí a decisão mesmo: vou ser professor. A perspectiva de jornal era na realidade “vamos construir nosso jornal” porque ele é um grande meio de comunicação de massa que poucas pessoas detêm no país e até o início do curso não eu tinha essa noção.

Eu entro no *JovemPaz* tendo como ídolos o Milton Neves e o Flávio Prado, com o grande sonho de querer trabalhar na Jovem Pan de repente. Durante o projeto, o que entra como sonho era “eu quero ir para São Paulo, quero entrar na USP”, porque tem algo de projeto de formação. Eu sabia que o *JovemPaz* iria acabar. Tinha começo, meio e fim. Não havia uma perspectiva de continuidade.

Luciano e o Naimam fazem parte de um grupo da zona leste, da região da Patriarca chamada Dolores Boca Aberta. Então, eles fazem lá atividades artísticas, culturais, que vão até à comunidade e agora ocupam também o espaço do antigo CDM da Patriarca. E lá fazem intervenções culturais, saraus, atividades artísticas, entre outras coisas.

Então era aquele momento: você tem em frente o desafio de não permanecer na Ilha Comprida, que tinha uma população de aproximadamente 10.000 habitantes espalhados em 74km de praia. Oportunidades de trabalho eram: ou você vai depender de algum trabalho da prefeitura, ou alguma coisa que surgia só na época de temporada. Fora essas duas possibilidades, havia poucas perspectivas. Não havia naquele momento a possibilidade de permanecer. E ainda havia o *JovemPaz* terminando.

Então o que é que aconteceu? Houve um grande incentivo de fato de minha família – minha mãe queria muito voltar para São Paulo, pois nunca gostou de ter saído daqui. E minha vida escolar acaba sendo algo de perspectiva de transformação de vida também.

Entrar na USP e não perder o fervor mesmo do *JovemPaz*, indo também trabalhar no Instituto Paulo Freire, era o grande sonho da época. E é nesse momento que eu faço o cursinho e, para garantir minha entrada na universidade pública, foi necessário o retorno ao ensino particular em Iguape, à noite, estudando o terceiro ano do ensino médio de manhã na escola pública de Ilha Comprida, a querida e saudosa escola Judith Santanna Diegues.

E então é aquele novo processo. Vou dormir a uma hora da manhã, sendo a primeira vez que estudo à noite, e me levanto às 6h para ir para o ensino médio de manhã, e estudo à tarde também para o vestibular da Fuvest. Durmo à tarde, mais à tarde do que à noite, quando estou cansado. Ajudo meus pais na loja também, fazendo cursinho no período da noite em Iguape e voltando no ônibus com o pessoal da escola de manhã. Eles faziam o

colégio técnico agrícola e eu lá fazendo os exercícios e preenchendo as apostilas do cursinho.

O *JovemPaz* que eu cursava sempre foi muito realizador. Mas poxa, se eu só fizesse o *JovemPaz*, eu não iria passar no vestibular. Nele não estão os conteúdos de uma FUVEST da vida. Na verdade, naquela época dava para entender por que eu tinha aquele choque. Porque eu estava vendo que o cursinho estava me ensinando para entrar na faculdade, mas o *JovemPaz* foi muito mais rico. Tanto que minha pesquisa hoje é sobre esse Projeto e as ressonâncias nas vidas de seus participantes. E, a conclusão que eu tenho hoje é que havia um espaço cultural dentro da escola e outro que era você passar no vestibular. Eram duas coisas distintas. É que um estava me preparando para algo que garantiria minha escolarização formal, mas que não era tão formativo e preenchido de significado sócio-cultural-político-ambiental como o *JovemPaz* foi. Um verdadeiro caleidoscópio de formação plena para a vida em comunidade.

Hoje, estou concluindo meu mestrado e às portas no ingresso do doutorado. Vou seguir a carreira acadêmica. Vejo que o cursinho foi o que me fez superar a incomensurável barreira da FUVEST, mas foi o *JovemPaz* que me formou como cidadão. Cidadão Planetário que lê o mundo através da Ecopedagogia.

Agradeço a Deus por essa oportunidade única. A minha família e amigos que fizeram parte dessa linda história. Aos educadores e equipe do Instituto Paulo Freire que lutaram para que o Projeto fosse viabilizado. Agradeço a Petrobrás pelo financiamento.

Em especial meu agradecimento ao educador Luciano que um dia leu meu poema Jeremias e me fez sentir parte da escola como sujeito da História, pertencente a um grupo, algo que eu só pude viver dentro do *JovemPaz*. O Círculo de Cultura da solidariedade, do

amor, do carinho, da festa. Já faz mais de 10 anos que começou essa aventura, mas para quem a viveu, essas marcas serão carregadas por toda a vida.

OBRIGADO GALERA JOVEMPAZ!!!! VALEU PAULO FREIRE!!! TAMO JUNTO!!! O SOL RAIU UNINDO AS PERIFERIAS VAMOS DAR AS MÃOS!!!!

2. Introdução

Esta pesquisa teve como objeto a análise do desenvolvimento de uma práxis de Educação Social no Projeto *JovemPaz* que se ancorou na Cultura e Educomunicação e na Ecopedagogia. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi o de resgatar a memória dos participantes do Projeto, vislumbrando o que ressoou do projeto em suas vidas.

Além desse objetivo mais amplo, esperou-se promover uma reflexão sobre como a metodologia da “Leitura do Mundo” poderia ser contemplada a partir da Ecopedagogia do Projeto *JovemPaz*.

A construção desse projeto de pesquisa adveio da nossa participação no *JovemPaz*, que foi desenvolvido em três pólos: Morro Doce, bairro da cidade de São Paulo; Rochdalle, bairro do município de Osasco; e no Vale do Ribeira (litoral sul do estado de São Paulo), nos municípios de Iguape, Ilha Comprida e Barra do Ribeira, durante os anos de 2002 e 2004, a partir de uma parceria estabelecida entre o Instituto Paulo Freire e o Programa “Geração da Paz” da Petrobrás.

Verificou-se como poderia ser possibilitada a fala dos sujeitos (educadores, educandos, coordenador e integrante da comunidade) envolvidos no Projeto *JovemPaz*, em vista de um estudo de suas trajetórias individuais e memórias construídas em torno do

projeto e o estudo de como suas impressões podem ser desencadeadas no âmbito de uma cultura popular podendo contribuir na promoção de um ensino democrático e plural dentro da escola.

Esta pesquisa se apropriou da metodologia de resgate de memória que caracteriza-se pela escuta e registro das ressonâncias do Projeto JovemPaz na vida de seus participantes. Esses sujeitos estiveram envolvidos na organização e no desenvolvimento do Projeto, buscando refletir sobre as práticas de Ecopedagogia promovidas pelo projeto, trabalhando com a proposta metodológica do *estudo e análise documental* referente ao JovemPaz do Instituto Paulo Freire. Esses documentos compreendem fichas de inscrição dos participantes e relatórios dos educadores acerca dos encontros e de *entrevista com a coleta de depoimentos ressoantes*¹, realizadas com representantes do Projeto JovemPaz que contribuíram para o resgate de suas memórias.

Nessa pesquisa, trabalhou-se com a hipótese de que o Projeto JovemPaz fomentaria a participação da comunidade escolar dentro da escola pública numa perspectiva eco-político-pedagógica, que compreende a escola como um polo social comunitário em que a cultura e a comunicação são vivenciadas.

O Projeto JovemPaz teve por objetivo potencializar nas escolas práticas de “Leitura do Mundo” (termo cunhado na obra do educador Paulo Freire), contribuindo na construção do seu Projeto Eco-Político-Pedagógico e do seu currículo, contemplando uma prática educativo-emancipatória que resgatou a memória do público escolar e das suas comunidades

¹ Termo cunhado por ACCIOLY E SILVA (2005:164) “designando a ressonância, a reverberação dos acontecimentos experienciados nas vidas, nas escolhas subsequentes dos sujeitos ouvidos. (...) Os depoimentos ressoantes aqui trazidos permitem perceber também um tipo de memória oral em que o sujeito é ultrapassado no ato da lembrança, deixando vislumbrar os quadros sociais, ao mesmo tempo em que retorna sempre como singularidade criadora. Há, portanto, um movimento de transcendência do particular, que é transmutado em universal, e um refluxo do eu como condição do mundo.

a partir de sua oralidade, subjetividade, musicalidade e solidariedade, inerentes à vida comunitária, visando consolidar assim uma resistência cultural que abarcasse as expressões artístico-culturais da comunidade numa compilação coletiva.

Na análise dos depoimentos dos participantes do Projeto JovemPaz espera-se verificar as experiências vividas pelos participantes no contexto do Projeto, pois os documentos escritos poderiam pretender a difusão de uma imagem positiva do projeto, ao passo que os depoimentos podem trazer lembranças, esquecimento, silêncio e conflitos. Afinal, toda fonte é um ponto de vista específico sobre a questão.

Em nossa pesquisa incidimos nossas investigações acerca das Oficinas de Formação Geral e Formação Específica do Projeto JovemPaz, engendrando uma análise de como o desenvolvimento dessas oficinas contribuíram na construção de um cabedal de conhecimentos alicerçados na Construção Intercultural da Paz e da Sustentabilidade. As Oficinas de Formação Geral compreenderam: Agenda 21 e Carta da Terra; Cultura, Política e Comunicação; e, Cultura da Paz e Sustentabilidade. Já as Oficinas de Formação Específica abrangeram: Jornal Escolar, Rádio Escolar e Grêmio Estudantil. E, concluindo nossa análise, foram investigadas as Festas JovemPaz e os Círculos de Cultura Virtuais que visaram congregar os diferentes polos entre si e com suas comunidades locais que estavam presentes nas escolas que participaram do projeto.

O contexto de nossa pesquisa em que o Projeto JovemPaz foi analisado é esse. Na condição de projeto de Educação Social desenvolvido nas escolas e comunidades dos seus três polos, promovendo uma interlocução entre o espaço escolar dentro de um âmbito comunitário, vivenciando a liberdade e a pluralidade no contexto do desenvolvimento de suas atividades.

Para melhor compreender nossa pesquisa, é importante incorporar a Constituição Federal, promulgada em 5 de outubro de 1988, regulamentando em seu Art. 206 que “o Ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I-igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III- pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (...)

A legislação aqui apresentada expressa a arena da educação formal brasileira que trata de temáticas como igualdade, liberdade e pluralismo, mas não tem garantido, concretamente, as condições para o seu efetivo exercício e vivência no cotidiano escolar, levando seus alunos à condição de fracasso².

Nossas investigações convergiram num trabalho que pautou suas análises no âmbito da Cultura, da Educomunicação, da Educação Social e da Ecopedagogia, visando

² Essa situação de fracasso dos alunos se dá porque “ainda não conhecemos a criança brasileira, ignoramos o que ela sabe e conhece, suas capacidades e habilidades, e continuamos a adiar a implantação de um projeto político comprometido com as classes populares e com a reformulação das visões ideológicas que organizam a vida cotidiana da escola e a prática escolar. Ainda estamos protegidos pelo discurso ideológico sobre as supostas defasagens cognitivas das crianças pobres, as supostas diferenças de socialização e inadequação da escola para recebê-las, por serem possuidoras de pretensos ritmos diferentes, de uma linguagem que ninguém entenderia e de comportamentos desadaptados às exigências escolares” (SAWAYA, 2000: 81). Esse quadro influencia a formação dos alunos brasileiros, que “são crianças que não passam numa prova de ritmo e sabem fazer uma batucada. Que não tem equilíbrio e coordenação motora e sabem andar nos muros e nas árvores. Que não têm discriminação auditiva e reconhecem cantos e pássaros. Crianças que não sabem dizer os meses do ano, mas sabem a época de plantar e colher. Não conseguem aprender os rudimentos da aritmética e, na vida, fazem compras, sabem lidar com dinheiro, são vendedoras na feira. Não tem, memória e discriminação visual, mas reconhecem uma árvore pelas suas folhas. Não tem coordenação motora com o lápis, mas constroem pipas. Não têm criatividade e fazem os brinquedos do nada. Crianças que não aprendem nada, mas aprendem e assimilam o conceito básico que a escola lhes transmite, o mito da ascensão social, da igualdade de oportunidades, e depois assumem toda a responsabilidade pelo seu fracasso escolar” (MOYSÈS & LIMA, 1982)

compreender como essas múltiplas dimensões pedagógicas e políticas foram desencadeadas dentro do Projeto JovemPaz.

Segue agora o nosso trabalho de pesquisa intitulado *Cultura, Educação Social e Educomunicação no Projeto JovemPaz: Memória e Ecopedagogia*.

Busca-se no primeiro momento apresentar o **Projeto JovemPaz: Construção Intercultural da Paz e da Sustentabilidade**, contextualizando as comunidades que abrigaram o projeto e os jovens e adolescentes envolvidos. Discute-se sobre a Formação de Educadores Sociais a partir das Oficinas Específicas, de Formação Geral, Círculos de Cultura Virtuais e as Festas JovemPaz, situando acerca dos conceitos de Cultura, Educação Social e Educomunicação, que se fizeram presentes com muita clarevidência no JovemPaz, fortalecendo o seu desenvolvimento e a parceria com a escola pública, concebendo o espaço escolar como espaço comunitário.

Num segundo momento, o objetivo é debater acerca da **Ecopedagogia do Projeto JovemPaz: A Leitura do Mundo da Cidadania Planetária**, contemplando a práxis ecopedagógica desenvolvida pelo projeto, apresentando uma abordagem da Leitura do Mundo na perspectiva da Cidadania Planetária. Essa foi a metodologia de trabalho do Projeto. Problematisa-se a importância da Ecopedagogia no contexto de uma Pedagogia da Terra. Ao trilhar esse percurso, o que se verifica é a importância de trabalhar a Agenda 21 e a Carta da Terra na qualidade de elementos políticos para se ater acerca do planeta Terra em que vivemos, um organismo vivo e pulsante. Com discussões sobre Sustentabilidade, o que se pode constatar é a importância de um exercício contínuo ecopedagógico para abarcar uma transformação radical sobre as relações que estabelecemos entre seres humanos e natureza. A Leitura do Mundo enquanto práxis freiriana abarca o debate acerca da Ecopedagogia na

construção da Cidadania Planetária. É o registro da nossa realidade visando a sua transformação.

Num terceiro momento é analisada dentro do contexto em que se apresenta **A Arquitetura da Memória do Projeto JovemPaz**, nas relações entre Memória e o Projeto JovemPaz, procurando articular esse conhecimento pela incorporação de depoimentos acerca do projeto, evocando ressonâncias docentes e discentes, onde são apresentadas as lembranças dos entrevistados, articulando suas representações ao âmbito do JovemPaz.

Nesse percurso, o que se evidencia é o nosso olhar sobre **A Memória das Festas JovemPaz do Vale do Ribeira e de Osasco**, que uniram os três polos, onde se verificou a importância do resgate da memória para compreendermos o universo simbólico da Festa JovemPaz. Transpassando a memória das festas que uniram os três pólos – Osasco, São Paulo e Vale do Ribeira –, o que chama a atenção é a reverberação e a ressonância dos folguedos na vida dos entrevistados. Resgatar a memória pressupõe uma volta ao passado para compreendermos nosso presente e projetar um futuro.

Concluindo, temos as nossas **Considerações Finais**, que indicam a quais apontamentos chegamos após a construção do nosso trabalho, trazendo também nossa reflexão de como foi tecido esse Trabalho de Qualificação e que horizontes podemos vislumbrar após essa estruturação.

Em anexo, são apresentadas as entrevistas realizadas para a construção desse trabalho, que contribuindo para que esse fosse viabilizado. Dando voz a suas lembranças, seus depoimentos se entrelaçaram, dando a eles um sentido individual e deveras coletivo e festivo, desenhando o quadro do que foi o Projeto JovemPaz e do que ele ressoa até hoje.

3. Projeto JovemPaz: Construção Intercultural da Paz e da Sustentabilidade

A nossa participação no Projeto JovemPaz se deu na E.E. Cel. Jeremias Júnior, em Iguape³, no Vale do Ribeira⁴. O Projeto também se desenvolveu no Projeto Arco Íris, no bairro do Morre Doce⁵, em São Paulo, na região de Perus⁶ e na E.E Júlia Lopes de Almeida, no bairro do Rochdale⁷, em Osasco.

Foram desenvolvidas atividades que envolveram 225 jovens e adolescentes dessas comunidades, abarcando as Oficinas de Formação Geral (Cultura da Paz e da

³**Iguape** é um município do Vale do Ribeira, no sul do estado de São Paulo, no Brasil. Localiza-se a uma latitude 24°42'29" sul e a uma longitude 47°33'19" oeste, estando a uma altitude de três metros. Sua população estimada em 2004 era de 28 367 habitantes. Com cerca de 1 980 quilômetros quadrados, é o município com a maior área do estado de São Paulo. Seu centro histórico é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como patrimônio nacional desde 2009.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Iguape>

⁴ O **Vale do Ribeira** está localizado no sul do estado de São Paulo e no leste do estado do Paraná, no Brasil. Recebe este nome em função da bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e ao Complexo Estuarino Lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá. Sua área de 2 830 666 hectares abriga uma população de 481 224 habitantes e inclui integralmente a área de 31 municípios (9 paranaenses e 22 paulistas). Existem, ainda, outros 21 municípios no estado Paraná e outros 18 municípios no estado de São Paulo, que estão parcialmente inseridos na bacia do Ribeira. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Ribeira

⁵ O **Morro Doce** é um bairro conhecido como um dos mais calmos da cidade de São Paulo. Leva esse nome porque seus primeiros habitantes cultivavam cana-de-açúcar e produziam cachaça em alambiques. Hoje, com mais de 30 mil habitantes, está em constante crescimento. Localiza-se no início da Rodovia Anhangüera, tendo fácil acesso tanto para bairros maiores da capital como para o interior. Dos bairros da região Anhangüera ainda na capital, é o mais antigo. O Morro Doce pertence à macrorregião e à subprefeitura de Perus. O bairro é atendido por um Terminal de ônibus que liga a região a Praça Ramos de Azevedo no centro, ao Bairro da Lapa, e também ao Bairro de Perus. É um dos bairros que mais crescem. Um hospital e uma agência bancária são algumas das exigências da população local. O bairro tem uma população de aproximadamente 30.000 habitantes, com fundação em 15 de janeiro de 1580. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Morro_Doce

⁶ **Perus** é um distrito localizado na zona noroeste da cidade de São Paulo. A data de aniversário do distrito é comemorada em 21 de setembro. Faz parte do antigo caminho para a região de Campinas e Jundiaí e é servido pela linha 7 da CPTM (antiga São Paulo Railway), pela rodovia dos Bandeirantes, pela rodovia Anhangüera, pela Estrada Velha de Campinas, e pelo Rodoanel Mário Covas. Faz divisa com os municípios de: Caieiras, Cajamar, Osasco, e recentemente com a ligação do rodoanel, pelo trecho Oeste, a rodovia ativou uma divisa com o município de Barueri, divisa essa que era existente, porém sem viário. Possui o maior parque municipal de São Paulo, o Parque Anhangüera. Perus tem Área de 23,9 km², com uma população de 85.002 em 2010. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Perus>

⁷ Rochdale é um bairro localizado em Osasco, São Paulo, Brasil. É delimitado ao Norte pelo bairro Distrito Industrial Mazzei; a Leste com os bairros Jardim Mutinga e Ayrosa; ao Sul com o bairro Bonfim; a Oeste com os bairros Piratininga, IAPI e Aliança. Os seus loteamentos são: Rochdale; Jardim Nossa Senhora de Fátima; Cidade Cooperativa Rochdale. Sua área é de 194, 90 km² e sua população de 31. 230 habitantes. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rochdale_\(Osasco\)#cite_note-4](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rochdale_(Osasco)#cite_note-4)

Sustentabilidade; Agenda 21 e Carta da Terra; Cultura, Política e Comunicação) e as Oficinas de Formação Específica (Rádio Escolar, Jornal Escolar e Grêmio Estudantil).

O Projeto JovemPaz iniciou em 2002 e teve sua última atividade em 2004, na 4ª Festa JovemPaz realizada em Osasco. O Projeto contou com o financiamento do Programa “Geração da Paz” da Petrobrás e foi gerido e desenvolvido pelo Instituto Paulo Freire.

No âmbito da Educação Social do Projeto JovemPaz é necessário situar o contexto de articulação da área que no país evidencia ritmo próprio tanto no plano teórico como no prático. Internacionalmente, a Pedagogia Social, em interface com profissionais de diferentes áreas, é reconhecida como ciência, como disciplina curricular, como área de intervenção sócio-pedagógica, como campo de pesquisa e como profissão. No cenário brasileiro a prática se impôs à teoria. Por várias décadas houve negação e resistência por parte de educadores escolares e acadêmicos em relação à Pedagogia Social. Atualmente, apesar de avanços na visibilidade de trabalhos sócioeducativos, ainda persiste o desconhecimento sobre a área, expresso inclusive por muitos de seus trabalhadores, profissionais ou voluntários, ainda que esta seja a base de fundamentação e de subsídios teóricos e práticos nesse campo. (MACHADO, 2009: 1,2)

A Educação Social do Projeto JovemPaz atrelada a Ecopedagogia foi a base da práxis do Projeto visando a formação de jovens e adolescentes que atuariam em suas comunidades como líderes comunitários e protagonistas da cultura de paz e da sustentabilidade, visando construir um mundo mais justo e humano.

A cultura foi um tema fundamental discutido no desenvolvimento das atividades do Projeto, pois,

“na lógica da cultura (...) o campo comunicativo se reestrutura segundo a prática, o desejo e o pensamento dos participantes” CHAUI (1986: 73).

A presença de um estudo fecundo acerca da base das múltiplas culturas em cada comunidade foi de fundamental importância para promovermos a Leitura do Mundo crítica e emancipatória para conhecer cada realidade em que estávamos imersos descobrindo nossas potencialidades e dificuldades no cotidiano.

As oficinas de Formação Geral foram ministradas por Márcia Guerra, Maria Rita Avanzi, Cilene Victor da Silva Fernanda R. Alves Castanho, Nilton Fernandes e Flávio Boleiz Junior.

Aprendemos, com o desenvolvimento dessas oficinas, as bases para um pensamento da cultura da complexidade, para conhecermos as lutas de nosso planeta – na Agenda 21 e na Carta da Terra –, os desafios da comunhão de uma sociedade pacífica e igualitária – na Cultura da Paz e da Sustentabilidade –, e no trabalho com as dimensões dos meios de comunicação de massa atrelados a um amplo debate sobre suas interfaces na comunicação e na cultura – na última Oficina de Formação Geral: Cultura, Política e Comunicação.

E todos esses “Círculos de Cultura” corroboraram para uma apreensão densa da realidade, vendo o caráter de uma imersão popular comunitária que emergia no âmbito do Projeto JovemPaz. Dentro desse contexto, o que foi percebido é que

ao se falar das diretrizes político-ideológicas que nortearam a cultura brasileira, no interesse de diversos grupos sociais em trazer para o seu escopo interpretativo os

fenômenos culturais do conjunto da sociedade civil, a problemática do popular ganha inúmeros contornos explicativos na tentativa de determinação da totalidade social que compreende, dialeticamente, as contradições que surgem na apropriação dos meios de produção, iniciativa ainda mais fundamental para garantir a hegemonia das classes dominantes (MELLO, 2009: 43,44)

O que nos foi ensinado e aprendido foi uma lição de amor e carinho pela vida em suas múltiplas vicissitudes, no que concerne a um compromisso de solidariedade com o Planeta Terra, seja no campo da Cultura, da Educação Social, da Comunicação, seja na simples solidariedade dentro de cada polo do JovemPaz. A comunhão e a partilha inter-polos nas festas foram uma vivência fraternal que a experiência do Projeto pôde proporcionar.

Em nossa sociedade capitalista as manifestações populares muitas vezes são vistas apenas como folclore, pois não correspondem aos ditames da cultura de massa. Sem polarizar, pois acreditamos na ambiguidade tanto no âmbito popular como no de massa, acreditamos que o Projeto JovemPaz trouxe um resgate de identidade cultural e social, em que os jovens e adolescentes se assumiram como sujeitos da História, como Paulo Freire tanto buscava na conscientização de suas pedagogias.

E para isso foi fundamental a conjugação da Educação ao Social formando a Educação Social, que foi eixo motriz do Projeto. Nesse sentido acreditamos que

A Pedagogia Social e a Educação Social estão situadas num ponto onde confluem o educativo e o social, e as suas origens e desenvolvimento histórico só podem compreender-se a partir desta perspectiva. Na sua configuração, as necessidades práticas sempre

apontaram o caminho da reflexão teórica, o que marcou a identidade da pedagogia social como disciplina científica e da educação social como espaço de intervenção prática. A educação social define-se, não só pelas funções que tradicionalmente têm constituído a sua esfera de competência, como também por aquelas que, em resposta às necessidades derivadas da realidade cambiante, lhe são circunstancialmente atribuídas. Existe, igualmente, uma legitimação e fundamentação da educação social em diversos textos legais, tanto internacionais como de carácter nacional, nos quais se recolhe a filosofia das políticas sociais de cada país. Assim sendo, não há uma forma unívoca de entender a educação social, mas sim diversas concepções de acordo com espaços e momentos. Tudo isto faz com que, ao longo do tempo, não se tenha produzido tanto uma evolução conceptual como diferentes formas de a interpretar. (DÍAZ, 2006: 91)

O JovemPaz trabalhou a Educação Social como marco histórico e cultural confluindo numa pedagogia freiriana e libertadora. Nesse itinerário encontramos múltiplas manifestações artísticas, culturais e comunitárias que encharcaram de sentido os encontros do Projeto. Ressignificaram a vida dos jovens e adolescentes apresentando uma proposta emancipatória de uma pedagogia de escuta que acolhia os sonhos e projetos desses sujeitos.

Nas Oficinas de Formação Específica (Jornal Escolar, Rádio Escolar e Grémio Estudantil), o paradigma da Educomunicação foi imperativo. Um *modus vivendus* de estudar os meios de comunicação de massa investigando seus mecanismos de controle e poder e vislumbrar a política e a participação popular do Grémio Estudantil para além de partidarismos, mas como práxis da vida, celebração e enfrentamento constante de nossas histórias e trajetórias que geram inevitavelmente vivências políticas.

Ao vislumbrarmos a Educomunicação como práxis das Oficinas de Formação Específica do Projeto JovemPaz é fundamental verificarmos a

Educomunicação como processo e não como método. (...) que este novo macrocosmo seja um conjunto de fatores capaz de fazer avançar além da utopia de propiciar a participação real de agentes no processo comunicacional. Agentes estes constituídos pela soma de educadores/educandos e comunicadores/comunicados. E processo comunicacional este composto pelas audiências frente ao que é produzido pela mídia. A utopia comunicativa, pois, é esta, de fazer produzir uma cultura de participação com os agentes produzindo um esquema cognitivo inovador, capaz de, através do sistema ação-reflexão-ação, ganhar autonomia e crítica em relação àquilo que se recebe em se tratando de comunicação e suas múltiplas funções. Trocaria, portanto, a Educomunicação enquanto método por uma Educomunicação enquanto estratégia de intervenção. Isso, ratifico, a torna viável enquanto formadora institucionalizada, ou seja, pragmática e organizativa. (MESSIAS, 2011: 37)

É nesse quadro que a Educomunicação foi difundida nas Oficinas Específicas. Os Educadores Luciano Carvalho Barbosa (Jornal Escolar), Luiz Carlos de Oliveira (Grêmio Estudantil) e Alexandro Fernando Silva (Rádio Escolar) tiveram suas práticas pedagógicas permeadas pelo paradigma da Educomunicação, uma perspectiva pedagógica que agrega Educação e Comunicação visando promover uma formação comunicativo-educacional para apreender acerca dos meios de comunicação e produzir seus próprios meios com um olhar comunitário e sustentável.

A Comunicação é presença constante em nossa vida, mas no lugar dos meios de

massa, o Projeto JovemPaz propôs meios de comunicação escolares que trouxessem a voz da comunidade para dentro da escola. A proposta de meios solidários que promovessem a cultura da paz e da sustentabilidade e não da violência e do consumismo tão difundidos pelos meios de comunicação de massa que estão concentrados nas mãos de poucas famílias. O JovemPaz trouxe a crítica a esses meios, mas não se limitou a isso. Foi propositivo no sentido da construção de um Jornal e de uma Rádio críticos que pudessem aliar Escola e Comunidade na construção de laços fraternos e solidários de uma perspectiva intercultural.

Ao passo que nos meios de comunicação de massa é o dinheiro, o capital, que norteia todas as ações, nos meios de comunicação JovemPaz a rede de emancipação, conscientização e libertação era difundida abarcando a cultura popular de cada comunidade.

E é importante constatar que no Grêmio a ação político-pedagógica de comunhão e partilha de sonhos, saberes e projetos pressupõe

agregação, juntar-se para a ação; exige coletivo, saber ouvir, falar; exige tolerância, aprendizagem, agir na diversidade. (...) porque estudante é gente em ação, é curiosidade, motivação, formação continuada e permanente, pessoas que vão se fazendo na história e com a história, recriando seu mundo, seus valores, suas culturas, suas comunidades (JOVEMPAZ, 2004: 136, 137)

As lições aprendidas por nós nessa aventura do Projeto JovemPaz foram de união, fé e esperança. Lições que nos chamaram a construção de um novo mundo. Menos injusto, malvado, desumano e desigual. Estudamos a diversidade cultural, as múltiplas gentes e como congregar em meios políticos, comunicacionais e emancipatórios essa pluralidade.

Foram muitas Oficinas com diferentes educadores, mas cada um com sua marca, com a sua história, com o seu testemunho e sua trajetória de lutas. Fomos marcados por uma busca incessante pela paz, pela justiça social e pela sustentabilidade. A Ecopedagogia que se fez em Festa e também em Círculos de Cultura Virtuais.

As Festas que aconteceram em cada polo e depois que reuniu as três comunidades em dois folguedos que marcaram a história de vida de cada um. Foram encontros emocionantes em que podemos aprender coletivamente e partilhar histórias que se encontraram dentro do JovemPaz.

No Vale do Ribeira as festas aconteceram na Escola Estadual Coronel Jeremias Júnior e no evento da Ação da Cidadania no bairro do Rocio. Em Osasco as festas foram na Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida e na aldeia indígena de Parelheiros em São Paulo. Já no Morro Doce, o espaço das festas foram o Projeto Arco-Íris e a Praça do Mini-Hemp.

Nesses folguedos a celebração da vida foi marca registrada e a partilha de experiência para trazer a comunidade para dentro da escola e levar o JovemPaz até essas comunidades. Em dezembro de 2003 e dezembro de 2004 foi a vez de unir os polos primeiro no Vale do Ribeira e por último em Osasco.

Mais adiante em nosso trabalho vamos tratar dessas duas festas que foram, sem dúvida, as mais significativas para os jovens e adolescentes e para toda a equipe que organizava e participava efetivamente do Projeto JovemPaz.

Sem esquecermos aqui da importância dos Círculos de Cultura Virtuais que anteciparam os abraços reais das festas, unindo pelo ciberespaço os participantes de cada uma das três comunidades.

Pudemos encontrar uma rede que teve

o esforço por tornar as tecnologias acessíveis e úteis para a formação de pessoas e para as necessidades populares (...). Com o advento da Internet, algumas comunidades constataram que a rede pode ser um dispositivo poderoso para os movimentos sociais. Não só serve para certas faixas de poder político e econômico, mas também às comunidades que fazem certo uso crítico delas. Exemplo disso são: a Favela Monte Azul, a Casa do Zezinho ou o MST, ao abrir e manter um espaço de interlocução e formação na Internet (JOVEMPAZ, 2004: 150).

A educadora Margarita Victoria Gomes foi a responsável pelos Círculos de Cultura Virtuais do JovemPaz e contribui com a nossa formação apresentando o fantástico universo da Internet e suas possibilidades de interação culturais e sociais aproximando Morro Doce, Rochdalle e Vale do Ribeira. Foi uma experiência muito rica em que agregou muito sendo um preparativo para os abraços reais da Festa JovemPaz. Mas os Círculos de Cultura Virtuais foram responsáveis pela primeira aproximação de nós jovens e adolescentes que mesmo em comunidades distantes puderam trocar ideias e se socializar através da Internet.

Passamos agora, em nosso trabalho, para a análise da Pedagogia que norteou – ao lado da Pedagogia Social – o trabalho do Projeto JovemPaz: a Ecopedagogia em sua Leitura do Mundo da Cidadania Planetária.

4. Ecopedagogia do Projeto JovemPaz: a Leitura do Mundo da Cidadania Planetária

O Projeto *JovemPaz* visava promover a construção intercultural da paz e da sustentabilidade, formando educadores sociais para atuar em suas comunidades. Nasceu com a proposta de desenvolver uma Ecopedagogia, uma pedagogia apropriada a essa construção, tendo como documentos referenciais a Carta da Terra e a Agenda 21. Esta última, fruto do encontro da Rio-Eco 92, trata da

“...importância de cada país a se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas socioambientais”⁸.

É nesse sentido que acreditamos que o Projeto *JovemPaz*, ao trazer a discussão da Agenda 21, promoveu uma reflexão sobre que planeta queremos construir, verificando qual realidade planetária vivenciamos atualmente. Dentro dessa perspectiva, o que se evidenciou foi a necessidade de nos utilizarmos da Agenda 21 como referencial para esse debate. A amplitude necessária foi alcançada levando às questões globais, mas partindo da localidade como olhar inicial, analisando nossa realidade num contexto “glocal”.

E é compreendendo a necessidade desse percurso que articulamos nossos trabalhos com a Carta da Terra, que fala da necessidade de tratar como Mãe e Pátria o nosso planeta, como um ser que irradia a nossa vida. Igual à medida que pulsa como nós em vida e diferente quando irradia de flora, fauna, rios e mares, na condição de “Terra Mãe” que declara em sua Carta

“...uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século 21, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca

⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Agenda_21

inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação” sendo constituída em 2000 pela Comissão da Carta da Terra⁹.

A Ecopedagogia tem como proposta viabilizar a sustentabilidade em nosso planeta. Não apenas no campo ambiental como nas relações estabelecidas pela humanidade: econômicas, sociais, culturais, étnicas, de gênero, etc.

E, ao pensarmos em uma Ecopedagogia dentro do Projeto JovemPaz, compreendemos que sua práxis não se dissocia humanidade de natureza, mas sim a união dessas lutas não apenas numa perspectiva ecológica e humanitária.

Nesse sentido, a Ecopedagogia visa à cidadania planetária, compreendendo a nossa mãe Terra como uma casa única para toda a humanidade. O trabalho pela cidadania planetária compreende um planeta sem fronteiras, uma pedagogia da solidariedade, do amor, da amizade, da ética, dos movimentos sociais, em defesa de uma escola democrática.

Foi com a intenção de fazer o Projeto JovemPaz a partir dos referenciais da Ecopedagogia que se viabilizou a construção da cidadania planetária para desenvolver um trabalho pedagógico que abarcasse a paz e a sustentabilidade.

A sustentabilidade aqui contemplada não é no sentido empresarial e capitalista que visa o lucro através de estratégias de marketing, mas sim a sustentabilidade da vida, dos sonhos, das utopias, do trabalho em rede, da transformação social e ecológica integradas.

⁹ http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/what_is.html

Diversidade e diferença

A Sustentabilidade, que ancora o amor, o respeito e a integração étnico-racial, que convive sustentavelmente com diferentes expressões de sexualidade, promovendo a sustentabilidade na igualdade de gênero entre homens e mulheres, rompendo com o patriarcado fundado na colonização.

É por essa sustentabilidade que lutamos, pela ética sustentável frente à corrupção, pelo enfrentamento da lógica capitalista superada pela sustentabilidade tecnológica. Em seus múltiplos matizes, uma sustentabilidade que, segundo BRANDÃO (2008: 36),

“...opõe-se a tudo o que sugere desequilíbrio, competição, conflito, ganância, individualismo, domínio, destruição, expropriação e conquistas materiais indevidas e desequilibradas, em termos de mudança e transformação da sociedade ou do ambiente. Assim, em seu sentido mais generoso e amplo, a sustentabilidade significa uma maneira igualitária,

livre, justa, inclusiva e solidária de as pessoas se unirem para construírem os seus mundos de vida social, ao mesmo tempo em que lidam, manejam ou transformam sustentavelmente os ambientes naturais onde vivem e de que dependem para viver e conviver”.

E no *JovemPaz* falamos de sustentabilidade e paz construídas interculturalmente, em que a construção da paz não deve ser considerada algo homogêneo, monocultural, mas sim pautada na diversidade cultural que existe em nosso planeta Terra. O *JovemPaz* resgatou o legado de Nelson Mandela, Marthin Luter King, Mahatma Gandhi e Madre Teresa de Calcutá para ter como referências de lutas pela paz, a igualdade e a justiça social.

A paz deve estar integrada à luta pela democracia, pela superação da miséria e da pobreza. Não uma paz que nega as desigualdades e injustiças planetárias, mas sim uma cultura de paz que se contraponha a violência e a miséria, que lute pela justiça social e pelo respeito aos direitos humanos.

Comunitariamente, pudemos vivenciar isso no Projeto *JovemPaz*, reconhecendo que dentro de nossas comunidades devíamos mudar nossas posturas e ser mais justos e fraternos, desenvolvendo uma prática de amizade que nos tornasse mais críticos, companheiros, pacíficos e sustentáveis.

Usando da metodologia dos círculos de cultura¹⁰, os educadores do Projeto *JovemPaz* promoveram um processo de conscientização e mobilização comunitária que possibilitou a articulação com as comunidades. Foram os círculos de cultura que nos levaram a rever

¹⁰ Por círculo de cultura, compreende-se o espaço de ação educativa em que os participantes estão envolvidos em um processo comum de ensino e aprendizagem, com liberdade de fazer uso da palavra (se expressar), intervir, estabelecer ações horizontais, vivenciar ações coletivas em que estão inseridos; isso mediados pelo diálogo, num processo reflexivo (HENRIQUES & TORRES, 2009: 1).

preconceitos, a interagir mais com os diferentes e a potencializar em nós uma postura solidária e participante.

É importante compreender que na construção da Ecopedagogia devemos englobar uma perspectiva fraternal que compreende a luta coletiva pela mobilização comunitária, verificando que, quando nos referimos no *JovemPaz* a suas práticas ecopedagógicas, verificamos que essas práticas contemplaram a dialoicidade e o respeito aos conhecimentos trazidos pelos educandos.

Diferentemente da escolarização formal que tivemos, na qual a Terra era apenas um conteúdo de Geografia e Ciências, no Projeto *JovemPaz* fomos marcados por uma pedagogia que nos diz que somos cidadãos do mundo vendo a Terra como grande mãe, como um organismo vivo e pulsante, desencadeada pela contribuição ecopedagógica.

É dentro dessa vertente da cidadania planetária em que somos todos cidadãos e cidadãs de uma mesma nação que é a “Terra Mãtria” que acreditamos que somos todos *cidadãos do mundo*. Um mundo desigual e injusto, que não deveria nem ter fronteiras. Afinal, somos todos cidadãos da mesma casa. A Terra é a nossa morada.

Foi nesse contexto de expansão da nossa cidadania que nos encontramos na condição de *cidadãos planetários*. Isso aconteceu no campo da construção de novos conceitos compartilhados no âmbito do *JovemPaz*.

Sendo um espaço de Educação Popular, o Projeto *JovemPaz* constituía um espaço de construção e reconstrução dos saberes partindo do conhecimento acumulado dos jovens e adultos participantes. A prática da Ecopedagogia recolhia esses conhecimentos já adquiridos pelos jovens e adultos e, como num “caldeirão cultural”, somava-os aos conhecimentos historicamente acumulados pelos educadores.

Essa era a proposta da Ecopedagogia do Projeto JovemPaz: transformar conhecimentos, compartilhar vivências. De maneira dialógica, cada um contribuindo com a sua proposta, sendo aberta e estimulada a participação de todos.

Entendia-se como um vínculo estreito às nossas discussões o respeito ao meio ambiente e a promoção de novas relações entre nós mesmos. Haja vista a interação entre os grupos de diferentes cidades e bairros como no caso do Vale do Ribeira, divididos primeiramente em municípios de Barra do Ribeira, Iguape e Ilha Comprida e o bairro do Rocio de Iguape para apenas durante o desenvolvimento das atividades do Projeto JovemPaz superarem suas questões de bairrismo e interagirem como grupo coletivo mediados pela práxis da Ecopedagogia que promove vínculos e não rivalidades.

Os diversos caminhos interculturais propostos na sala de aula

E no JovemPaz foi garantida a Ecopedagogia como uma possibilidade de partilha, de comunhão, de construção de cidadania, sendo propulsora de uma educação da sensibilidade,

da intuição, de onde surgiu a necessidade da amizade, onde se fez emergir a pluralidade cultural e a diversidade do nosso meio ambiente em que fauna e flora vivem harmoniosamente apesar de todas as ameaças que estamos realizando. Superando desmatamento e poluição, por exemplo, a natureza convive com seu equilíbrio, ainda que nós seres humanos estejamos botando em xeque a existência no planeta.

E nesse sentido compreendemos que a Ecopedagogia do *JovemPaz* indaga também o modelo econômico que é a globalização predatória em que vivemos pressupondo a necessidade da promoção de uma Economia Solidária, para que seja superada a competição promovida pelo capitalismo.

E essa Economia parte da solidariedade e não do lucro como incutido na lógica do mercado. É uma Economia que acontece no bojo da relação democrática, nascendo dentro de uma sociedade em que imperam a competição e a rivalidade. Na contramão dessa perspectiva, a Economia Solidária prima pela construção coletiva e socialmente ética se espalhando pelo nosso país como aponta a *Carta de Princípios da Economia Solidária* do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (Fbes) que afirma que

“...a economia solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra, seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida”.

A discussão acerca do modelo hegemônico que vigora no século XXI, a globalização predatória que promove desigualdades, miséria, fome, desumaniza a humanidade tomando-a como mercadoria, esteve presente no Projeto *JovemPaz*. Mas também a “outra” globalização

como diz Milton Santos esteve presente em nossas discussões, a “Planetarização” no dizer de Ângela Antunes, promovida pelo advento das redes midiáticas e pela Internet, contribuindo com a construção da cidadania planetária discutida no Fórum Social Mundial e Fórum Mundial de Educação.

É nesse sentido que caminha a nossa discussão acerca do Projeto *JovemPaz*, seja nos aspectos econômicos, sociais, culturais, ambientais, trabalhando no local, sem perder o horizonte do global em nenhum momento. Quando se luta pela preservação da Mata Atlântica, também deve haver preocupação com o derramamento do petróleo nos Estados Unidos. Só assim, na mobilização social, se constrói uma cidadania plenamente planetária.

Nesse contexto, o que verificamos é a importância de nos referirmos à prática de Ecopedagogia na qualidade de pedagogia libertária, freiriana e popular, aqui aceita como práxis pedagógica do Projeto *JovemPaz*

A Ecopedagogia valoriza a humanização numa perspectiva dialógica, em que todos juntos constroem uma pedagogia democrática e participante, em que relações intertransculturais são construídas tendo em vista a construção da paz e da sustentabilidade. Nesse contexto, os participantes do Projeto se aliaram a uma compilação fraternal em encontros horizontais, reconhecendo e abarcando o potencial de cada um, promovendo assim a construção de uma cultura popular e libertadora que advém da filosofia de educação freiriana.

É com esse outro lócus pedagógico que o Projeto *JovemPaz* trabalhou, procurando utilizar a Ecopedagogia em comunidades em que amar é muito distante, em que a desigualdade social é um enfrentamento cotidiano .

É nesse sentido que se trabalha para a construção de uma outra sociedade: uma sociedade igualitária e planetária tal como compreendida por GUTIÉRREZ & PRADO, (1999: 64) sendo assim,

“... uma sociedade planetária (que) caracteriza-se pela abertura, dinamismo, interatividade e complexidade, requer processos pedagógicos igualmente abertos, dinâmicos e criativos, nos quais os protagonistas – como sujeitos do processo – estejam em atitude de aprendizagem permanente e, portanto, participem, se expressem e se relacionem tal qual se concebe na mediação pedagógica”.

Num processo dinâmico, nossas discussões no âmbito do Projeto *JovemPaz* entre os educandos e educadores alcançavam o cerne da necessidade da construção de uma outra sociedade, dado que essa em que vivemos está insustentável, ambiental e socialmente falando.

Nesse sentido, a práxis ecopedagógica difundida no Projeto *JovemPaz* culmina com a educação para uma outra realidade possível, pela construção de um novo espaço comunitário. Realidade essa construída através de um debate profícuo sobre a comunidade e o mundo em que vivemos. Consiste em constatar para mudar. Refletir para agir.

O agir ecopedagógico é um agir transformador. Parte-se do debate para a mudança. Nesse sentido, a ação local não perde o seu foco global na medida em que transformar a nossa casa é o primeiro passo para transformar a nossa Terra-Mátria que nos gerou e nos abriga, tendo sido tão maltratada e destruída pelo ser humano. A Ecopedagogia cria laços de harmonia com o nosso planeta e a Natureza, construindo assim a cultura cooperativa consubstanciada pela formação de Educadores Sociais do Projeto *JovemPaz*.

E nesse trilhar, a Ecopedagogia se propôs a educar para a construção de outro mundo possível, dando voz aos jovens tão excluídos e estereotipados na contemporaneidade, ressignificando os seus projetos de vida, devolvendo o direito a sonhar. Nesse sentido, o Projeto *JovemPaz* promoveu uma educação emancipatória, dando aos jovens capacidade de intervir alegremente em seu espaço escolar e em sua comunidade, tornando-se sujeitos e deixando de ser objetos oprimidos. A promoção de uma “educação como prática da liberdade”, tendo a inspiração freiriana fortemente presente, promoveu uma formação crítica de Educadores Sociais que fizeram com que suas vidas se tornassem sustentáveis.

A pluralidade cultural esteve implícita o tempo todo no Projeto *JovemPaz* nos círculos de cultura, nos debates, palestras e nas festas realizadas. Guardada na memória de todos, a ação cultural do projeto garantiu o reconhecimento da pluralidade de culturas existentes no nosso planeta Terra. Isso foi difundido com constância para não apenas valorizarmos as outras culturas, mas, sobretudo, para aprendermos com elas. Numa pedagogia da convivência com o outro, reconhecendo a sua diferença, mas não tendo essa diferença como desigualdade.

A Ecopedagogia do Projeto *JovemPaz* é também uma pedagogia de esperança por um mundo mais justo, por relações pacíficas e sustentáveis. E os educandos e educadores trilharam esse caminho de esperança promovendo festas, sendo protagonistas na conjuntura desse processo. Esses educandos, além de mais esperançosos, ficaram mais críticos e comprometidos com a realidade que os cerca. Pensando na busca de um outro mundo possível, onde homens e mulheres possam viver de outra forma em equilíbrio com a natureza e as relações humanas, os jovens e adultos se formaram conscientes da urgência de

mudanças em nossas atitudes, valores e formas de agir em relação ao planeta em que vivemos.

A Ecopedagogia do Projeto JovemPaz teve como imperativo uma pedagogia dialógica. Uma pedagogia sem o caráter autoritário da escola não democrática que silencia a voz do jovem sem dar a ele o direito de se expressar, de manifestar sua cultura.

A formação dos educadores sociais do Projeto JovemPaz, tendo como práxis a Ecopedagogia, preconizava uma pedagogia da solidariedade que promovesse laços e não conflitos, carinho e não rivalidade, emancipação e não alienação. Essa foi a proposta da Ecopedagogia do Projeto JovemPaz.

Amplidão na construção de pensamentos

A Ecopedagogia do Projeto JovemPaz, está inserida num contexto sociocultural mais amplo que a escola – instituição social que atua na prática da educação formal – atribuindo

à educação uma conotação de prática comunitária e popular que atua promovendo compromissos e vínculos, gerando uma responsabilidade social pela prática educativa.

É nesse sentido que a missão da Ecopedagogia do Projeto JovemPaz foi constituída numa aproximação das escolas com as comunidades, dos educandos com organizações não governamentais e movimentos sociais numa reflexão de que espaço eles estão inseridos, de que meio ambiente e meio de vida eles fazem parte, valorizando o papel do professor e corroborando numa perspectiva dialógica entre educadores e educandos no âmbito de uma proposta pedagógica libertária.

A escola, numa perspectiva ecopedagógica, deve se abrir para a comunidade, pois o “eco” que constitui sua palavra vem do grego *oikos*, que significa casa. E a “casa” do Projeto JovemPaz era a escola, as comunidades, os movimentos sociais e as organizações não governamentais. A promoção do espaço escolar como polo sociocultural onde as famílias se sintam à vontade e a comunidade seja parte da organização pedagógica e cultural na práxis escolar é fundamental para o desenvolvimento do cotidiano escolar. Promovendo atividades culturais como as festas, o cinema, a música, como também a presença de eventos esportivos como o xadrez, o jogo de damas, o futebol, o voleibol, palestras de temas de interesse para a comunidade entre tantos outros eventos que tragam para dentro da escola a comunidade, concebendo-a como polo comunitário. Isto, sem se esquecer de convidar a comunidade para dar sua contribuição no campo pedagógico, dando sugestões de atividades, participando do trabalho escolar não apenas como amigos da escola, mas como uma grande família que vive comunitariamente. Numa escola assim, vai ser mais fácil se desenvolver de forma prazerosa e ser feliz.

Consideramos que é uma grande contribuição para a Ecopedagogia do Projeto JovemPaz a sua Leitura do Mundo através da organização e realização das atividades.

Numa efervescência cultural pulsante, o educando se encontra em rico processo de aprendizagem na autogestão do Projeto. E é registrando sua realidade, suas palavras, o seu mundo local que ele passa a problematizar o seu contexto, visando à transformação de sua realidade.

Ler o mundo na perspectiva da cidadania planetária foi um dos grandes objetivos da organização do JovemPaz. Registrar a realidade onde estavam inseridos os educandos. Descobrir as comunidades em que eles vivem para, a partir daí, resgatar a sua identidade sociocultural.

Respeitar o universo dos educandos, a sua maneira de perceber a realidade e a sua história está implícita na busca de compreender e interpretar a Leitura do Mundo de educandos e educadores, tal como proposto por FREIRE (1997:107) que nos diz que

“...é neste sentido que volto a insistir na necessidade imperiosa que tem o educador ou educadora progressista de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica dos grupos populares, de entender como fazem eles sua leitura do mundo, de perceber suas ‘manhas’ indispensáveis à cultura de resistência que vai se constituindo.”.

A Leitura do Mundo do JovemPaz promove essa assunção da sintaxe, da semântica, das “manhas” e do modo de se expressar diante do mundo em que vivemos.

Visita JovemPaz à aldeia Guarani, no bairro Parelheiros, na capital paulista.

A promoção da Leitura do Mundo no âmbito da cidadania planetária traz a manifestação particular de cada educando para que possamos dar vazão aos nossos sonhos, às nossas utopias.

Essa ruptura com a rotina caracteriza o Projeto JovemPaz como evento cíclico, sustentável e autogerido pelos participantes que promovem a sua Leitura do Mundo.

A Leitura do Mundo mexe com a memória local trazendo manifestações artísticas para dentro da escola, viabilizando, desse modo, o resgate da cultura local, permitindo a leitura da realidade e a percepção da importância da sua comunidade num âmbito histórico-cultural.

E no âmago da Leitura do Mundo, é importante saber que

é preciso que o povo seja 'sujeito de seus símbolos'. Trata-se de descobrir símbolos capazes de dramatizar a história de resistência do povo, que possibilitem uma consciência totalizante das vivências diversas no cotidiano. (...), produzirá identificação em torno de valores e utopias comuns e legitimará as formas populares de ação e organização (RIBEIRO JÚNIOR, 1982: 35).

Monstro de lixo construído com material coletado nos arredores da escola — Iguape.

Sendo essa, vetor de utopias, a Leitura do Mundo incorpora os desejos e vontades de seus participantes. Tendo em mente o trabalho emancipatório como eixo motriz, as produções culturais proporcionadas são reflexos do que foi debatido e produzido coletivamente.

O que não pode ser deixado de lado na análise da Leitura do Mundo do Projeto JovemPaz que está dentro da cultura brasileira é o seu dinamismo, as suas interfaces com as

estruturas socioeconômicas, a articulação com múltiplos espaços, a sua ligação comunitária, tendo em vista que em uma

“...sociedade como a nossa, onde existem diversos espaços culturais, os vários níveis de cultura estão apenas submissos e articulados, raramente integrados, e onde a maior parte da população nem frequenta as escolas, ou o faz em condições precárias durante muito pouco tempo (...) a fragilidade cultural como decorrência, permite que se instalem nos ‘vazios’ que separam as subculturas conteúdos ideológicos colonialistas, frente aos quais os agentes humanos abandonam práticas culturais cuja utilidade nunca havia sido contestada anteriormente” (WHITAKER, 1982: 12).

A “Leitura do Mundo”¹¹ promovida em articulação com a cidadania planetária foi desencadeada pela incorporação das expressões culturais dos participantes do *JovemPaz* e de suas comunidades, traduzindo-se em criações culinárias, poéticas, musicais, teatrais etc.

Nesse território do Projeto *JovemPaz*, a *Leitura do Mundo da Festa* foi pensada tendo por objetivo analisar a realidade em que estavam inseridos educadores e educandos, promovendo uma leitura crítica acerca de seu entorno para compreender sua história e sua cultura.

Essa força de aglutinar da *Leitura do Mundo do JovemPaz* foi fundamental para o crescimento dos educandos participantes. O contato com a arte local, a organização

¹¹ Compreendida aqui pela definição de PADILHA (2001: 266) como “a metodologia da ‘leitura do mundo’ que, segundo Paulo Freire, permite pesquisar o universo escolar dos estudantes para, a partir dele, definir o currículo da escola numa perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, torna-se possível realizar estudos relacionados a uma visão de totalidade do conhecimento, porque situações significativas são desveladas pela própria comunidade escolar no processo de investigação da realidade, o que permite definir ‘temas geradores’ de toda a ação curricular, ampliando, assim, o universo cultural dos alunos e das alunas”.

cooperativa e o registro do contexto em que estavam inseridos potencializaram uma capacidade crítica de conhecer a sua comunidade.

Coletivo para preparo de almoço em dia de atividades comunitárias – Iguape

É da obra de Paulo Freire que advém o conceito de Leitura do Mundo. Freire nos dizia que era importante ler o mundo para transformá-lo. E é em ANTUNES (2000: 59) que podemos conhecer um pouco mais sobre esse conceito freiriano,

“do primeiro (1959) ao seu último livro em vida (1997), Paulo Freire reflete sobre a importância de conhecer a maneira como mulheres e homens, com os quais desenvolvia o processo educativo, interpretavam o mundo. O seu trabalho partia sempre dos níveis e das formas como os educandos compreendiam a realidade e não apenas da forma como ele, educador, interpretava-a. Estava preocupado em elaborar uma pedagogia comprometida com a melhoria das condições de existência das populações oprimidas. E essa pedagogia não seria construída ignorando a realidade em

que estavam inseridos os educandos a quem ela se dirigia, tampouco ignorando a Leitura do Mundo que dela eles faziam”.

Na escola em que estudei não tive a liberdade de me expressar, minha voz foi silenciada. Sem o espaço do JovemPaz tive minha voz abafada e minha criação artístico-cultural engessada, sempre com ações verticalizadas, sem o espaço de formação de vínculos, mas sim de reprodução de conteúdos. O que o JovemPaz pretendeu foi trabalhar numa perspectiva fraterna e acolhedora para que todos se tornassem agregados de saberes, desejos e sonhos, expressando suas múltiplas manifestações e formas de interação solidária e afetiva.

O Projeto JovemPaz revolucionou vidas, dando espaço para as várias vozes serem ouvidas e múltiplas subjetividades serem trabalhadas a partir de um projeto educacional que não exclui as perspectivas simbólica e subjetiva.

Em Paulo Freire, encontramos a importância da Leitura do Mundo para o autor, também elucidada nas memórias da sua alfabetização:

“Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o quadro-negro; gravetos, o meu giz. Por isso é que ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos, cujo desaparecimento recente me feriu e me doeu e a quem presto agora uma homenagem sentida, já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. (...) Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”
(FREIRE, 1983: 16-7)

E é nesse sentido que a Leitura do Mundo do Projeto JovemPaz é inclusiva, dando vazão ao grito que Jhon Holloway¹² nos ensina. Um grito para viabilizar a mudança que queremos fazer no mundo. Um grito de liberdade e manifestação artística. Uma “ação cultural para a liberdade” como fazia Paulo Freire em suas andarilhagens. O aprender e ensinar como arena político-cultural. Um espaço profícuo de reflexão sobre a comunidade em que vivemos. Apreciar a cultura da sua comunidade. É com esse espírito que é promovida a Leitura do Mundo, agregando o diferente, o novo, e não só respeitando o diferente, mas, sobretudo, aprendendo com ele, promovendo essa construção intercultural da paz e da sustentabilidade.

Na condição de espaço de vivenciar a solidariedade, a Leitura do Mundo agrega a utopia como canalizadora da força de educandos e educadores que se esforçaram para organizar e realizar o Projeto, registrando a cada momento sua capacidade de sonhar e de realizar seus sonhos no advento do folguedo. Concomitantemente à Leitura do Mundo, a construção da cidadania planetária propicia aos seus participantes a arte de se manifestar, de ter voz ativa, de construir de forma solidária, sempre registrando de forma crítica a realidade que os cerca.

São culturas múltiplas se encontrando dentro do Projeto JovemPaz, com modos diferentes de ver o mundo e vivenciar a vida. É nesse itinerário que se consolida uma

¹² Começamos com o grito, não com o verbo. Diante da mutilação das vidas humanas pelo capitalismo, um grito de tristeza, um grito de horror, um grito de raiva, um grito de negação: NÃO! O pensar, para dizer a verdade do grito, tem que ser negativo. Não queremos entender o mundo sem negá-lo. A meta da teoria é conceitualizar o mundo negativamente, não como algo separado da prática, mas como um momento da prática, como parte da luta para mudar o mundo, para fazer dele um lugar digno da humanidade. Fonte: http://www.deriva.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=59:doze-teses-sobre-o-antipoder-john-holloway-&catid=1:latest-news&Itemid=71

pedagogia acolhedora que agrega os diferentes em suas culturas. E é essa “experiência humana” que nos dá sentido em nossa vida no Planeta Terra. Viabilizar o encontro dessas diferentes experiências é o sentido da Leitura do Mundo na perspectiva da cidadania planetária.

É essa pedagogia da partilha que é promovida pela Leitura do Mundo do *JovemPaz*. Partilhar esperanças, saberes, histórias de vida, amor, e, sobretudo, partilhar o registro das realidades vivenciadas por educadores e educandos. O registro da economia em que vivemos sob a égide da globalização predatória e do capitalismo desumanizador. E a esperança que a planetarização nos dá de vivermos um outro projeto de sociedade.

Sendo a necessidade de ter prazer em viver, em festejar, em desvendar o mundo em que vivemos, descobrir a nossa realidade, dar vazão aos nossos sentimentos, extravasar num “caldeirão festivo”. É isso que provoca em nós a Leitura do Mundo do Projeto *JovemPaz* como espaço de liberdade e festança, onde de forma coletiva pudemos nos descobrir como seres humanos capazes de compartilhar cultura e conviver com o outro na perspectiva da intertransculturalidade. Um espaço onde as pessoas criam comissão. É importante que ela participe do coletivo da festa, onde se comissionar significa se cor-responsabilizar.

O *JovemPaz* deve ser compreendido como poética da existência. É desse modo que para os educandos e educadores o Projeto tem um sentido de plena realização coletiva, na simplicidade das coisas, em sua pureza, não no seu puritanismo. As atividades desenvolvidas que simbolizam uma celebração e esse já é motivo suficiente para o aprender-ensinar coletivo e individual, tendo a liberdade de se manifestar como indivíduo e como grupo.

Essa é a marca da Leitura do Mundo na perspectiva da cidadania planetária, uma pedagogia em que a livre expressão é garantida a todos os seus participantes. É nessa arena

política e cidadã que o Projeto JovemPaz também se insere como espaço intercultural e de exercício vivo da democracia. E o seu desencadeamento também é coletivo, cooperativo, solidário e político.

E a sua “pedagogia do oprimido” é uma ótima proposta para promovermos essa comunhão. Afinal, o Projeto JovemPaz significa alegria, união, reflexão, ação, esperança e fé. A força do Projeto JovemPaz é a união. Daí a proposta de uma unificação onde todos podem celebrar a vida, rompendo fronteiras entre as diferentes culturas, sendo espaço de diálogo, de construção com o outro, de intercâmbio, de troca, de oferta, de confraternização. A festejar a vida, a convivência, o estar junto, o bem querer o outro.

Só assim podemos construir uma outra sociedade mais justa e mais humana na qual podemos compreender o outro, ser atencioso às mazelas do mundo que atingem milhões de pessoas, ajudar sempre que possível, estar atento aos problemas ambientais, estar disposto a construir uma outra realidade. É só assim que se constrói o novo, o nosso sonho.

Ao romper com a rotina do cotidiano, o Projeto pode ser aproveitado como evento para nossa diversão, para nossa felicidade, para lermos o nosso entorno e compreendê-lo, para construirmos assim relações sustentáveis entre nós e nossa comunidade. Nesse caminho a ser construído, só podemos dizer que será mais prazeroso e alegre quanto mais dedicada, integrada e coletivizada for a nossa ação.

Ler o mundo pela no contexto da cidadania planetária foi um dos grandes objetivos da organização do JovemPaz. Registrar a realidade em que estavam inseridos os educandos. Descobrir as comunidades em que eles viviam para, a partir daí, resgatar a sua identidade sociocultural. Respeitar o universo dos educandos, a sua maneira de perceber a realidade e a

sua história estava implícito na busca de compreender e interpretar a Leitura do Mundo de educandos e educadores.

Sustentabilidade e afeto

A Leitura do Mundo promoveu essa assunção da sintaxe, da semântica, das “manhas” e do modo de se expressar diante do mundo em que vivemos. A Leitura do Mundo foi uma leitura de construção intercultural de paz e sustentabilidade. Afinal, estávamos satisfeitos com o mundo em que vivíamos no decorrer do projeto? Quais eram nossos sonhos de transformação do nosso planeta Terra: a Gaia misteriosa?

A promoção da Leitura do Mundo do Projeto JovemPaz se manifestou para que pudéssemos dar vazão aos nossos sonhos, às nossas utopias de uma cultura ecopedagógica de um planeta não apenas globalizado economicamente, mas planetarizado socialmente na promoção de uma grande rede articulada “glocalmente”, onde se dá assunção da cidadania planetária tão evocada em nossa pesquisa.

A Leitura do Mundo do JovemPaz mexeu com a memória local, trazendo manifestações artísticas para dentro da escola, viabilizando, desse modo, o resgate da cultura local, permitindo a leitura da realidade e sendo esse vetor de utopias. A Leitura do Mundo incorpora os desejos e vontades de seus participantes. Tendo em mente o trabalho ecopedagógico como eixo motriz, as produções culturais proporcionadas são reflexo do que foi debatido nos círculos de cultura e produzido coletivamente para a festividade.

Dinâmica: estátua gigante

Um dos exemplos do momento rico de Leitura do Mundo do Projeto foi a construção do boneco de lixo nos polos do Morro Doce e do Vale do Ribeira na 2ª Festa JovemPaz. Os grupos leram o seu entorno e recolheram o lixo para a construção de um grande boneco de lixo que, ao final, ao ser desmontado, foi fragmentado em papel, plástico etc. dando noções de reciclagem. Uma leitura apurada do meio em que vivem os educandos para registrá-lo e posteriormente compreendê-lo para, a partir daí, intervir criticamente em sua comunidade, conforme se constata no relato de Luciano, educador participante do Projeto JovemPaz:.

Essa ideia vem de um outro trabalho que eu fiz em M'Boi Mirim, no Espaço Cultural de M'Boi Mirim, na Casa de Cultura. Havia um cara, um rapaz, que por acaso eu conheci no Instituto Paulo Freire. Não por acaso. O Marinho estava de passagem por lá e a gente na qualidade de grupo de teatro Dolores, ele convidou para umas atividades juntas e pra uma atividade nossa aqui. Eu fui pra lá e numa dessas idas e vindas, troca de experiências, ele fazia num sábado de aleluia a malhação do lixo. Ele construía um boneco gigante – ele e as crianças – com o lixo recolhido nos arredores. Construía um bonecão de lixo que era uma ameaça para as crianças. Então, ocorria a malhação. E as crianças com garrafa PET malhavam o boneco e depois desmontavam ele todo, destruído. E usavam, durante o ano, o material do boneco destruído para fazer outras coisas, artes plásticas, outras intervenções. Então, a ideia não é nossa não (risos). E não tem nenhum problema. As ideias estão aí pra serem copiadas, refeitas, repensadas. Então, foi nesse sentido de construir mesmo. A partir do lixo do entorno, constrói-se o bonecão e realiza-se essa mística, essa intervenção cênica, que também é de novo trabalho festivo, criativo, que dá significado

metafórico. Ele mexe com várias dimensões da nossa objetividade e subjetividade. Diretamente atuando na questão do lixo, depois transformado isso e fazendo essa percepção por várias formas. São vários aspectos da apreensão de mundo, várias maneiras de apreender o mundo num jogo. Num jogo “participativo” mesmo, que tinha bastante gente.

A construção do boneco de lixo e sua malhação constituem uma profunda reflexão sobre o mundo em que vivemos mediados por uma “pedagogia do oprimido”, promovida pelo folguedo. O viver e aprender como arena político-cultural. Um espaço profícuo de reflexão sobre a comunidade em que vivemos.

É com esse espírito que foi promovida a Leitura do Mundo do Projeto JovemPaz, agregando o diferente, o novo, e não só respeitando o diferente, mas, sobretudo, aprendendo com ele. Sendo sustentável não apenas com o meio ambiente, mas, sobretudo, em nossas relações, promovendo vínculos, fazendo a festa da vida na cidade ou no campo, seja onde estivermos.

E nesse espaço combativo e de luta da Leitura do Mundo na perspectiva da cidadania planetária temos a necessidade de ter prazer em viver, em festejar juntos, em desvendar o mundo em que vivemos, descobrir a nossa realidade, dar vazão aos nossos sentimentos, extravasar num caldeirão efervescente. É isso que provocou em nós a Leitura do Mundo do JovemPaz na condição de espaço de liberdade e festança, onde de forma coletiva pudemos nos descobrir como seres humanos capazes de compartilhar cultura e conviver com o outro na perspectiva da intertransculturalidade.

Entrevista coletiva e colaborativa: Jornal e Rádio.

4. A arquitetura da memória da Festa JovemPaz

Resgatar a memória da Festa JovemPaz pressupõe mexer com as lembranças individuais e coletivas dos participantes do folguedo. É promover a interlocução dos guardados na lembrança da organização e realização da festa.

Compreende-se nessa pesquisa a memória como “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições

irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum” (POLLAK, 1989: 7).

Busca-se, pois, o resgate da memória dos participantes para melhor compreendermos o evento da Festa *JovemPaz*, para que tenhamos subsídios para sua interpretação. Escutar as memórias da festa foi fundamental para promovermos o diálogo e iluminar a memória de cada participante entrevistado. Mexer com o passado foi de suma importância para traçarmos um itinerário de como os festejos foram organizados, vividos e realizados pelos participantes do Projeto *JovemPaz*.

Os depoimentos coletados nessa pesquisa permitiram

“testar a veracidade dos fatos lembrados, o que constitui importante tarefa (...). Mas, além deste aspecto, e talvez mais importante ainda, cumpre verificar se informantes diversos têm os mesmos comportamentos, as mesmas maneiras de ser e pensar e, caso contrário, em que se distinguem” (HALBWACKS, 2006: 145).

Foi através das entrevistas que pudemos ficar frente a frente com o relato oral transmitido de forma diversa na dimensão individual e coletiva, na participação de cada entrevistado na Festa *JovemPaz*. Foi nesse contexto que confluíram, de forma simbólica e subjetiva, as lembranças das vivências de cada um na festa. A partir daí pudemos nos defrontar com um passado guardado na memória de cada um e afluído no momento da entrevista.

Arquitetar a memória dos participantes do Projeto *JovemPaz* foi o nosso objetivo nesse capítulo. Verificar as ressonâncias, as dissonâncias e todos os diferentes aspectos que a

oralidade traz à tona no advento das entrevistas foi fundamental para que pudéssemos compreender a riqueza que o trabalho com as memórias nos dá. É uma importante fonte para que possamos resgatar o que foi vivido e compreender no presente.

E é importante lembrar que

“...através dos séculos, o relato oral constituíra sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, fora a maior fonte de dados para as ciências em geral” (QUEIROZ, 1988:16).

E é nessa oralidade subjacente aos interlocutores entrevistador-entrevistado que se constituiu o exercício da memória. São saberes difundidos e diluídos num sistema híbrido em que voz e silêncio se arquitetam. São formulados arquétipos e mitos são ressoados. Ouvir a voz é condição *sine qua non* da consolidação de um diálogo fecundo em que as vidas são compartilhadas. É um momento de troca em que as experiências partilhadas suscitam aprendizagens plurais, norteando a concretização de uma pedagogia da escuta, balizada na dialogicidade e na partilha de vivências.

É importante saber que os relatos orais, uma vez transcritos, se transformam,

“... num documento semelhante a qualquer outro texto escrito (...) constituem hoje, como se constituíram no passado, a base mais sólida sobre a qual se erguerá o exercício da investigação”. (QUEIROZ, 1988:18/19)

E, ao transcrevermos essa entrevista, ela passa a ser um texto escrito semelhante a qualquer documento, mas com a peculiaridade de ser fruto da oralidade, constituída de uma ebulição de subjetividades e afetividades que são inerentes à lembrança de histórias de vida. Essa fonte é de fundamental importância para constituir laços entre passado e futuro, transpassando pelo presente com o objetivo de verificar como o Projeto JovemPaz provoca

ressonâncias em sua vida. E de que forma essas lembranças saem do compasso do educacional e do pedagógico e entram no testemunho vivencial e geracional abeberado do contexto da Festa, que ultrapassa à medida que transporta para os sentimentos e sensibilidades as memórias dialogadas.

Em nosso trabalho foi premente compreender que

“... para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa reconstruída sobre uma base comum”. (HALBWACHS, 1968: 12).

E é com essa base comum que constituímos a necessidade de buscar transcrever as memórias de maneira fidedigna para que possamos então nos transportar para essa miríade de experiências, socializações e lições de vida que o Projeto *JovemPaz* promove seja no âmbito da Festa, seja na possibilidade de descobrir cidadãos e cidadãs. Enfim, consolidando-se sujeitos históricos que transformam a sua realidade. E, cabe aqui, lembrarmos a importância da Leitura do Mundo no resgate dessas memórias, possibilitando os espaços de resistência que a Festa promove. E isso claramente ecoa na memória dos educandos e educadores, que têm que lidar com estigmas, estereótipos e preconceitos no exercício cotidiano de sua práxis dentro da escola meritocrática que vivemos.

Jornalismo e teatro em Iguape

E sem a preocupação com o tempo em que o entrevistado ficou sem falar sobre as suas memórias, as entrevistas levaram em consideração que

“...o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades” (POLLAK, 1989: 5).

Como vínhamos no raciocínio de indagar acerca da resistência, não podemos deixar de apontar que o silêncio também é uma prática resistente. O silêncio diante do impassível, do imponderável, representa que o entrevistado reluta em responder sobre sua realidade. Mas, longe de significar o esquecimento, esse silêncio na condição de negação da palavra é a constituição da resistência civil. Como na vida dos educandos que ou não puderam ir a escola por conta do trabalho (e no caso das mulheres que muitas vezes o pai e o marido não deixam

estudar) ou ainda ter entrado na escola, mas ter se evadido por múltiplas possibilidades, não sendo nosso objetivo elencá-las aqui. Como na vida dos educadores que veem no seu cotidiano o exercício de uma prática que ainda não é a prioridade na nação, sendo relegada ao campo das políticas públicas, estigmatizando assim a prática desse educador que ainda se vê numa prática assistencialista. São esses aspectos que as memórias vão apresentar.

Claro que com a mobilização do Projeto *JovemPaz* em torno da parceria entre a Organização Não Governamental e a Escola Pública, isso não é tão vigente por conta do engajamento e da consciência da educação como direito e propulsora de cidadanias.

O resgate da “memória” da Festa *JovemPaz* em sua perspectiva cultural incide sobre

“... uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLAK, 1989: 3).

Foi de fundamental importância verificar as fronteiras dentro do resgate das memórias da Festa, pois elas se tangenciaram, mostrando interstícios de olhares multifacetados sobre uma organização cultural e simbólica que fez emergir uma práxis encantadora e plural em que se pôde abarcar todas as histórias de vida ali presentes, num folgado solidário e cooperativo.

Compreendendo aqui a memória como momento de resgate da “lembrança” da Festa *JovemPaz*, que é definida por BOSI (1979, 284), apontando que

“... a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”.

Nesse sentido, os caminhos trilhados são em torno do resgate das memórias levando a mudanças de comportamento dos seus sujeitos. O quadro referenciado aqui incide também na prática dos educadores que, no contexto de uma Educação Popular, se enxergam na condição de sujeitos políticos, sociais e culturais propulsores de mudanças e de construção de cidadãos e cidadãs.

A memória das Festas *JovemPaz*

“nos remete diretamente a seus portadores, os sujeitos. Cada sujeito emerge, então, para o pesquisador, como uma espécie de arquivo dinâmico – sempre a remexer seus guardados – num fascinante jogo caleidoscópico que modifica periodicamente suas representações, através de ressonâncias infinitas que ora tangenciam, ora se interseccionam com outras memórias” (WHITAKER, & VELÔSO, 2005: 5).

E é claro que no resgate das memórias do Projeto *JovemPaz* o que fica claro é a relação horizontalizada e democrática que subjaz à prática freiriana e libertadora. As memórias emancipadas e não alienadas são emersas no momento das entrevistas. São histórias narradas de maneira que fica clara a presença de um diálogo contínuo que o aprendizado do respeito, da solidariedade e de valores para a construção de uma sociedade mais justa não deixa escapar.

O trabalho com a análise das memórias do Projeto *JovemPaz*

“ [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, P. 1992, p.22).

Nesse sentido, o trabalho das memórias remete a um trabalho com as histórias de vida possibilitando a construção de um espaço de formação e acolhimento em que suas vivências podem ser contempladas. É importante concebermos o espaço da memória como espaço de estruturação de identidades múltiplas inerentes a uma pluralidade cultural.

O momento da entrevista pressupõe um encontro em que

a transmissão de experiências assentadas em costumes em comum é encarada como uma face contemporânea da resistência cultural popular diante do ritmo de vida engendrado pelas transformações urbanas (que tendem a atropelar as relações de pessoalidade impressas no dia a dia).
(NASCIMENTO, 2011: 1-2)

Nesse advento, o diálogo do entrevistador e entrevistado constitui um momento de ruptura com o cotidiano, um momento de se “encontrar no outro e outro no um” (Teatro Mágico, Sintaxe à Vontade). Na transmissão e troca de experiências, a entrevista propicia um momento fecundo em que histórias de vida e memórias se encontram e são compartilhadas.

“Quando se pede num grupo alguém que narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”
(BENJAMIN, 1993: 98).

A capacidade de narrativas é subjacente à entrevista em que entrevistador e entrevistado são narradores. E é nessa identidade que são construídos o vínculo e o elo da

indissociabilidade entre o narrado e o documentado no momento da transcrição da entrevista. Consolidam-se nesse momento histórias de vidas cortejadas por um amálgama de atividades sociais e culturais que se reportam ao contexto em que estão inseridos entrevistadores e entrevistados. É nesse contexto que emergem histórias plurais das quais são dotadas experiências e saberes que são partilhados durante a entrevista.

“Uma resistência diária a massificação e ao nivelamento, eis o sentido das formas da cultura popular.(...) Empobrecedora para a nossa cultura é a cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência como nos mais duros momentos da luta de classes.”(BOSI, 1986: 23)

E é na entrevista que a Cultura do Povo dos participantes do Projeto *JovemPaz* se manifesta, em que verificamos manifestações de resistência que colocam a cultura popular num outro patamar que não a marginalização a que a cultura de massa quer lhe importar. Resistir é parte constitutiva da pedagogia libertadora do Projeto. A resistência é cotidiana no Projeto *JovemPaz*, pois a educação representa um caminho de conscientização, politização e construção de cidadanias. Educar pressupõe abarcar o itinerário dessas resistências. E resistir é o caminho a ser seguido por educadores, educandos e sentido pelo entrevistador no momento da entrevista, para melhor compreender os sentimentos expressos pelos participantes do *JovemPaz*.

“Se há uma relação que une época e narrativa, convém verificar se a perda do dom de narrar é sofrida por todas as classes sociais; mas não foi a classe dominada que fragmentou o mundo e a experiência; foi a outra classe que

daí extraiu sua energia, sua força e o conjunto dos seus bens.” (BOSI, 2003: 29).

A capacidade de narrar remonta aos recônditos da humanidade. Porém, com o advento dos meios de comunicação de massa, a narrativa vem sendo relegada e os narradores perdendo espaço em nossa sociedade. Por conta disso, o que se verifica é o forte apelo ao *mass media* em detrimento da narrativa, o que ocasiona um impacto no momento tão presente na cultura oral em que muitas histórias são compartilhadas, tendo como exemplo os “causos” do interior brasileiro.

“na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1979:11).

Nesse caminho de se reconstituir como sujeito, o resgate da memória é, também, resgate da capacidade de narrativa que temos na qualidade de sujeitos. Constituir-se como narrador pressupõe o resgate do passado para compreendermos como está sendo realizado nosso presente. É um trabalho histórico em que a oralidade é inerente às entrevistas realizadas. Nessa dialética entre presente-passado-futuro, é constituída uma rede de interações infinitesimais em que a memória é tecida por muitas mãos e que o momento da entrevista a faz emergir.

É como podemos observar no relato do educador de capoeira Da Paz do Morro Doce, quando ele fala da importância de sua atuação dentro da comunidade.

Comunidade, pra mim mesmo, eu acho que dentro da comunidade o importante é ajudar, ajudar um ao outro. Por exemplo, onde eu moro aqui, aqui é uma comunidade, uma periferia. Tem tanto menino jogado, largado

aí no meio da rua, usando droga, cheirando cola, fumando maconha. Então, o que acontece, fica largado. Então, eu faço um trabalho lá embaixo numa associação que já está com 9 anos. Então, que se chama Capoeira tira meninos de rua, na Associação Jardim Canaã. Então, em uma comunidade que nem essa nossa aqui com um monte de droga, os meninos tudo se enchendo de droga, tantos adolescentes largados por aí. Eu passo por eles, eu falo que sou professor de capoeira e convido eles. Foram uns 6 mais ou menos que entraram. Hoje, graças a Deus, pararam com as drogas, não usam mais drogas. Os pais deles conversam comigo e falam: – Pô, professor, agradeço muito. Meu filho depois que começou a praticar capoeira, gastando bastante energia. Você começou a trabalhar na mente dele. Então, isso que a nossa comunidade precisa mesmo, é disso daí. E ele parou com as drogas. Até 11 horas ele não estava em casa. Hoje em dia, 10 horas ele já está em casa, tomado banho, está preparado para ir amanhã estudar. Já está fazendo até faculdade já. Faculdade de Educação Física. Já tem até família. Aí eu coloco assim na minha mente: - Pô, eu tirei esse menino hoje da rua. Amanhã ou depois, ele pode tirar outros, entendeu? A gente nunca pode julgar assim, que a gente é o bom ou o melhor. Às vezes, pode ser assim um irmão meu, um primo meu e ele pode ajudar. É que nem eu falo assim pra eles: -A capoeira é a mãe. A capoeira, ela é uma mãe e o pai é o mestre, aquele que ensina. Então, é que nem o meu mestre me ensinou também, tirou eu da rua e falou: – Pra cá é o caminho bom. Pra lá é o caminho mau. Comunidade é isso.

Dentro desse excerto de sua entrevista, verificamos que é na sua atuação que se evidencia a importância do seu trabalho da capoeira dentro da comunidade, promovendo a

transformação da vida desses jovens e adolescentes pela sua inserção num projeto de capoeira. A arte e a luta promovendo a transformação da realidade, tirando muitas vezes da droga e da marginalidade os jovens que antes não tinham uma perspectiva de vida mais lúdica, integrada, participativa e solidária.

Atividade da formação do grêmio do Morro Doce

Resgatar memórias pressupõe a construção de narrativas. E ao narrar, o entrevistado relata sua história de vida, sua atuação dentro de seu bairro, seu olhar sobre o mundo que o cerca, integrando assim vida em comunidade. Para nosso trabalho, a memória desencadeia a construção narrativa à medida que possibilita o olhar mais aprofundado das vidas dos entrevistados, possibilitando no seu relato a expressão de sua história, de sua cultura.

A narrativa possui uma constituição bem distinta também de outro fenômeno moderno de comunicação: a informação. Afinal, a cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em

histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações, o que, segundo Benjamin, retira do leitor a liberdade de interpretar a história como quiser. Somente a narrativa, despida das explicações da informação jornalística ou do aprofundamento psicológico das personagens dos romances, poderá, segundo Benjamin, dar à história um sabor, fazendo com que o ouvinte/leitor se esqueça de si mesmo enquanto a acompanha. É o momento em que o ritmo do trabalho se apodera dele, o momento em que não se sente o tempo passar, em que o processo, e não mais seu resultado final, tornado mercadoria, se destaca. Sem se distanciar (alienar?) de seu trabalho, o ouvinte/leitor não abrevia ou sintetiza; ele é paciente como o narrador, obedece ao fluxo do tempo, sensibilidade e disciplina que o homem contemporâneo, segundo Benjamin, perdeu. E o que se perdeu não é tanto uma virtude moral, mas, sobretudo, a sensibilidade de perceber em si a própria temporalidade. (...) Uma vez assimilada a narrativa no ouvinte, ou seja, uma vez assimilada a temporalidade que lhe é inerente, atinge-se aquilo que é o fundamental no fenômeno da narração: passar adiante, conservar. (CALDAS, 2007:4).

A capacidade de narrar deve ser regatada nessa sociedade capitalista e industrial em que vivemos, em que a velocidade das informações impede que os narradores tenham sobrevida, colocando-os num espaço relegado em nossa sociedade. Narrar constitui uma tarefa de resgate da memória social e cultural e da história que vivemos e do qual é fruto o mundo em que vivemos hoje. Os narradores se inserem hoje num espaço de resistência frente à “sociedade do espetáculo” que nos constitui atualmente. De modo que narrar é a marca da oralidade, da transmissão de valores e histórias que remontam à nossa identidade. São

valores, expressões, saberes, como, por exemplo, a literatura de cordel. Como no filme *Narradores de Javé*¹³ (2003), em que a documentação da narrativa da história do vilarejo de Javé é vista como a única saída de salvação do alagamento da localidade para a construção de uma hidrelétrica.

O trabalho com a memória chama a história de vida. É nesse trabalho que temos a perspectiva de construir a identidade individual e coletiva dos diferentes sujeitos entrevistados. E o entrevistador também se reformula em seus saberes e experiências no momento da entrevista e da transcrição para a elaboração do documento. Resgatar a memória pressupõe um trabalho minucioso e criterioso que atenda à sensibilidade do entrevistador e do entrevistado.

Como podemos evidenciar no depoimento da educanda Irlani falando sobre suas lembranças na Festa JovemPaz de Osasco, que uniu os três polos do projeto

Eu lembro... eu lembro que foi no Clube de Metalúrgicos de Osasco. Eu fui lá... Participou um número grande de pessoas, inclusive você que eu vi. E lá o Luciano deu a notícia que você tinha passado na USP, que você ia fazer o curso de Pedagogia. E que iria trabalhar também no Instituto Paulo Freire, ia compor a equipe do Instituto Paulo Freire. Isso foi uma notícia que me alegrou muito. Inclusive, no final, eu fui falar contigo. Lembro também que foi quando eles mostraram um vídeo de tudo o que foi feito na festa em Iguape. Inclusive tinha um depoimento meu na fita.

¹³ O filme tem direção de Eliane Caffé, roteiro de Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu, produção de Vânia Catani e o elenco conta com José Dumont (como Antônio Biá), Gero Camilo (como Firmino), Nelson Dantas (como Vicentino), Silvia Leblon (como Maria Dina) e outros. Foi rodado entre junho e setembro de 2001, em Gameleira da Lapa, cidade do interior da Bahia. Recebeu vários prêmios, entre eles: nove prêmios no Festival de Recife 2003, incluindo melhor filme; melhor filme também no Festival de Cinema das 3 Américas, de Québec/ Canadá, e no Festival de Buxelas – Independent Film. (CARDOSO, 2008:2)

Essa festa marcou para Irlani o encontro em um espaço diferente em Osasco, um diálogo com o autor desse trabalho e a possibilidade de assistir ao vídeo do Projeto JovemPaz, em que, inclusive, havia um depoimento dela. Essa quarta Festa marcou a possibilidade de São Paulo e Osasco promoverem o reencontro dos polos de Osasco, Morro Doce e Vale do Ribeira, para concluir as atividades do projeto entregando o livro e o vídeo.

Possibilitar a reconstrução das lembranças é o que pudemos evidenciar nesse relato a partir de um aspecto da memória do folguedo que pode trazer à tona o retrato do que foi para a entrevistada a festividade. A memória nessa perspectiva foi o que nos permitiu reconstruir o quadro histórico-social da experiência da educanda.

É nesse percurso que verificamos que

de acordo com Pollak (1992), a memória é, em parte, herdada e não se refere apenas à vida física da pessoa. Essa sofre flutuações por ser afetada pelo momento em que se expressa. Ou seja, são as preocupações do momento, a condição real em que o sujeito se encontra que estrutura a memória desdobrada, e aquele que ouve, terá acesso a esse desdobramento. E ainda, para o autor, “a memória é um fenômeno construído” (1992, p. 210) e como tal apresenta três elementos essenciais guiados pelo eixo de que se reconstitui a memória tanto para si como para os outros: 1) A memória está imersa em uma unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo. 2) A memória é inserida na linha do tempo; no sentido físico da palavra e, também, no sentido moral e psicológico. 3) A memória, ao ser explicitada, pede o sentimento de coerência, ou seja, de que

os diferentes elementos que formam um indivíduo sejam efetivamente unificados. Para Pollak (1992), estes três elementos são fundamentais — pois fornecem o sentimento de unidade para a pessoa — de modo que, se houver forte ruptura em um deles — o que implica quebra dos demais — observam-se fenômenos patológicos. (SILVA & BERCHIOR, 2008: 162/163)

É com essas múltiplas interfaces que a memória é constituída. E o exercício do seu resgate necessita da atenção a essas nuances que caracterizam o trabalho do narrador. A narrativa e a história de vida são subjacentes ao advento da memória. São constituintes do *corpus* intrínseco à memória. E o seu exercício trilha necessariamente esse caminho cheio de lacunas, esquecimentos e silêncios.

A memória necessita de um olhar atento à sua constituição para que se verifique que o seu

empreendimento que se preocupa com a organização e a divulgação das informações que contêm a memória social, ao socializar/democratizar a história, cumpre com um dos fundamentos da produção científica e, ao mesmo tempo, com um dos pressupostos da cidadania” (DESAULNIERS, 1997: 3).

É no advento da democratização e da socialização da história que a memória tece suas tramas. Nos seus interstícios, verifica-se uma estratégia de se ocultar e dar luz em ambíguos momentos e contextos. Seus caminhos trilhados são imprecisos e não lineares. O que se verifica é uma memória viva, fugaz e intermitente. E para apreendermos a memória, é fundamental um olhar crítico que possa empreender uma sólida investigação em seus

múltiplos espaços para aprendermos do seu rico empreendimento em resgatar o passado para compreensão do presente e para vislumbrarmos que o futuro pode ser previsto.

E dentro desse contexto, faz-se relevante dialogar com o relato do educador Luciano sobre a Leitura do Mundo

Olha, leitura do mundo, por exemplo, é você conhecer as pessoas para além das instituições. Então tinha ele lá que eu podia dizer que era educando, você via o cara depois numa perna de pau cusindo fogo. Caramba, é muito maior! É você poder ir numa comunidade, onde você vai almoçar, e saber que ali tem uma história de combate, de luta contra as injustiças, tentativas. É você reconhecer os espaços do entorno. Onde é que vivem essas pessoas. Por uma festa apenas, não é possível fazer a leitura de mundo. Você faz uma primeira leitura. Ou talvez uma última leitura, porque a festa pode festejar toda uma história. Mas leitura de mundo pra mim é necessário que ela seja cotidiana, que você vá circular pelo bairro. Circular mesmo no sentido mesmo de falar: – Poxa, tem uma galera que mora aqui na beira do esgoto. O que é morar aqui, cara? Como é que é tomar um café com essa galera? Será que eu vou ter que levar um café para os caras porque eles não têm? E trocar essa ideia. De participar do cotidiano do outro. Sem, claro, ser um pesquisador. É muito diferente de ser um pesquisador. O pesquisador acadêmico se veste de uma neutralidade irritante, neutralidade estéril. Impregnado de afeto sim, impregnado de interesse. Não, de um descontrole psicológico. Ah, vou ser um deles, cortar os meus pulsos, mas é impregnado de uma curiosidade, de uma solidariedade – que é uma curiosidade de classe. Pra mim é ter um

lado, ter um partido. Acho que é isso leitura do mundo sim. São as pessoas... É espaço, no sentido que o Milton Santos aplica pra espaço, que é território e as relações que se dão sobre ele. É desvendar isso. Andando pelo território e entendendo as relações sociais sobre ele, como se dão, é desvendar o espaço.

Ler o mundo está vinculado ao resgate das memórias que estamos promovendo nesse trabalho. O educador Luciano, ao questionar se ao tomar um café com uma galera da comunidade teríamos que levar o pó, nos relata a sua experiência, o seu histórico pessoal, sua leitura e sua impressão acerca da vida em comunidade. Para nós esse resgate é a memória que ao ser transcrita se transforma em documento que pode ser evidenciado em nossa pesquisa. É ao percorrer esse trajeto que a memória é um registro da realidade compartilhada pelo entrevistado ao remontar suas lembranças.

Para nossa pesquisa, o fundamental é trabalhar com uma memória viva, com aspectos culturais que arquitetem os recônditos de olhares multifacetados com nuances plurais podendo constituir um capital cultural (como se referiria Bourdieu) que para nosso trabalho se alicerça em rico material de investigação sobre o qual nosso trabalho de transcrição e inserção num texto se consolida no resgate de histórias de vida que foram manifestadas no advento das Festas JovemPaz.

Morro Doce tece a rede

6. A Memória das Festas JovemPaz do Vale do Ribeira e de Osasco

Foram entrevistados no primeiro semestre de 2009 para relatar as suas impressões sobre a Festa JovemPaz, a educanda do projeto Irlani Gonçalves da Silva Carvalho, 21 anos, a menina sonhadora que quando foi para a terceira Festa JovemPaz em Iguape fez sua primeira viagem sem seus pais. A menina conectiva, que cuidou dos adolescentes mais novos, que leu o mundo e foi conhecer o Vale do Ribeira na companhia dos adolescentes e jovens de Iguape, Ilha Comprida, Barra do Ribeira, Osasco e São Paulo; o educador de Capoeira do Morro Doce Nivaldo Djalma da Silva Pinto (Da Paz), 28 anos, aquele para quem a capoeira é o significado da sua vida, o símbolo de sua história, seu *modus vivendi* como construtor e propulsor de cidadanias que promove a transformação de vidas e também de sua realidade; o educador de Jornal Escolar do Projeto JovemPaz Luciano Carvalho

Barbosa, 33 anos, o arte-educador do Grupo Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes, da zona leste de São Paulo, o ator professor de Jornal Escolar no JovemPaz, unindo a Arte Cênica e a Comunicação Social, num jogo lúdico e político, fundamental em nossa formação; e a coordenadora do JovemPaz Salete Valesan Camba, 46 anos¹⁴, que lutou com a Petrobrás pela aprovação do Projeto, contribui na formulação do JovemPaz com suas experiências advindas de sua convivência nos movimentos sociais. As entrevistas foram realizadas por mim com a autorização de cada entrevistado, com o auxílio de um gravador de voz, e estavam estruturadas com seu roteiro para que todos respondessem sobre a Festa JovemPaz, Cultura, Escola e Leitura do Mundo, de modo que os entrevistados indicassem seus vínculos em relação ao projeto e à realização do folguedo. A 1ª Festa JovemPaz foi organizada dentro das escolas, recebendo as comunidades, no 1º semestre de 2003 (Escola Estadual Coronel Jeremias Júnior, em Iguape, no Vale do Ribeira; Projeto Arco Íris, no bairro do Morre Doce, em São Paulo; Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida, no bairro do Rochdalle, em Osasco). A 2ª Festa JovemPaz, no 2º semestre de 2003, foi organizada em espaços comunitários, promovendo a socialização dos participantes do projeto com suas comunidades locais (Ação da Cidadania no bairro do Rocio, em Iguape; Praça do “Mini-Hemp”, no bairro do Morro Doce, em São Paulo; aldeia guarani na região de Parelheiros, zona sul de São Paulo). A 3ª Festa JovemPaz congregou os três polos em um encontro intercultural, com a duração de um final de semana em Iguape e na Barra do Ribeira, também no 2º semestre de 2003, no mês de dezembro. O encerramento do projeto ocorreu em dezembro de 2004, com a 4ª Festa JovemPaz, um novo encontro interpólos que foi

¹⁴ Vale lembrar que todos os nomes dos entrevistados são reais tendo sido autorizado a publicação no ato da entrevista.

realizado também em um final de semana com visitas às comunidades de Osasco, Morro Doce (indo ao Pico do Jaraguá) e ao Museu Paulista em São Paulo.

Esses locais foram escolhidos pela sua possibilidade de interação sócio-comunitário-cultural. Foram feitos o encontro com a tribo indígena, entrevistas que possibilitaram o registro dos folguedos e a montagem do monstro do lixo. Cada lugar teve sua história para a Festa JovemPaz. Escolher cada contexto, verificar sua riqueza geográfica e estrutural, como unir os polos, como chamar as comunidades para conhecer a proposta do projeto. Cada espaço festivo possibilitou a construção intercultural da paz e da sustentabilidade. E promoveu-se em cada espaço uma compilação coletiva, em que de braços dados fomos juntos buscar viver a “educação como prática da liberdade” como nos fala Paulo Freire. Em cada espaço escolhido, seja na escola, seja na cidade, seja na aldeia, foram vivenciadas a festividade da alegria, a pedagogia do encontro. Cada espaço foi o olhar e o aprendizado com o diferente, a harmonia com a diversidade. Encontrar potencialmente os espaços da Festa foram momentos ricos de análise crítica de inserção social. Nesse sentido, cada espaço selecionado tinha o objetivo de retratar a educação como ato político e a cultura como expressão histórico-social. O lugar da festa foi junto com o povo, na construção de uma cultura e educação popular como práticas de resistência.

E para realçar a análise das entrevistas, começo com o relato da educanda Irlani, que participou da organização Festa JovemPaz no polo do Morro Doce:

Eu participei da organização da festa. Nós fizemos a mobilização de bandas que havia lá na região, da comunidade. Então, nós chamamos uma banda de roque, chamamos um grupo de jovens que dançavam, faziam dança de salão, pra fazer uma apresentação no dia da festa. Coletamos materiais que

poderiam ser utilizados, expostos no dia da festa. Como, por exemplo, lixo jogado nas praças perto do espaço onde nós usávamos. Também, materiais que poderiam ser reutilizados que eram próprios do espaço que nós usávamos. Que era uma entidade, na verdade. Era uma outra organização diferente da escola. Apesar que... era uma creche. Mas, além das creches, eles tinham uma outra organização lá que atendia pessoas, dava formação específica, trabalhava com portadores de necessidades especiais. E lá eles tinham muitos materiais que sobravam dessas oficinas que eles faziam lá. E nós coletamos todos esses materiais para enfeitar a festa e também para usar na própria organização das atividades da festa.

Constata-se nesse depoimento a importância da autogestão e da autonomia da organização da Festa JovemPaz, o *modus vivendi* cooperativo que imperou na gestação da festa. O roque e a dança de salão fizeram-se presentes como manifestações culturais do folguedo, bem como a reciclagem vivenciando a cultura da sustentabilidade, além da parceria com uma creche para a promoção da festa. Foi feita também a reutilização de materiais para serem utilizados no folguedo. Enfim, uma miríade de experiências sustentáveis para consolidar a realização do folguedo.

A educanda Irlani foi muito ativa no Projeto JovemPaz, participando das oficinas de jornal escolar e grêmio estudantil. Ela diz no vídeo do projeto que aprendeu a ser mais solidária e que antes do JovemPaz era constantemente egoísta. É nesse sentido que a Irlani, anos depois do término do projeto, foi trabalhar no Instituto Paulo Freire como auxiliar do Projeto Escola Cidadã e hoje estuda Filosofia na Unifesp de Guarulhos.

Já nesse segundo depoimento da Festa *JovemPaz*, o educador Da Paz, de capoeira, que participou do folguedo no Morro Doce nos relata a sua experiência em sua participação.

Foi muito importante porque conheci bastantes pessoas jovens e elas nos respeitaram muito bem. Inclusive, nós fizemos uma apresentação de capoeira para elas. Elas nos receberam muito bem e gostaram da nossa apresentação e aplaudiram bastante. Gostaram e até praticaram conosco. Até entraram na roda pra jogar capoeira conosco. Tanto os homens como as mulheres. Entendeu? Foi muito legal a presença delas. Foi em 2000 ou 2002. Se elas quiserem comparecer aqui a porta estará aberta para elas.

O que notamos é que o educador de Capoeira Da Paz gostou muito da possibilidade de conviver no contexto da Festa *JovemPaz*, apresentando a sua cultura que é a capoeira, o seu modo de vida. E é importante notarmos também a interação dos jovens e adultos, homens e mulheres do Projeto *JovemPaz* praticando capoeira junto aos educandos de capoeira do educador Da Paz. E essa relação intercultural, que é a marca do Projeto e sua plena realização na festividade, foi fundamental para bebermos da fonte de diferentes manifestações culturais, entre elas a capoeira, que é solidária, cooperativa, aberta e inclusiva para a participação de homens e mulheres na roda. Para brincar, para dançar, para jogar. Expressões típicas do folguedo do *JovemPaz*.

O que observamos no depoimento do educador Da Paz foi o amor dele pela capoeira. E ressaltando que na capoeira não há discriminação de gênero, pois homens e mulheres jogaram juntos. Para Da Paz, a capoeira humaniza as pessoas e o humanizou como sujeito histórico. Compreendemos que esse educador tem sua vida em torno da capoeira e pode vivenciá-la no contexto da Festa *JovemPaz*.

O próximo depoimento é do educador Luciano do Projeto *JovemPaz*, que relata a sua experiência de organização da festa.

A Festa do *JovemPaz* eu acho que é um dos grandes achados do projeto todo. De fazer a festa, de fazer a celebração, a comunhão com as pessoas, né. O que eu posso dizer da festa... E aí eu posso falar do Morro Doce, da festa de Osasco, da de Iguape. Eu vou fazer um apanhado geral dessa festa... Vou ter que fazer um resgate de memória, tal, tal... Eu lembro da festa do Morro Doce, como das outras festas esse tema pra organização de um trabalho que vai culminar numa festa. Ou seja, você sabe qual é o objetivo desse trabalho. Portanto, é uma ação que desaliena o processo de trabalho. Nós estamos numa sociedade capitalista em que no trabalho, o trabalhador vive alienado da dimensão, do produto final do trabalho, do motivo do seu trabalho. A organização conjunta das pessoas pra realizar as festas, então nós sabemos o motivo do nosso trabalho. O que resulta desse trabalho criativo parece que dá sentido – e deu – a nossa... se a gente for pensar em essência humana, a nossa essência, a nossa essencialidade é o trabalho que nos constrói como ser humano. No Morro Doce, especificamente, foi aquele dia em que a gente conseguiu fazer contato com um monte de organizações comunitárias, artísticas e esportivas da região com algum material que era fornecido pelo Instituto (Paulo Freire), com algum material dos polos, com algum equipamento de plástico, de papéis coloridos, cola, cartazes. Ter desenvolvido todos os trabalhos anteriores, a ação de cada um no dia. Lembro uma imagem bem bonita que o pessoal escreveu *JovemPaz* num tanque de areia, onde crianças brincavam e

pegavam uns coquinhos e material de árvores e escreveram *JovemPaz-Morro Doce*. Escreveram Morro Doce na areia enfeitado com coquinho. Outros restos. Foi bem bonito. Eu acho que é isso. Eu trago dessa festa essa dimensão, dessa emancipação do sujeito no sentido da coisa mais fundamental, mais primeira, que mais nos constrói a humanidade, que é realizar o trabalho criativo. Um trabalho que emancipa. Um trabalho em que passamos por esse processo de construção da festa. Esses contatos com os grupos, lideranças, apresentações, organizações, no decorrer do trabalho. Os grupos de trabalho para a construção da plástica, da estética, do ambiente. Aquele dia ensolarado numa quadra nos traz um significado e marca seus fazedores e construtores. Emancipa para a emancipação duradoura ou no mínimo transformadora revolucionária que dê trabalhos criativos constantemente. No capital, não é possível ter a transformação do nosso trabalho, da nossa humanidade. Ele está separado da nossa emancipação, alienado do poder transformador do trabalho.

Mais uma vez constata-se a dimensão autogestionária da Festa *JovemPaz*. E o relato no âmbito da estética também se faz presente quando da escrita no tanque de areia com materiais de árvore e coquinhos para escrever *JovemPaz Morro Doce*. E aqui aparece a dimensão humanizadora e emancipatória do trabalho de organização do folguedo que, diferentemente do trabalho capitalista, é um trabalho cooperativo, em que todos se ajudam mutuamente, desalienando dessa forma o trabalho organizativo do empreendimento da festa. É nesse caminho que se constrói a festa, com a participação de todos, numa estética que incide necessariamente numa ética do trabalho participativo, coletivo e solidário.

Primeira festa no Morro Doce — trabalho coletivo

E a festa solidária, fraternal, comunitária, faz parte da vivência do educador Luciano, do grupo Dolores Boca Aberta, na zona leste de São Paulo. O convívio com a festa construída coletivamente, com alegria, amor, paixão, com sorrisos espalhados num ambiente de camaradagem. Esse convívio do educador foi trazido para dentro do JovemPaz na construção participativa e aprendente da boniteza do festar com jovens e adultos presentes.

O depoimento que se fará presente agora é da Salete, coordenadora do Projeto JovemPaz, justificando a presença da festa no projeto.

Primeiro porque festa traz uma proximidade com a linguagem do jovem, com o cotidiano do jovem. A palavra festa, ela aproxima, ela chama a atenção. Ela faz com que haja o envolvimento da comunidade. Na festa você consegue ter um intercâmbio, uma conexão com os jovens. Uma relação mais amigável, digamos assim. Em uma festa você interage com crianças, com adolescentes com jovens. Essa festa aberta, ampla, você consegue ter esse tipo de relação. E também, essa festa que tem um foco, que está direcionada. Era como a Festa JovemPaz. Ela tinha um foco de transformação que era realizada pelos jovens, mas que levava para o envolvimento da comunidade e da escola. Eu acho que foi uma alegria dentro do projeto. Criando um espaço de diálogo entre os diferentes polos e comunidades.

A coordenadora Salete enfatiza a importância da festa por ter a linguagem do jovem e promover o envolvimento da comunidade. Ela defende a Festa JovemPaz na condição de espaço de interação e diálogo e foco de transformação propiciada pelos jovens. A festa como espaço de organização em que a participação de todos é garantida, um foco de transformação que garante também a relação de sustentabilidade com a escola.

A coordenadora Salete estudou em seu mestrado na Feusp a relação entre as ONGs e a Escola Pública, algo que foi fundamental na vivência do Projeto *JovemPaz* que promoveu o vínculo do Instituto Paulo Freire com as escolas financiadas pela Petrobrás. A coordenadora viveu nos movimentos sociais e sua bagagem cultural deu subsídios para uma organização sustentável, prazerosa e preocupada com a sua estética, em busca de um sentido sócio-histórico-político que promova laços comunitários dentro do ambiente escolar, dentro do *JovemPaz*. E a experiência de Salete foi importante para a construção e organização das festividades.

A marca desses primeiros depoimentos foi de como cada um se percebia na organização da festa. Quais seus propósitos ao participar da Festa *JovemPaz*. Como era organizado o trabalho no folguedo. As marcas da memória da organização da festa nas lembranças dos depoentes.

Passamos agora para as representações de festa dos entrevistados, começando com a representação da educanda Irlani. De acordo com ela,

A festa, eu acho que é um espaço alegre. Um espaço alegre, em que diferentes pessoas podem criar comissão.

Para ela, a festa é um “espaço alegre”. Um espaço onde as pessoas criam comissão. É importante que ela reflita sobre o coletivo da festa, em que se comissionar significa se corresponsabilizar.

Passamos agora para a contribuição do educador Djalma da Silva Pinto. Para ele, festa é,

Vou falar pra você, eles vão falar que eu sou doente. Uma festa pra mim tem que ter capoeira. Capoeira pra mim já diz festa. Pintou uma formatura aqui ó. Se convidar eu: – Ô mestre, vamos lá num evento de capoeira? Pra mim é uma festa. Agora, se você falar: - Ô vamos pra balada aí? Já não gosto, já. Minha festa mesmo é a capoeira. É uma apresentação numa quadra, uma apresentação para um colégio, uma apresentação numa faculdade. Mostrar o trabalho daqui do povão. A minha festa é do povão. A minha festa é ver o povão e mostrar nela. Porque muitos falam que é só coisa de homem. É só pra homem, é só coisa de homem. Não é! Isso é preconceito. Coisa de homem, coisa de negro, de preto. Isso aí não existe. Macumbeiro, isso aí não existe. Isso aí é uma cultura. Que nem eu estava contando pra vocês a respeito da cultura. Isso aí é festa pra mim. Se você falar: – Vamos comigo num batizado de capoeira? Nossa, eu adoro! A gente chega e faz amizade com os mestres, conhece outros lugares diferentes, isso é muito importante.

Festa para o educador é capoeira. É viver a cultura da capoeira, seja num batizado, seja numa apresentação na faculdade. O importante é vivenciar a capoeira. E ele faz a crítica ao preconceito que diz que capoeira “é coisa de homem”, “coisa de negro, preto, macumbeiro”. Para ele, isso não existe na capoeira. E ele destaca a festa da capoeira como espaço intercultural, onde se faz amizade e se conhecem lugares diferentes. E é importante destacar novamente que a capoeira é inclusiva. Entra na roda quem quer jogar, quem quer cantar, quem quer olhar. E a Festa JovemPaz é isso, é brincar junto, jogar junto, aprender junto.

Vamos agora à representação do educador Luciano Carvalho sobre a festa. Sua contribuição é de que

Festa pra mim é construção coletiva de subjetividade, de afetividade, de alegria. É trabalho não-alienado. É você poetizar a existência. E essa poesia, esse universo poético, metafórico, é onde cabe o que não caberia. A palavra poética ela tem essa vertente ser para além dela mesma. Assim como o momento poético. Que tem uma dimensão que ultrapassa o cotidiano ordinário. A festa, ela é extraordinária. Ela é uma vivência de pico. Claro que você junta essas outras vivências cotidianas. Mas a festa é um momento de explosão. É um momento de gozo coletivo. Pra mim, festa é revolucionária, transformadora, desde que seja festa e não evento contratado, burocratizado. Assim como num casamento – claro que tem toda a parte dele de sentimento real das pessoas envolvidas – a maior parte dessas cerimônias se tornou uma burocracia prestadora de contas também. Prestadora de contas para a sociedade. As festas de aniversário de 15 anos. É a prestação de contas, a débil prestação de contas, e o que rege esses festejos é o consumismo. Quanto você gastou para aquilo ser exuberante. Totalmente desprovido de sentidos. Em que perdemos a essencial coisa, que é, talvez, uma menina fazer 15 anos. Que é visitar nossa vida aos 15 anos e poder estar passando de um ciclo para outro. Se tornar mulher. Acho que a festa deve celebrar essas coisas mais simples da vida. E é poesia pura.

O educador destaca a festa como um poema da existência, sendo “revolucionária”, “transformadora”. Não como “evento burocrático”, “prestador de contas”. É desse modo que

para ele a festa tem um sentido de plena realização coletiva, na simplicidade das coisas, em sua pureza, não no seu puritanismo. Como a festa dos 15 anos que ele destaca que, para além de quanto se gastou e se consumiu, deve levar à reflexão de “estar passando de um ciclo para outro, se tornando mulher”. A festa cíclica simboliza uma celebração e isso já é motivo suficiente para o “festar” coletiva e individualmente, tendo a liberdade de se manifestar como indivíduo e como grupo. Essa foi a marca da Festa JovemPaz, uma festa em que a livre expressão foi garantida a todos os participantes do folguedo.

Primeira Festa Morro Doce — sustentabilidade econômica

Concluimos com a representação da coordenadora Salete Valesan, do Projeto JovemPaz, que afirma que,

Para mim festa é... Olha, na verdade me fez lembrar das festas populares de Santa Catarina. Era onde a gente... a gente trabalhava na preparação, na organização. Do meu ponto de vista é um dos principais espaços de

aprendizado, mas também de ação e atuação política. Então é uma ação cidadã, uma política da interconexão. Então, eu aprendi isso desde pequena e me relaciono muito bem. A minha única grande preocupação é que hoje existem festas que são marcadas para brigar. Essa não é o que eu entendo como festa.

A educadora Salete relembra das festas populares das quais participou. O trabalho se dava coletivamente na preparação e na organização. E ela destaca esse espaço da festa “ação cidadã e política de interconexão”. É nessa arena política e cidadã que a Festa *JovemPaz* também se insere na qualidade de espaço intercultural e de exercício vivo da democracia. E o preparo da nossa festa também foi coletivo, cooperativo, solidário e político.

Nesse segundo momento, se farão presentes os depoimentos do educador Luciano e da educanda Irlani, que participaram da festa que congregou todos os polos do Projeto *JovemPaz*, sendo realizada em Iguape e Barra do Ribeira, na região do Vale do Ribeira, em dezembro de 2003.

Começamos com o depoimento da educanda Irlani relatando a viagem do Morro Doce para o Vale do Ribeira.

Lembro-me da emoção porque eu nunca tinha viajado. Primeiro, eu nunca tinha viajado sozinha, sem os meus pais. E viajado com pessoas assim... bem legais. Havia os educadores, que não eram uma figura paterna, nem materna, mas apenas orientadores. Viajei com outros colegas de trabalho, com crianças menores. Eu era uma das mais velhas, então eu tinha responsabilidade de cuidar dos menores no ônibus. Eu me lembro bastante disso. E no dia da festa, eu acho que eu estava deslumbrada com aquele

espaço, que era novo, que eu não conhecia, com aquelas pessoas. E a festa para mim foi um grande espaço de conhecer outro lugar, de conhecer pessoas com as quais eu tinha contato. Porque o projeto acontecia em três polos. Eu sabia da existência dessas pessoas, mas eu ainda não tinha tido contato com elas. Então, o interessante para mim foi conhecer essas pessoas que participavam do mesmo projeto que eu.

Nesse depoimento, destaca-se a emoção da primeira viagem sozinha. A corresponsabilidade com os educadores de cuidar dos adolescentes menores no ônibus. E, além disso, deslumbrada com um novo espaço, ela relata a sua interação com os educandos dos diferentes polos, que antes só eram conhecidos pela internet e pelos relatos dos educadores.

Ação Cidadania — 2ª Festa em Iguape

Construção de painel com grãos, pedras e areia — Morro Doce

Seguimos com o depoimento do educador Luciano falando sobre suas impressões acerca da Festa JovemPaz no Vale do Ribeira.

A festa foi maravilhosa. Essa festa, ela marca a minha vida. E acho que marca a vida de quem foi. Porque, juntar grupos, um grupo de Osasco, Rochdale; um grupo do Morro Doce e o pessoal de Iguape que recebe a turma. Cada grupo já tinha vivido uma parte da experiência. Aos trancos e barrancos, mas uma experiência de construção coletiva, de tentativa de entender o que são esses meios de comunicação, de representação, como o grêmio, o jornal e a rádio. Já haviam acontecido duas festas em cada polo. A possibilidade, então, de juntar essa galera. Então, nós tínhamos condições materiais para isso. A ideia que surgiu de juntar foi muito do Naiman, Luizinho e minha. Vamos tentar fazer isso, muito empenho para realizar essa ação toda. E, é isso! Conseguimos dois ônibus que descem do planalto. Descem pro litoral. E se encontram numa escola pública. As escolas públicas do interior normalmente são mais organizadas. Não menos reacionárias, mas mais organizadas, mais bonitas. Ainda parece que há um pouco do carinho do antigamente tão próximo. O carinho pela escola, um zelo. Parece que elas passavam isso. Então, imagine um monte de jovens, mais educadores, mais artistas convidados. Não eram artistas convidados famosos, mas gente que trabalha com música, que trabalha com poesia, gente trabalha com arte. Rapaziada, gente do Dolores, Juninho Batucada do Nhocuné Soul. Gente educadora e artista. Então, juntar essa galera toda... uma peça de teatro que rolou lá embaixo, “Os Bonecos Chineses” que fazia parte.

O depoimento destaca a festa como marcante para a vida do educador e de todos os participantes. Destaca como foi organizado o folguedo, dando ênfase à sua realização numa escola pública. Enfatiza também a presença de artistas convidados para a festa e a realização de uma peça de teatro¹⁵. E a importância de unir artistas, educadores e educandos em torno da festividade, dando ao evento um caráter de excepcionalidade, garantindo a ruptura com o cotidiano e unindo os três polos.

Continuando, a educanda Irlani relata as atividades desenvolvidas na Festa JovemPaz do Vale do Ribeira.

Eu me lembro muito pouco. Eu me lembro que houve uma apresentação do teatro do Luciano. O Luciano e uma outra educadora, amiga dele. Eles fizeram no final da noite. Eles fizeram uma apresentação de teatro que eu acho que era sobre família. Eu não me lembro bem, mas eu acho que era sobre família. Antes disso, eles fizeram apresentação dos grupos temáticos, das oficinas específicas. Então, o pessoal do jornal foi lá pra falar sobre o que eles faziam nas oficinas de jornal e as produções que eles decidiram fazer nesse grupo. O pessoal do grêmio, a mesma coisa e o pessoal do rádio, a mesma coisa. Eu fui também para dar o meu depoimento e pra falar um pouco do que eu aprendi, do que eu senti. E eu comecei falando que primeiro eu participei do grêmio, da oficina de grêmio e depois eu fui para a de rádio e jornal. Falei da minha experiência do grêmio, que eu gostei muito de participar. Tanto que nós chegamos na época até a iniciar um projeto de jornal na escola em que eu estava. Mas, por autoritarismo da direção, acabou não indo pra frente o jornal. Nós fizemos uma

¹⁵ Foi realizado um sarau nessa noite na Festa JovemPaz do Vale do Ribeira.

sistematização dos nossos trabalhos, nós apresentamos nossas falas, nós fizemos uma sistematização em grupo, e o nosso foi em forma de teatro. Inclusive uma alemã participou do nosso grupo. Agora eu não lembro o nome dela. Uma educadora alemã participou do nosso grupo. E nós nos apresentamos. Nós fizemos a nossa apresentação e outros grupos também se apresentaram. Depois do teatro, à noite, nós andamos pelas ruas e o pessoal do Eremim tocou. Foi uma menina com pernas de pau andando em frente à igreja matriz no centro de Iguape. E no dia seguinte nós fomos para a praia.

Em seu depoimento a educanda Irlani relata que houve apresentações das diferentes oficinas temáticas do Projeto *JovemPaz*. Relata a peça de teatro que aconteceu com o educador Luciano e artistas convidados. Fez-se presente também a educadora alemã convidada que participou da Festa. É lembrado nesse depoimento também o cortejo festivo com o Eremim tocando maracatu e os educandos de Iguape com pernas de pau. E toda essa festividade se deu com a importância de se unir em torno de um objetivo e compartilhar experiências.

Encontros festivos — Jovem de Iguape

Festa do farol organizada em Osasco — cerca de 300 pessoas da comunidade

No próximo depoimento, o educador Luciano relata a sua peça de teatro apresentada no sarau da Festa JovemPaz e fala mais sobre a realização do folguedo.

Talvez você não tenha lembrado pelo assunto principal de abordagem da peça. É um texto do Caio Fernando Abreu chamado “Bonecos Chineses” que falava da prisão cotidiana de uma mulher, de uma mãe de família que vivia em função dos outros. Não se observava. Não porque ela queria. Porque a sociedade está estruturada para que ela se anule. Se anular pro marido, se anular para os filhos, se anular para a família, se anular para a sociedade. Ela se coloca numa tarefeira, numa executora de tarefas para os outros. Para viabilizar a vida dos outros. Essa pequena peça – uma peça curtíssima – de 20 minutos, 25 minutos, ela versava sobre isso. E executávamos muito bem, era muito bonita. Era muito mesmo. E eu me lembro que causou uma comoção nesses alunos. E a gente tinha feito um dia inteiro de atividades, uma tarde toda. A coisa de se alojar, de jogar, de brincar, de comer junto, de fazer uma produção criativa. Porque a festa não significa o que, às vezes, a gente entende como parte da festa. O que pode também se tornar uma distorção do que a gente entende por festa. Parte da festa significa para nós pobres – pobres economicamente – e massacrados pela carga de horas que temos que vender para o capital. Quando nos vemos na possibilidade de uma festa, queremos muito cair num exagero às vezes de bebida, às vezes de comida. Então, vamos exagerar. Consumo, é um exagero de consumo. Às vezes, é onde acabamos consumindo a cultura de massa em larga escala. Então, vamos ouvir qualquer coisa mesmo, mas que o capital já determinou que tenhamos que ouvir pra consumir esse tipo

de produto. Aí vamos consumir muita carne no churrasco – que é gostoso também, eu concordo – vamos tomar cerveja, é consumo, consumo. A festa (*JovemPaz*) não é uma festa de consumo compulsivo como determinam as regras de mercado. Essa festa é uma festa criativa, também, no sentido de construção da nossa subjetividade, das nossas relações, da nossa afetividade. Então, a gente tem que ter a base também. Um grupo de trabalho, que foram grupos de poesia, grupos de jornal, grupos de cenas de teatro. Nós fizemos de avaliação, de análise, de representação, de brincadeira e jogo em que se apresentaram depois uns para os outros. Eu me lembro que eu coordenei o grupo de jornal, embora eu seja ator também. Então eu fico dividido. Queria ir pro grupo de teatro. Mas, pô, então o pessoal se dedicava comigo, acho que você estava no grupo de jornal. A gente sentou na beira do Rio Ribeira, batemos um papo embaixo de uma árvore. O que nós vamos escrever? Como é que vai ser? E nós éramos encarregados de fazer um jornal mural. Poxa, a qualidade disso já dá pra trazer uma das pequenas dimensões da festa. Olha a qualidade disso. Uma galera de Osasco, uma galera do Morro Doce e a galera de próprio Iguape, todos sentados às margens do Rio Iguape pra pensar a produção da sua notícia, da sua informação escrita em painel pra um grupo maior que estava preparando outras coisas. Pô, Paulo Freire, acho que se regozija com isso. Fala: – Puxa, é por aí! Estamos no caminho. Claro que a gente errou muito, mas poxa estamos no caminho. Isso, não ter as paredes dessa casa aqui, dessa instituição chamada escola. Mas ter a dimensão da construção coletiva do conhecimento, da análise, do prazer, do gozo de estar junto às

margens de um rio. Alguns papéis, giz de cera. Saber também da obrigação,
da

Grupos musicais da comunidade do Morro Doce

responsabilidade com um coletivo maior de ter que produzir alguma coisa pra se mostrar, pra dizer: – Olha, a nossa leitura sobre isso é essa. É criar os seus símbolos, criar os seus códigos, a sua linguagem e ir criando – a. Pegando o que já tinha. Essa é uma das dimensões também. Aí junta isso e o espetáculo teatral. Junta isso e apresentações musicais. Junta isso, o Núcleo de Maracatu e Bumba-Meu-Boi que desceu de Osasco e que fez um cortejo. Junta a isso, o pessoal de circo, perna de pau cuspidor de fogo, lá de Iguape. Junta-se a isso tudo uma festa com dimensões que foram tomando a cidade de Iguape. A gente foi pro centro da cidade, um pequeno centro, na igreja matriz. Fazer um festejo, um cortejo. Um cortejo com cento e poucas pessoas ou mais. Porque depois as pessoas vão aderindo, vão ouvindo os

tambores, vão ver a banda passar. Isso tudo enche essa juventude... E não só a juventude, enche o ser humano. Porque eu estou lá, sou jovem também. Pode-se dizer que: – Ah, eu estou acostumado com o processo. Mas tudo nos enche, como seres humanos, de significados, de vontade de estar junto, de pertencer a um grupo, de construir coisas belas, de construir a beleza, de construir a justiça, de conseguir participação. Essa é uma das dimensões da festa, um dos significados, eu acho. Esse pertencimento, esse trabalho, de novo que não é alienado, é construtor. Nesse caso de materialidade, que cria até objetos que seja o jornal, que seja... mas, enfim que cria subjetividade. No sentido de subjetividade, no ato de executar a festa, na ação do trabalho construtor da festa, nós nos reelaboramos, acionando nossa subjetividade. E essa já trabalhada, nos impulsiona a continuar um outro trabalho objetivo que movimenta a subjetividade num processo dialético dessa construção toda aí. Diferentemente da festa entuchada goela abaixo, onde você é um consumidor da festa.

Esse depoimento marca o envolvimento do educador Luciano com a Festa *JovemPaz* no Vale do Ribeira, desde o teatro até a produção do jornal, passando também pelo cortejo de Maracatu e Bumba-Meu-Boi pela cidade de Iguape. Ao afirmar que “... a festa *JovemPaz* não é uma festa de consumo compulsivo como determinam as regras de mercado. Essa festa é uma festa criativa, também, no sentido de construção da nossa subjetividade, das nossas relações, da nossa afetividade”, ele concebe o que de mais importante tem a Festa *JovemPaz*: a sua criatividade, a importância do trabalho coletivo-solidário, no fundo a autonomia emancipatória promovida pela organização e participação no folguedo. E nesse itinerário, o que se constata é a prática de uma “educação para a liberdade” promovida pela

Festa JovemPaz, um caleidoscópio multicultural, em que fazer cultura assume uma postura libertária.

Os próximos depoimentos apresentam o segundo dia de Festa JovemPaz no Vale do Ribeira. O passeio na praia da Barra do Ribeira e a visita à Associação de Moradores da Jureia.

Preparativos para festa no Morro

Começaremos com o depoimento da educanda Irlani, relatando a sua experiência na praia.

Hum... medo! Era muita água. Era uma praia em que não havia muitas pessoas e eu fiquei olhando bastante para o mar antes de entrar. Fiquei olhando, olhando, olhando... E quando eu fui me aproximando, parecia que ele estava querendo me levar. Então eu entrei e eu gostei muito dessa experiência. E depois nós fomos andando até uma casa de uma senhora. Era uma casa que funcionava quase que como uma organização. Era algo ligado ao meio ambiente, de uma reserva. Eu não me lembro direito. Mas nós fomos andando. O caminho era longo, longo. E nós fomos a pé. Fomos andando. E nós passamos por um rio. Um rio. Eu só tinha visto um rio quando criança na Bahia. Foi quando eu me reencontrei com o rio e eu gostei bem mais do que da praia. Eu gostei muito do mar, mas da areia eu não gostei tanto. E no rio a água era mais fresca, a água era doce. E eu gostei bem mais do rio. Nós almoçamos na casa dessa senhora. Cada um lavou o seu prato, a sua colher, como de costume. A gente sempre fez isso no JovemPaz. Era um combinado de convivência nosso. Cada um lava o que sujou. Cada um organiza o que desorganizou. Cada um tinha uma autonomia para cuidar do que é seu. E é um espaço muito legal isso. Então nós comemos, almoçamos lá. E nós voltamos também, fizemos o mesmo trajeto. Só que andando e daí nós fomos para o ônibus. Foi do que eu me lembro.

Aqui se faz presente o medo do novo, um susto ao se deparar com tanta água do mar. O encontro com o novo relatado detalhadamente até o momento em que ela entra no mar.

Depois o relato do trabalho coletivo e solidário mais uma vez presente. A promoção de vivências autogeridas dos educandos e educadores do Projeto *JovemPaz* se fez presente mesmo em momento festivo. E essa festa é mesmo marcada pela coletividade e pela solidariedade. Não numa postura individualista e egoísta, mas na qualidade de espaço que congrega diferenças e especificidades, garantindo assim um encontro entre diferentes grupos sustentavelmente geridos e constituídos como sujeitos que buscam comemorar e brindar a vida como ela é.

Vamos agora ao depoimento do educador Luciano para ver o que ele enxergou e vivenciou nesse segundo dia de Festa *JovemPaz* na Barra do Ribeira.

Então é à Barra que a gente estava indo. E poder chegar à Barra do Ribeira também em festa. O compromisso nosso era de festar, de fazer festa. E fizemos um maracatu pela cidadezinha e depois pela praia. E logo depois fomos conhecer um grupo organizado da região, a associação de moradores da Jureia, que não era uma colônia de pescadores, mas era um pessoal que trabalhava com extrativismo na reserva e tinha uma história de exclusão do espaço. Um almoço coletivo. Então, de novo o lance de poder comer juntos, cada um lavar os seus pertences. Uma ajuda mútua. E eu acho que esse almoço foi uma aula. Foi uma aula muito doida. Porque a gente estava almoçando com o pessoal local, que estava falando das suas ações, das suas dificuldades, das suas lutas. Então, esse segundo dia, além de ser um dia de festa, de apresentação, de curtição, de sol, de nadar, de dar uns mergulhos. Ah, esse dia... É um depoimento pessoalíssimo que eu tenho que contar. Foi nesse dia que eu fui presenteado. Eu me lembro que eu me guiei um caminho sozinho e entrei numa rua onde tinha uma flamboyant estourada

de flor vermelha na contraluz do pôr do sol atrás de um céu azul, de um lindo azul celeste. E essa flamboyant reverberando. Eu lembro que eu chorei de ver, de tão bonito que era. Era um pouco isso esse segundo dia. De muita beleza natural, contato com a natureza, contato com a comunidade organizada. E de poder entender que existem lutas organizadas pelas comunidades, pela população em vários lugares. Eu não sei pra quantos caiu essa ficha. Isso é muito relativo. Teria que fazer um levantamento. De repente, não caiu pra ninguém, caiu pra mim só. Mas, de novo, como é que uma festa pode provocar tanta coisa, tantos aprendizados em aspectos tão amplos do viver? Fora de uma sala de aula. É isso que eu tenho a dizer dessa festa.

Realmente este é um depoimento emocionado do educador Luciano, mesclando a sua apreciação da beleza de uma flamboyant com os ditames das lutas organizadas presentes nas comunidades. Para ilustrar esse depoimento festivo e chamativo para a luta é importante conjugarmos com a Ecopedagogia e a Leitura do Mundo no âmbito do folguedo. Fazendo festa desde a entrada da cidade e da praia com o maracatu do Eremim e fazendo luta no almoço com a associação de moradores da Jureia. Nesse espaço de combate por uma sociedade justa em que a sustentabilidade guia nossas ações, a Festa JovemPaz nos mostra que são com ações de diálogo, de aproximação, de contato com o outro, sobretudo, o diferente, é que se faz balizar uma construção de um outro mundo possível, bonito, humano, necessário e urgente.

Aulas ao ar livre, leitura de mundo, poesia e violão.

“Eu era muito individualista em alguns aspectos da minha vida. Eu não era muito democrática, achava que as pessoas não tinham a mesma capacidade de pensar como eu e acabava sendo egoísta.”(Irlani, participante)

Aldeia Guarani — Segunda festa de Osasco

7. A visão dos participantes do JovemPaz acerca do Projeto: Retratos

Fizemos novas entrevistas com os participantes do Projeto JovemPaz para conhecer suas trajetórias e vivências dentro do projeto. Experiências educativas, sociais e culturais que compõem um caleidoscópio multifacetado de histórias que foram acumuladas e compartilhadas na construção intercultural da paz e da sustentabilidade propiciadas pelo JovemPaz.

Para o educador de Jornal Escolar Luciano Carvalho, a experiência foi

riquíssima no sentido de ter uma estrutura ousada de conseguir uma integração de jovens através de instrumentos de intervenção na sociedade. Instrumentos políticos de inserção. Nesse sentido o JovemPaz conseguia essa integração tanto dos educadores provocadores quanto para os jovens orientandos - se é que esse é o nome que pode se dar - que estavam inseridos nesse processo de exercitar os dois lados... de exercitar uma intervenção concreta com seus meios de produção. Claro, nós não tínhamos uma gráfica. Nós não tínhamos equipamentos sofisticados. Mas, as linguagens abordadas como o jornalismo escolar, o rádio... Se conseguia se montar uma rádio, uma rádio escola e a gestão, organização, troca de conhecimento para a criação de um grêmio escolar. São vários instrumentos... Embora isso não tenha acontecido de forma como o meu idealismo vislumbrava com todos os envolvidos. Daria chance de empoderar essa galera em cada uma das suas regiões tendo a escola como uma célula organizacional e extrapolasse os muros da escola. Fosse um canal aberto de relação com a comunidade do entorno, com a comunidade escolar, com a comunidade interna e do entorno. Trazendo assim elementos de construção coletiva e emancipatória e que se inseria como organização

comunitária pra encampar diversas lutas. Pra organizar um fórum de debates constante, aberto. Ou seja, a experiência de vislumbrar essa possibilidade de poder construir conjuntamente com educadores da qualidade do Naiman, do Luizinho, por exemplo. Uma outra experiência a parte, trabalhar com esses dois. Ou seja, essa promessa, esse intuito, era muito belo, muito forte, muito atraente e, em certa medida, num período nós concretizamos isso. As escolas, os espaços eram efervescentes, uma alegria pulsante em que um espaço de reflexão e organização bastantes raros de se conseguir hoje em dia. A tônica da sociedade é a desarticulação, a segregação das pessoas, o individualismo. Era uma chance bastante interessante de contribuir com essa história.

Nesse sentido, a vivência foi transformadora pois permitiu agregar diferentes histórias e trajetórias numa rica experiência intertranscultural que o JovemPaz viabilizou para seus participantes. No depoimento de Luciano vemos a perspectiva do trabalho comunitário vislumbrado. Sua participação no Projeto trouxe suas histórias de seu grupo de teatro Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes na zona leste de São Paulo. É uma militância árdua que somada a sua formação de jornalista contribuíram muito no desenvolvimento de suas atividades no JovemPaz.

Já para o educador de Grêmio Estudantil, Luizinho a mudança que o Projeto JovemPaz trouxe na sua vida foi

principalmente assim do cuidado com o outro, de atentar para as adversidades expressas em cada região. Acho que a mudança mais forte é essa coisa da crença. De você reafirmar a crença que mesmo em situações as vezes de abandono nas regiões em que nós trabalhamos... Se você pegar

talvez a de Iguape com certeza não era a de maior abandono. Se você pegar o Morro Doce que era um bairro... Era não, é ainda. Um bairro de extremas expressões de pobreza. Você vê a juventude no trabalho bem ainda adolescente, jovem e isto ele ressignifica seus projetos, suas intenções com a vida. Então, pra gente assim, quando você fala da mudança, ela é muito mais no sentido de uma reafirmação de um olhar. Então, a mudança que você achar que tem ou não tem. Então, você percebe isso, tem possibilidade, tem esperanças possíveis de aprendizados quando você trabalha com responsabilidade. Eu acho que são mudanças nesse aspecto. É que eu já vinha numa questão muito forte da militância social e a reafirmação. Por exemplo, a escolha que eu faço até hoje de estar numa escola na direção, ela mistura muito assim da crença e do compromisso ético com os mais excluídos. E a minha escolha para mim estar aqui vem muito da alimentação que eu recebi nesses projetos e ver as coisas... Não acontece com todo mundo mas acontece com uma parcela bacana de jovens. De pessoas que você está pensando que não está fazendo... Isso acho que reafirma e a gente vai... A mudança ocorrendo no sentido de você ir estabelecendo possibilidades de manter um diálogo com esse jovem de hoje. Nesse movimento histórico assim.

A dimensão do cuidado tão bem enfatizada pelo teólogo Leonardo Boff fica explicitada no depoimento de Luizinho. Hoje ele é diretor de uma escola pública de Ensino Fundamental da Brasilândia. Sua contribuição ao JovemPaz foi da sua cumplicidade e dialogicidade com os educadores e educandos resultando numa solidariedade crítica propiciada pela experiência do grêmio estudantil. Para nós que estávamos inseridos numa

experiência nova, o acúmulo de vivências políticas e pedagógicas de Luizinho foi fundamental para a nossa trajetória de formação de Educadores Sociais.

Já para Naiman, o educador de Rádio Escolar, as mudanças propiciadas pelo Projeto JovemPaz concernem

Para a maioria dos jovens que tiveram contato com o JovemPaz creio que uma coisa muito importante ficou clara: há esperança, é possível transformar a realidade positivamente, podemos mais do que nos tem sido proposto por essa sociedade do capital. Para um grupo menor, o projeto contribuiu de forma decisiva para a tomada de uma direção para suas vidas. Como já disse, hoje temos jornalistas, produtores culturais, pedagogos, despertados no processo desenvolvido no JovemPaz.

Naiman e sua esperança foram singulares para o nosso trabalho do Projeto. Um mineiro radicado na capital de São Paulo. Músico que nos emocionou com suas canções ao longo do projeto. A rádio que para nós se transformou em instrumento político, cultural, social e pedagógico dentro de nossas escolas compondo um fecundo encontro acerca de nossas relações no âmbito escolar. Numa nova perspectiva acerca de nossas relações escolares que com o rádio ganhavam um novo instrumento de comunicação e representatividade.

A educanda Sindy Molina de Iguape nos conta que a sua vivência no Projeto JovemPaz

Com certeza foi uma experiência inesquecível. Durante o JovemPaz eu consegui me enxergar como ser participante do mundo. Me entendi como alguém com opiniões e principalmente com possibilidades: poder falar, me expressar e entender que isso poderia fazer diferença. (...) Me lembro bem que no começo do curso eu imaginava que participar do Jornal me faria escrever. Depois, descobri que não era apenas o ato de escrever, mas de ser

interlocutora de um grupo de pessoas que não podiam ser ouvidas. A experiência do jornal contribuiu para minha formação política, cultural, social, ambiental e, principalmente, me mostrou que existem minorias, diferenças, direitos e deveres para manter o nosso mundo um lugar para todos. Com certeza isso me educou de uma maneira que modificou meu olhar sobre o mundo.

Sindy se tornou uma jornalista. Estudou no Paraná e atualmente trabalha em São Paulo como redatora web. É um exemplo de como o Projeto modificou algumas vidas e trajetórias impulsionando transformações na vida de jovens e educadores. E quando ela retrata que seu olhar sobre o mundo foi modificado é o significado de que a proposta do JovemPaz alcançou resultados na construção intercultural da paz e da sustentabilidade. Não se tratava de fazer jornal apenas como mercadoria para vender, mas sim de um instrumento de comunicação de transformação e interação dialética com o mundo.

Já para o educando Uelves do Morro Doce, bairro da região de Perus de São Paulo, o Projeto JovemPaz para ele constitui uma

experiência (...) muito importante em minha formação acadêmica e social, no projeto ganhei novos rumos e conquistei novos objetivos, tendo uma construção crítica e participativa em meio a sociedade. Aprendendo e pondo em prática os princípios freireanos que me proporcionaram nos dias de hoje a criação de um ser mais humano, digno e que preza por um mundo melhor e mais justo. (...) Na verdade todos os princípios do projeto contribuem não só para a formação educacional, mas também uma formação de um cidadão, além de enfatizar a participação infantil, dando visibilidade aqueles que muitas vezes são ignorados, na escola e na

sociedade, com o projeto pude exercer meu lado participativo e crítico, penso que muitas vezes é um projeto como esse que falta em cada uma das escolas, pois sendo promissor, damos a oportunidade de ser um projeto reciclável gerando cada vez mais pessoas participativas, críticas e seguras de suas palavras e atitudes, que acabam dando a oportunidade que muitas precisam, mas que muitas vezes não são vistos.

O educando Uelves hoje está na área da informática e é cantor de funk também. Trabalhou no setor de informática do Instituto Paulo Freire e está concluindo seu curso na Universidade Mogi das Cruzes (mesma universidade que o educador Luciano fez Jornalismo). A experiência de Uelves no Projeto JovemPaz foi um itinerário muito bonito de ser traçado. Ele se tornou presidente do grêmio e uma referência política fundamental em sua escola. Quando ele lembra do “projeto reciclável” vislumbra-se a importância de “reciclar” a participação e o protagonismo juvenil nas escolas. Relembrar é viver. E Uelves com suas memórias nos leva a boniteza do JovemPaz.

E concluimos a inserção de excertos dessas novas entrevistas com a participação de Natacha, a educanda de Ilha Comprida que nos relata que

Toda forma de metodologia acrescenta para o professor, quanto mais conhecimento, maior a quantidade de coisas que o professor pode filtrar e estabelecer se servirá ou não para seus alunos.

Natacha, atualmente, cursa Letras no Rio de Janeiro e retrata aqui a metodologia educacional que ela acredita. Fundamental é ver mais uma educanda que seguiu o caminho da educação. A educanda Irlani que havia sido entrevistada anteriormente na atualidade faz

Filosofia na Unifesp de Guarulhos. São os educandos e educandas JovemPaz trilhando os caminhos da educação.

Contar essa história do JovemPaz tão rica e plena de contrastes, cores e cheiros nos levam a uma pedagogia da sensibilidade. Não são apenas propostas pedagógicas mas sim histórias de vida compartilhadas numa experiência única em nossas trajetórias existenciais.

Aqui é apenas um recorte do que achamos que cabia numa dissertação de mestrado. Fica o convite para a leitura das entrevistas na íntegra nos anexos para conhecer melhor esses participantes. JovemPaz foi juventude e vida com cultura e educação. E ressoa até hoje na vida de quem participou.

8. Considerações Finais

Ao compor esse Trabalho de Qualificação, pude me reencontrar com o que vivi no Projeto JovemPaz. Rever amigos, ouvir histórias, lembrar a organização das festas, da participação nos folguedos, nos sabores sentidos, nas nuances, nas manifestações artísticas, nos debates, nos círculos de cultura, na praia, na praia da Barra do Ribeira, na festa em Iguape, enfim, pude compor um caleidoscópio de lembranças queridas do projeto que foi um marco em minha vida.

No que concerne à **Ecopedagogia do Projeto JovemPaz**, é importante apontá-la como prática necessária para a construção da cidadania planetária, um fomento para uma revisão radical do paradigma educacional vigente. Ser cidadão do mundo rompe fronteiras, nos faz interagir com o outro que, se antes era diferente, desigual, agora é semelhante. Foi importante discutirmos sobre escola e comunidade, que são duas esferas que devem trabalhar em comunhão para o melhor desenvolvimento pedagógico e de construção de conhecimento

dos alunos, como também para serem reconhecidas como espaço comunitário onde são importantes e constituem o direito, a presença de todos para participar e se expressar. É importante o incentivo a uma Educação Popular e Planetária que se legitima no contexto da escola pública, transformando assim o seu universo simbólico através da parceria com ONGs e Movimentos Sociais, possibilitando o diálogo que consolidou uma Educação que atendesse às demandas populares. Já quanto à Educação Ambiental, ela foi fundamental para a Ecopedagogia do Projeto *JovemPaz*, pois pôde alertar para a crise em que vivemos e a necessidade de manter vivo o nosso meio ambiente, nossa fauna e nossa flora, não apenas em uma medida de preservacionismo, mas numa perspectiva de desenvolvimento sustentável.

Já em **A Leitura do Mundo da Festa JovemPaz**, pudemos verificar o quanto foi importante ler o mundo no contexto da festa para registrar, olhar, analisar, avaliar, enfim, poder se enxergar dentro desse evento e ver o outro promovendo uma relação intercultural. Ressoaram diferentes leituras, pois é assim que tem que ser. Cada vista de um ponto é um diferente ponto de vista, nos diz Leonardo Boff. E é assim que devíamos nos enxergar: sem preconceitos, mas promovendo vínculos, conseguindo congregar as diferentes leituras do mundo. E a festa é uma ótima proposta para promovermos essa comunhão. Afinal, a Festa *JovemPaz* significa alegria, união, reflexão, ação, esperança e fé, fé em um outro mundo possível, que torna mais urgente a nossa mobilização a cada dia.

E em **Arquitetura da Memória da Festa JovemPaz**, foi importante aprender a remexer os nossos guardados, a dar luz ao nosso passado, trazendo à tona para o nosso presente nossas lembranças. Fundamental para reviver as festas, trazer à tona a representação de festa dos entrevistados. Verificar o que marcou mais no âmbito da organização das festas

e na participação dos folguedos. Dar voz aos entrevistados para que eles pudessem “viajar no tempo” e trazer o que mais foi significativo para eles no advento das festividades.

A marca do Projeto *JovemPaz* foi a união. Daí a proposta de atingir o seu êxtase na Festa, na qual todos podiam celebrar a vida, a paz e a sustentabilidade, rompendo fronteiras entre as diferentes culturas, sendo espaço de diálogo, de construção com o outro, de intercâmbio, de troca, de oferta, de confraternização.

A construção intercultural da paz e da sustentabilidade só é possível se aprendemos a festejar. A festejar a vida, a convivência, o estar junto, o bem querer o outro. Só assim, podemos construir uma outra sociedade mais justa e mais humana, na qual podemos compreender o outro, ser atencioso às mazelas do mundo que atingem milhões de pessoas, ajudar sempre que possível, estar atento aos problemas ambientais, estar disposto a construir uma outra realidade. É só assim que se constrói o novo, o nosso sonho.

Ao romper com a rotina do cotidiano, a festa pode ser aproveitada como evento para nossa diversão, para nossa felicidade, para lermos o nosso entorno e compreendê-lo, para construirmos assim relações sustentáveis entre nós e nossa comunidade. Nesse caminho a ser construído, só podemos dizer que será mais prazeroso e alegre quanto mais dedicada, integrada e coletivizada for a nossa ação. “Foi um rio que passou em minha vida”, como diria Paulinho da Viola, a aventura do Projeto *JovemPaz*, um projeto, uma utopia realizada, uma verdadeira revolução em várias vidas.

9. Referências Bibliográficas

ABBONÍZIO, ALINE Cristina de Oliveira. *Orientações da parceria entre Poder Público e organizações sociais no MOVA São Paulo*. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 2007.

ACCIOLY E SILVA, Dóris. *Repressão Política, Resistência e Memória Social: um estudo de Caso*. In: WHITAKER, Dulce C. & VELÔSO, Thelma M. (orgs.) “Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória”. Campina Grande: EDUEP, 2005.

ANTUNES, Ângela. *Leitura do Mundo no contexto da Planetarização: por uma Pedagogia da Sustentabilidade*. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 2000.

AVANZI, Maria Rita. *Meio Ambiente e Educação para a cidadania: Experiências Locais nas Bacias dos Rios Piracicaba e Capivari*. Dissertação de Mestrado FEUSP, 1998.

_____. *Tecido a muitas mãos: experienciando diálogos na pesquisa em educação ambiental*. Tese de Doutorado FEUSP, 2005.

BEISEGEL, Celso de Rui. *Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *Estado e Educação Popular: um estudo sobre a Educação de Adultos*. Brasília: Líber Livro, 2004.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica. Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOFF, Leonardo. *O despertar da águia: o simbólico e o diabólico na construção da realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

_____. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

_____. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *Estudiantes y la cultura*. Barcelona: Labor, 1967.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus Editora, 1989.

_____. *Cavalcadas de Pirenópolis*. Goiânia: Oriente, 1974.

_____. *Minha casa, o mundo*. Aparecida: Ideias e Letras.

_____. *A Educação como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC). Marcos de Referência*. Brasília: Secretaria Nacional de Educação Básica, 1990.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. *Antes de Aushwitz: Um ensaio sobre a memória e narrativa em Walter Benjamin e Erich Maria Remarque*. Revista Eletrônica Cadernos de História: publicação do corpo discente do departamento de história da Universidade Federal de Ouro Preto Ano II, n. 01, março de 2007.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Narradores de Javé: Histórias, Imagens, Percepções*. Revista de História e Estudos Culturais. Abril/Maio/Junho de 2008. Vol. 5. Ano V. nº 2.

CASCINO, Fábio & JACOBI, Pedro. & OLIVEIRA, José Flávio de. São Paulo: *Secretaria do Meio Ambiente*, 1998.

_____ *Educação Ambiental: princípios, história e formação de professores*. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

CATANI, Denice & BUENO, B. & SOUSA, C. & SOUZA, M. *História, Memória e Autobiografia na pesquisa educacional e de formação*. In: CATANI, D. (et all) “Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação”. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHRISTOFOLETTI, Elisabete de Lourdes. *Educação Popular: facilitadora do processo de Transformação Social. Uma leitura a respeito do movimento da consciência em educadores de adultos*. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP em 1994.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. *Alfabetização em Questão*. São Paulo: Graal, 1995.

DESAULINIERS, Julieta Beatriz Ramos. *Memória Social e Cidadania*. Caderno CEDES, Campinas, ago. 1997, v. 18, n. 42, p. 93-107.

ESTEBAN, Maria Teresa. *Educação Popular: desafio à democratização da escola pública*. Campinas: Cadernos CEDES, vol. 27, nº 21, 2007.

FAUSTO, Boris (Dir). *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano*. 2ª Edição. Tomo II. 2º Volume: Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Difel, 1978.

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em Processo*. São Paulo: Cortez, 1986.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação Popular na Escola Pública?* Uberlândia, Educação e Filosofia, 1990.

FREIRE, Madalena. *Prefácio a GROSSI, Esther Pillar. Didática do Nível Silábico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____ Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

_____ & SCHOR, Ira. *Medo e Ousadia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____ *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Educar para a sustentabilidade*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

_____ & ROMÃO, José Eustáquio. *Escola Cidadã: a hora da sociedade*. In: Salto para o Futuro: Construindo a escola cidadã, projeto político-pedagógico/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRAMSCI, Antonio. *Introdução à Filosofia da Práxis*. In: Obras escolhidas. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papirus, 2007.

GUTIÉRREZ, Francisco. & PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2008.

HADDAD, Sérgio. & DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. In: FÁVERO, Osmar. (org.) Educação como exercício de diversidade. Brasília: Unesco, MEC, ANPED, 2005, nº 14, pgs. 83-126.

HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HENRIQUES, Lucas Fernando César. & TORRES, Michelangelo Marques. *Potencialidades do círculo de cultura na educação popular*. Osasco: Caderno de Formação Curso Educação Sócioambiental, 2009.

JARA, H., Oscar. *Para sistematizar experiências: una propuesta teórica y pratica*. San José, C. R: Centro de Estudios e Publicaciones, ALFORJA, 1994.

JOVEMPAZ. *Formação de Educadores Sociais: Construção Intercultural da Paz e da Sustentabilidade*. São Paulo: Cortez, IPF: 2004.

MACIVER, R. M & PAGE, Charles. *Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social*. In: FERNADES, Florestan. *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

MENDES, Ovídio Jairo Rodrigues. *Concepção de cidadania*. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Direito da USP em 2010.

MORAIS, Régis de. *Cultura Brasileira e Educação*. Campinas: Papirus, 1989.

MORROW, Raymond. & TORRES, Carlos Alberto. *Gramsci e a Educação Popular na América Latina. Percepções do debate brasileiro*. In: *Currículo sem fronteiras*. Vol. 4. Nº2. Pgs. 33-50. Jul-dez de 2004.

MOYSES, M.A.A. & LIMA, G.Z. *Desnutrição e fracasso escolar: uma relação tão simples*. In: São Paulo: Revista ANDE 5: 57.

NASCIMENTO, Mayk Andreele do. *Lembranças do vivido: Memória e Cultura Popular nos Bairros do Roger e Tambiá*. Fonte:

http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2011%20-%20Mayk%20Andreele%20do%20Nascimento%20TC.PDF

OLIVEIRA, Luiz Carlos de. *Ecopedagogia e a construção da vida*. São Paulo, 2005.

Fonte: <http://homologa.ambiente.sp.gov.br/EA/adm/admarqs/LuisCarlos.pdf>

- PADILHA, Paulo Roberto. *Currículo Intertranscultural: Por uma Escola Curiosa, Prazerosa e Aprendente*. Tese de Doutorado defendida na FEUSP em 2001.
- PAIVA, Vanilda. *Educação Popular e Educação de Adultos. Contribuição à História da Educação Brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1973.
- PAULA, Crislei Oliveira Custódio de. *Educação, Cidadania e Direitos Humanos nas Escolas*. Programa de Iniciação Científica da FEUSP, 2006.
- PÉRES, Léa Freitas. *Antropologia das efervescências políticas: Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas*. In: PASSOS, Mauro (org.) *Festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PIZZIRANI, Fabiane. *O papel dos processos de participação popular na gestão municipal: estudo do Orçamento Participativo no município de Rio Claro/SP*. Dissertação de Mestrado defendida na FFLCH-USP em 2006.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, 1989.
- _____. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992, v. 5, n. 10, p. 200-212.
- POSSAS, Wania Machado. *Compreensão e domínio da escrita: vale o escrito*. In: Secretaria de Educação à Distância. *Salto para o Futuro – Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- QUEIROZ, Maria. *Experimentos com histórias de vida: Itália Brasil / organização e introdução de Olga de Moraes Von Simon* – São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- REICH, Wilhelm. *O que é consciência de classe?* Porto: H.A. Carneiro, 1976.

RIBEIRO, Júnior. Jorge Cláudio Noel. *A festa do povo: pedagogia de resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SINGER, Paul. *Um governo de esquerda para todos: Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo*. São Paulo, Brasiliense: 1996.

WHITAKER, Dulce Consuelo. *Educação Escolarizada: violência simbólica ou prática libertadora? O caso brasileiro*. Porto Alegre: Revista Teoria & Educação, 3, 1991.

ANEXOS

Entrevista Irlani (aluna JovemPaz) 14-05-08

Seu nome completo:

Irlani Gonçalves da Silva Carvalho

Quantos anos você tem?

21 anos.

Em que escola você estudava na época do projeto JovemPaz?

EMEF Edgar Caroni.

Em que série você estava?

Estava na 8ª série. 7ª, 8ª série.

Fala um pouco da sua experiência de ter participado da Festa JovemPaz no Morro Doce:

Dani, eu não participei no dia da festa. Eu participei da organização da festa. Nós fizemos a mobilização de bandas que tinham lá na região, da comunidade. Então, nós chamamos uma banda de rock, chamamos um grupo de jovens que dançavam, faziam dança de salão, pra fazer uma apresentação no dia da festa. Coletamos materiais que poderiam ser utilizados, expostos no dia da festa. Como por exemplo, lixo jogado nas praças que tinham perto do espaço onde nós usávamos. Também, materiais que poderiam ser reutilizados que eram próprios do espaço que nós usávamos. Que era uma entidade, na verdade. Era uma outra organização diferente da escola. Apesar que... era uma creche. Mas, além das creches eles tinham uma outra organização lá que eles atendiam pessoas, davam formação específica, trabalhavam com portadores de necessidades especiais. E lá eles tinham muitos materiais que sobravam dessas oficinas que eles faziam lá. E nós coletamos todos esses materiais para enfeitar a festa e também para usar na própria organização das atividades da festa.

Para você o que foi mais marcante em participar da organização da Festa JovemPaz?

O mais marcante foi a autonomia que a gente teve tanto para planejar as atividades que iam ter tanto na decoração do espaço que a gente ia fazer, se programar. De você pegar um papel e anotar o que vai vir primeiro, que banda vai se apresentar. Quantas pessoas vão participar? A gente vai precisar vender lanches. Quem vai vender o quê? Então, a autonomia de poder planejar uma festa coletivamente foi muito legal.

Na Festa JovemPaz que vocês viajaram, o que você lembra dela?

Lembro da emoção porque eu nunca tinha viajado. Primeiro, eu nunca tinha viajado sozinha, sem os meus pais. E viajado com pessoas assim... bem legais. Tinham os educadores que não tinham uma figura paterna nem materna e apenas orientadores e viajar com outros colegas de trabalho, com crianças menores. Eu era uma das mais velhas, então eu tinha responsabilidade de cuidar dos menores no ônibus. Eu lembro bastante disso E no dia da festa eu acho que eu

estava vislumbrada com aquele espaço que era novo, que eu não conhecia, com aquelas pessoas. E a festa para mim foi um grande espaço de conhecer outro lugar, de conhecer pessoas com as quais eu tinha contato. Porque o projeto acontecia em três pólos. Eu sabia da existência dessas pessoas, mas eu ainda não tinha tido contato com elas. Então, o interessante para mim foi conhecer essas pessoas que participavam do mesmo projeto que eu.

Quais foram as atividades que aconteceram nessa festa junto com os três pólos?

Eu me lembro muito pouco. Eu lembro que teve uma apresentação do teatro do Luciano. O Luciano e uma outra educadora, amiga dele. Eles fizeram no final da noite. Eles fizeram uma apresentação de teatro que eu acho que era sobre família. Eu não me lembro bem, mas eu acho que era sobre família. Antes disso, eles fizeram apresentação dos grupos temáticos, das oficinas específicas. Então, o pessoal do jornal foi lá pra falar o que eles faziam nas oficinas de jornal e as produções que eles decidiram fazer nesse grupo. O pessoal do grêmio, a mesma coisa e o pessoal do rádio, a mesma coisa. Eu fui também para dar o meu depoimento e pra falar um pouco do que eu aprendi, do que eu senti. E eu comecei falando que primeiro eu participei do grêmio, da oficina de grêmio e depois eu fui para a de rádio e jornal. Falei da minha experiência do grêmio, que eu gostei muito de participar. Tanto que nós chegamos na época até a iniciar um projeto de jornal na escola que eu estava. Mas, por autoritarismo da direção, acabou não indo pra frente o jornal. Nós fizemos uma sistematização dos nossos trabalhos, nós apresentamos nossas falas, nós fizemos uma sistematização em grupo, e o nosso foi em forma de teatro. Inclusive uma alemã participou do nosso grupo. Agora eu não lembro o nome dela. Uma educadora alemã participou do nosso grupo. E nós nos apresentamos. Nós fizemos a nossa apresentação e outros grupos também se apresentaram. Depois do teatro, à noite, nós andamos pelas ruas e o pessoal do Eremim tocou. Foi uma menina com pernas de pau andando em frente à igreja matriz no centro de Iguape. E no dia seguinte nós fomos para a praia.

E a praia, como foi aquele dia?

Foi a primeira vez que eu vi a praia.

O que você sentiu?

Hum... medo! Era muita água. Era uma praia que não tinha muitas pessoas e eu fiquei olhando bastante para o mar antes de entrar. Fiquei olhando, olhando, olhando... E quando eu fui me aproximando parecia que ele estava querendo me levar. Então eu entrei e eu gostei muito dessa experiência. E depois nós fomos andando até uma casa de uma senhora. E era uma casa que funcionava quase que como uma organização. Era algo ligado ao meio ambiente, de uma reserva. Eu não me lembro direito. Mas, nós fomos andando. O caminho era longo, longo. E nós fomos a pé. Fomos andando. E nós passamos por um rio. Um rio. Eu só tinha visto um rio quando criança na Bahia. Foi quando eu me reencontrei com o rio e eu gostei bem mais do que da praia. Eu gostei muito do mar, mas da areia eu não gostei tanto. E

no rio a água era mais fresca, a água era doce. E eu gostei bem mais do rio. Nós almoçamos na casa dessa senhora. Cada um lavou o seu prato, a sua colher, como de costume. A gente sempre fez isso no JovemPaz. Era um combinado de convivência nosso. Cada um lava o que sujou. Cada um organiza o que desorganizou. Cada um tinha uma autonomia para cuidar do que é seu. E é um espaço muito legal isso. Então nos comemos, almoçamos lá. E nós voltamos também, fizemos o mesmo trajeto. Só que andando e daí nós fomos para o ônibus. Foi o que eu me lembro.

Na Festa JovemPaz de Osasco você chegou a participar?

Eu lembro... eu lembro que foi no Clube de Metalúrgicos de Osasco. Eu fui lá... Participou um número grande de pessoas, inclusive você que eu vi. E lá o Luciano deu a notícia que você tinha passado na USP, que você ia fazer o curso de Pedagogia. E que iria trabalhar também no Instituto Paulo Freire, ia compor a equipe do Instituto Paulo Freire. Isso foi uma notícia que me alegrou muito. Inclusive no final eu fui falar contigo. Lembro também que foi quando eles mostraram um vídeo de tudo o que foi feito na festa em Iguape. Inclusive tinha um depoimento meu na fita.

O que você falava?

Eu acho que eu falava sobre a importância de um projeto como o JovemPaz. Acho que era basicamente isso.

O que você considerava mais importante, ou ainda considera?

Eu considero o JovemPaz importante porque é o espaço de debate que nós tínhamos no JovemPaz, é um espaço que hoje as escolas não proporcionam. E que é fundamental na construção de identidade e autonomia dos jovens e conseqüentemente a gente pode ter uma participação bem mais ativa na sociedade para mudar a sociedade que a gente vive. Então, eu achava importante. Hoje acho muito mais importante. Eu ainda não consigo encontrar um outro espaço como o JovemPaz. Um outro projeto... não com as características, mas com a intensidade do JovemPaz, apesar de ser formação. Não me lembro mais se era quinzenal ou semanal. Mas, com a intensidade, com o envolvimento. Continua sendo muito importante.

Das atividades em Osasco, você lembra de mais alguma delas?

Eu lembro que nós fomos visitar o Parque do Jaraguá. À noite teve umas apresentações culturais do pessoal do Eremim. Depois foi um pouco louco. Teve uma mesa com frutas, jantar comunitário e só.

O que foi mais marcante para você nessa festa? Entre a Festa de Iguape e a de Osasco?

A mais marcante pra mim, com certeza foi a Festa de Iguape. Porque eu saí da Morro Doce, de um lugar pequenininho, quase que um fim de mundo. E encontrei um outro fim de

mundo, que era Iguape, Ilha Comprida, mas que era um lugar que eu não conhecia. Mas, que eu me apaixonei. Eu me apaixonei perdidamente, por nunca ter visto tanto verde. Ter um contato maior assim com a natureza. Por ter sido o primeiro lugar onde eu vi uma praia. Por conhecer pessoas que eu sabia da existência, mas não tinha tido a oportunidade de conhecer. Mas, foi mais marcante o clima, o lugar, aquelas pessoas. Eu acho que foi o que marcou mais. Em Osasco o que me marcou foi ver o trabalho que nós desenvolvemos. O lançamento do livro, ter visto o livro, o vídeo. Todo o material que nós fizemos, ele foi sistematizado, disponível pra gente rodar por aí. E mostrar o trabalho que nós fizemos. Isso foi muito legal.

O que foi a Festa JovemPaz para você?

Foi um grande espaço de compartilhamento de saberes, de conhecimentos, de brincadeiras, de organização, de autonomia, de trabalho.

A festa pra você é o que?

A festa, eu acho que é um espaço alegre. Um espaço alegre, onde diferentes pessoas possam criar comissão.

A escola pra você é o que?

Eu vou responder pra mim o que ela é. E depois vou responder o que eu gostaria que ela fosse. A escola pra mim é um lugar autoritário, que poda a criatividade de toda e qualquer criança, que discrimina e que forma hoje para o mercado de trabalho. Pro mercado de trabalho capitalista e discriminatório. O que eu gostaria que a escola fosse. Realmente fosse um espaço de construção de saberes necessários para a sua vida. Realmente de formar para a vida, sempre valorizando as realidades locais, várias realidades. Que a escola tivesse a autonomia de construir seu próprio currículo e não ficar presa a um sistema, a um mercado.

O que é cultura para você?

Cultura. Sempre que eu falo de cultura, eu lembro de roda. EU lembro de uma grande roda. Um círculo que soma. Uma roda com as pessoas somando muitos saberes, muitos saberes diferentes. Acho que é uma junção de tudo isso. Mas, tudo muito ligadinho.

Na festa, se falava de leitura do mundo. O que é leitura do mundo para você?

Dentro da festa, a leitura do mundo é você conhecer a comunidade em que você está inserido. A leitura do mundo – não só pra mim, mas como para Paulo Freire – pressupõe não só você conhecer a realidade. Mas, conhecer a realidade para você intervir nela. Então, mais do que eu conheço e vamos deixar com está a mesma coisa. É querer mudar isso. E, sobretudo, vem a ação de querer mudar essa realidade. É bem legal!

O que é comunidade para você?

Comunidade. Eu acho mais distante assim, de pensar em comunidade. Então, eu vou entrar na minha comunidade. Na minha comunidade não abrindo amplamente para um geral. Na comunidade em que eu vivo em São Paulo, todo mundo conhece todo mundo. E todo mundo ajuda todo mundo. Eu moro em uma comunidade onde as pessoas não são de origem desse local. As pessoas são da Bahia e foram se agrupando justamente por serem da Bahia em um local, em São Paulo, no Morro Doce. Uma rua inteira, a rua 19, onde as pessoas são da Bahia. E a maioria são familiares. Primo num canto, tio num canto. Todo mundo conhece todo mundo. Todo mundo se envolve nas festas. Natal, Ano Novo. Todo mundo tanto nas festas, nas doenças, na saúde, nascimento das crianças, todo mundo está sempre disposto a ajudar. Essa é a comunidade que eu vivo.

Você chegou a participar da 2ª Festa JovemPaz da ocupação da praça no Morro Doce?

Cheguei. Nós fizemos um bonecão de lixo. Mas, antes de fazer um bonecão de lixo...

Como foi a organização e a realização desse festa?

Primeira coisa que a gente fez foi: vamos conhecer o que temos. Essa praça, esse bairro. Na verdade, vamos observar. Cada um individualmente, solitário, andou pela praça percebendo e registrando o que ele encontrava nessa praça. Depois disso, nós voltamos para o nosso local de trabalho e conversamos sobre o que nós tínhamos percebido e começamos a fazer parte dessa praça. E para nós do JovemPaz foi ainda melhor porque aquela era a praça da maconha. Os jovens dali se reuniam para fumar maconha. Uma praça que foi criada para lazer acabou virando ponto de drogas. De venda e de uso de drogas. Perdendo, então, o significado daquela praça para a comunidade local, a comunidade do entorno daquela praça. Os próprios locais de lazer totalmente depredados. Tinha cesta de coleta seletiva, já não tinha mais. Os balanços que eram feitos pra crianças, os jovens maiores já haviam quebrado. Não havia quase nada mais inteiro. E muita coisa quebrada e espalhada pela praça. Pedacos de árvores com os galhos quebrados. Foi essa a leitura que a gente fez. Então, a gente achou muito necessário tratar da questão do lixo. Tudo que nós fomos encontrando no caminho, nós fomos ajuntando e criando um bonecão de lixo, um grande monstro de lixo. Foi a nossa passeata ali por aquele local. Nós andamos com o monstro. Tínhamos uma frase que agora eu não lembro. Eu sou o monstro que você produz, alguma coisa assim. Eu não me lembro direito. Mas, era uma frase que dizia mais ou menos isso. Via as pessoas olhando aquilo, porque era uma coisa muito chamativa. E foi isso que eu me lembro. A gente andando pela praça, pelas ruas do entorno. Saímos andando. Fomos mostrar o que a gente estava sentindo daquilo.

E depois?

Nós fizemos uma exposição fotográfica. Fotos de como estava a praça e depois nós revelamos essas fotos pra gente montar também cartazes. Então, nós montamos cartazes de

como estava a praça e do que nós queríamos. Então, nós criamos esse painel fotográfico mostrando como era e como nós queríamos que fosse.

O Projeto JovemPaz para você, o que foi?

Foi um espaço de discussão e construção. Foi um espaço para saber o meu espaço na sociedade e que me deu vontade de me tornar uma educadora social que eu sou hoje. Foi o que me deu base para refletir, sobretudo sobre a minha identidade. A minha cor negra, a minha vida de pobre. Me situei na minha realidade, enfim, poxa, o JovemPaz é isso. Isso é algo que está na sociedade. Não só na minha dimensão micro, mas na intenção de mudar essa realidade. Então o Jovem Paz foi espaço fundamental que deu base para ser tudo o que hoje eu sei, tudo o que hoje eu sou.

Muito obrigado!

Nivaldo Djalma da Silva Pinto(apresentou capoeira na Festa JovemPaz) Dia 29-05-08

Seu nome é:

Nivaldo Djalma da Silva Pinto. Eu sou professor de capoeira aqui do projeto Arco Íris há 5 anos e faço um trabalho de capoeira. Respeito à cultura, poesia e é um trabalho aqui feito com a comunidade tirando as crianças da rua, os meninos de rua. E é um projeto muito legal que tem várias atividades. Assim como capoeira, violão, dança, futebol, artesanato, fios e linhas, esporte, várias atividades gratuitas. Desenvolvidas pela entidade da UMPA que é União dos Moradores do Parque Anhanguera.

Da Festa JovemPaz, o que você lembra? Qual foi a sua experiência de participar da Festa JovemPaz?

Foi muito importante porque conheci bastante pessoas jovens e eles nos respeitaram muito bem. Inclusive, nós fizemos uma apresentação de capoeira para eles. Eles receberam nós muito ótimo e gostaram da nossa apresentação e aplaudiram bastante. Gostaram e até praticou com nós. Até entrou na roda pra jogar capoeira com nós. Tanto os homens como as mulheres. Entendeu? Foi muito legal a presença deles. Foi 2000 ou 2002. Se eles quiserem comparecer aqui a porta estará aberta para eles.

Foi feito um convite? Como é que foi?

Foi feito um convite pra gente pela diretoria. Aí vieram participar, vieram com um ônibus. Foi muito legal.

O que foi mais marcante pra você naquela festa? O que você lembra?

O que foi mais marcante é que tinha os jovens que estavam muito quietos, vergonhosos, tímidos, aí eu chamei para eles participarem. Aí, eles entraram e participaram e fizeram amizade conosco rapidinho. Não só conosco, como com os funcionários, o pessoal do futebol e do esporte. Aí eu falei: – Ah, esse pessoal está muito triste, eles tinham que ficar mais animados. Aí eles estavam bem tristes, quietinhos, como assim: ah não conheço ninguém. Ficaram vergonhosos e aí eu chamei eles para participarem conosco, ficaram muito felizes. Foi o que me chamou bastante a atenção.

Você participou de alguma atividade na festa além da capoeira?

Não, nós participamos da capoeira e ficamos na festa, nós participamos junto com eles.

Da festa, o que você lembra?

Teve muitas apresentações e foram muito legais.

Você lembra de alguma?

Sim. Teve muitas. Teve o pessoal das brincadeiras, das danças, foram muito legais. Por isso que é bom vocês comparecerem novamente aqui no nosso projeto. Faz 6... Faz 4 anos já. Ai vem agora em 2008 comparecer aqui.

Ver o maracatu, o pessoal do Eremim se apresentando, o que você achou?

Aquilo lá me chamou muito a atenção, me arrepiou. É um folclore muito lindo. Muito lindo mesmo. Queria até que tivesse esse projeto maracatu aqui, pra eles participarem. Porque foi muito lindo. Eles usaram o projeto todinho, deram a volta na quadra, deram a volta aqui no pátio, foi lindo, foi show de bola. Inclusive queria entrar em contato pra trazer eles de novo.

A festa falava de uma proposta de leitura do mundo. Para você, o que é leitura do mundo?

Ah, leitura do mundo é muito importante, é muito educativo. Principalmente agora para nós que vive hoje em dia na tecnologia. É isso aí. Eu acho muito interessante.

Para você, cultura é o quê?

Cultura pra mim é tudo. Trabalhando na mente, ocupa bastante a mente. Ocupando a mente é o importante. Eu acho muito legal a Cultura. Eu gosto de assistir a Cultura. Tanto que eu tenho um filho de 3 anos que em casa não assiste SBT, Globo, nada, só assiste a Cultura. Só Cultura. Tanto os desenhos quanto os shows que tem na Cultura. É muito legal. E é muito educativo. Muito importante.

Pra você comunidade, viver em comunidade, seria o quê?

Comunidade, pra mim mesmo, eu acho que dentro da comunidade o importante é ajudar, ajudar um ao outro. Por exemplo, onde eu moro aqui, aqui é uma comunidade, uma periferia. Tem tanto menino jogado, largado aí no meio da rua, usando droga, cheirando cola, fumando maconha. Então, o que acontece, fica largado. Então, eu faço um trabalho lá embaixo numa associação que já está com 9 anos. Então, que se chama Capoeira tira meninos de rua, na Associação Jardim Canaã. Então, em uma comunidade que nem essa nossa aqui com um monte de droga, os meninos tudo se enchendo de droga, tantos adolescentes largados por aí. Eu passo por eles, eu falo que sou professor de capoeira e convido eles. Foram uns 6 mais ou menos que entraram. Hoje, graças a Deus parou com as drogas, não usa mais drogas. Os pais deles conversam comigo e falam: – Pô professor, agradeço muito. Meu filho depois que começou a praticar capoeira, gastando bastante energia. Você começou a trabalhar na mente dele. Então, isso que a nossa comunidade precisa mesmo, é disso daí. E ele parou com as drogas. Até 11 horas ele não estava em casa. Hoje em dia, 10 horas ele já está em casa, tomado banho, está preparado para ir amanhã estudar. Já está fazendo até faculdade já. Faculdade de Educação Física. Já tem até família. Aí eu coloco assim na minha mente: - Pô, eu tirei esse menino hoje da rua. Amanha ou depois, ele pode tirar outros, entendeu? A gente nunca pode julgar assim, que a gente é o bom ou o melhor. Às vezes, pode ser assim um irmão meu, um primo meu e ele pode ajudar. É que nem eu falo assim pra eles: -A capoeira é a mãe. A capoeira, ela é uma mãe e o pai é o mestre, aquele que ensina. Então, é que nem o meu mestre me ensinou também, tirou eu da rua e falou: – Pra cá é o caminho bom. Pra lá é o caminho mau. Comunidade é isso.

Sua formação pra ser professor de capoeira, como é que foi?

Foi pelo meu mestre. Hoje eu sou contra-mestre. Eu não sou mais professor. Eu sou um nível a mais do que professor. Daqui a uns 5 anos eu serei mestre. Então, o que acontece... Eu comecei com uns 6 anos de idade. Aonde eu morava era na favela de Heliópolis, uma das maiores favelas de São Paulo, entendeu? E aprendi tudo com ele e dedico a ele. E filho criado sem pai. Que eu não tive pai, só tive mãe. Minha mãe assumiu os 6. Hoje, graças a Deus, minha mãe tem muito orgulho pelos seus filhos. Cada um, graças a Deus, tudo batalhador. Cada um tem sua casa, ela tem a casinha dela. Pra quem morava num cômodo apertado com 6 filhos, não era fácil. Então, lutamos bastante e vencemos. Então, o que o meu mestre fez comigo, eu faço hoje com as crianças. E amanhã, eles poderão fazer com outras crianças. Isso é muito importante.

Festa, pra você, é o quê?

Ah, festa pra mim...Festa pra mim, é... Olha, eu te juro, uma festa pra mim... Vou falar pra você, eles vão falar que eu sou doente. Uma festa pra mim tem que ter capoeira. Capoeira pra mim já diz festa. Pintou uma formatura aqui ó. Se convidar eu: – Ô mestre, vamos lá num evento de capoeira? Pra mim é uma festa. Agora, se você falar: - Ô vamos pra balada aí? Já não gosto, já. Minha festa mesmo é a capoeira. É uma apresentação numa quadra, uma

apresentação para um colégio, uma apresentação numa faculdade. Mostrar o trabalho daqui do povão. A minha festa é do povão. A minha festa é ver o povão e mostrar nela. Porque muitos falam que é só coisa de homem. É só pra homem, é só coisa de homem. Não é! Isso é preconceito. Coisa de homem, coisa de negro, de preto. Isso aí não existe. Macumbeiro, isso aí não existe. Isso aí é uma cultura. Que nem eu estava contando pra vocês a respeito da cultura. Isso aí é festa pra mim. Se você falar: - Vamos comigo num batizado de capoeira? Nossa, eu adoro! A gente chega e faz amizade com os mestres, conhece outros lugares diferentes, isso é muito importante.

E a Festa JovemPaz para você, foi o quê?

Foi ótimo! Foi muito bem. Porque igual o que eu falei para você, é me apresentar para o povão. Eu gosto de ver povão. Então, o que aconteceu, o JovemPaz viram nós e, nossa o tanto de gente bonita, vamos fazer bonito. Nós fizemos muito bonito.

Você estudou, foi à escola?

Estudei, me formei e agora vou começar a fazer Educação Física.

Estudou em que escola?

Estudei lá em São Caetano. Ensino Médio, eu terminei.

Lembra o nome da escola?

31 de Março. Fica em São Caetano, no ABC.

Escola, pra você, é o quê?

Ah, escola pra mim é educação. Escola pra mim... É porque hoje em dia esses jovens que estão aí querem bater no professor. Então, pra mim escola é educação, é ensino, é tudo. Apesar que educação já diz logo... Minha mãe falou assim que educação sai de casa. Mas, a escola também educa muito e ajuda bastante. Como ajuda na mente das crianças, como na base da alimentação, das roupas. Às vezes as crianças não tem nem roupa para ir pra escola. A prefeitura já começou a exigir, dar roupas pras crianças, dar o leite. Então isso ajuda muito, ajuda muito mesmo.

Em relação à capoeira tem alguma mensagem que contribuiria para os jovens?

Praticar não só a capoeira como qualquer tipo de esporte. O importante é ele gastar energia que ele nunca fica doente. Ah, eu não gosto de capoeira, mas eu pratico futebol. É uma coisa ótima. Ah, eu não gosto de futebol, mas eu pratico karatê. É uma coisa ótima. O importante é que o jovem tem que praticar esporte. Não adianta ele falar que não tem tempo, porque com

o esporte ele não fica doente. Porque eu sou assim. Eu estou com 35 anos. Eu vou falar pra você: – Eu , graças a Deus, eu nunca fiquei doente na minha vida e não sei o que é um hospital. Eu já sofri acidente disputando campeonato, tomar um golpe e sair sangue, tomar uns pontos, sabe? Ou trabalhando, cair assim, você quebrar o braço. Agora, motivo de doença, graças a Deus, nunca peguei doença, nunca fui a um hospital. Ficar internado por causa de doença, de gripe, pneumonia, bronquite, essas coisas, nunca. Nunca mesmo.

E um canto de capoeira ligado à Festa JovemPaz?

Bom, aqui minha voz pode ser que não fique tão boa porque eu participo muito em eventos. Final de semana: apresentações, apresentações, apresentações... Vou tentar afinar, mas não vou conseguir. É uma das músicas que eu gosto mais. Na época que eu fiz a apresentação (da Festa JovemPaz) eu fiz essa aqui: *Ê, vou dizer minha mulher, Paraná. Capoeira me benzeu, Paraná. Paranauê, Paranauê, Paraná. Sua filha me feriu, Paraná. Na minha casa também sou, Paraná. Paranauê, Paranauê, Paraná. Minha mãe chama Maria, Paraná. Lavadeira de maré, Paraná. Nunca vi tanta Maria. Minha mãe não sei quem é, Paraná. Paranauê, Paranauê, Paraná.*

Entrevista Luciano (professor de Jornal Escolar do JovemPaz) 30-05-08

Seu nome completo:

Luciano Carvalho Barbosa

Você tem quantos anos?

33.

Sua formação, qual foi?

Acadêmica: Jornalismo.

Onde você estudou?

Em Mogi das Cruzes, na Universidade Mogi das Cruzes. E a minha formação é de ator. Artista popular, educador popular e as leituras, né, do cotidiano, mais as leituras traçadas, né, pelos livros. Mais os diálogos com os amigos, companheiros, a gente vai numa formação contínua.

A escola que você estudou no Ensino Médio, você lembra?

Eu estudei no Carlos de Campos, que é o Kaká, no Brás. Fui fazer Desenho e Comunicação lá. Aí eu sai de lá e lembro de ter estudado também numa escola pública só que no colegial normal no São José Henrique, no Aricanduva.

Conta pra mim, qual foi a sua experiência de participar da Festa JovemPaz no Morro Doce?

No Morro Doce. A Festa do JovemPaz eu acho que é um dos grandes achados do projeto todo. De fazer a festa, de fazer a celebração, a comunhão com as pessoas, né. O que eu posso

dizer da festa... E aí eu posso falar do Morro Doce, da festa de Osasco, da de Iguape. Eu vou fazer um apanhado geral dessa festa... Vou ter que fazer um resgate de memória, tal, tal... Eu lembro da festa do Morro Doce, como das outras festas esse tema pra organização de um trabalho que vai culminar numa festa. Ou seja, você sabe qual é o objetivo desse trabalho. Portanto, é uma ação que desaliena o processo de trabalho. Nós estamos numa sociedade capitalista em que no trabalho, o trabalhador vive alienado da dimensão, do produto final do trabalho, do motivo do seu trabalho. A organização conjunta das pessoas pra realizar as festas, onde então nós sabemos o motivo do nosso trabalho. O que resulta desse trabalho criativo parece que dá sentido – e deu – a nossa... se a gente for pensar em essência humana, a nossa essência, a nossa essencialidade que é o trabalho que nos constrói enquanto ser humano. No Morro Doce, especificamente, foi aquele dia em que a gente conseguiu fazer contato com um monte de organizações comunitárias, artísticas e esportivas da região com algum material que era fornecido pelo Instituto (Paulo Freire), com algum material dos pólos, com algum equipamento de plástico, de papéis coloridos, cola, cartazes. Ter desenvolvido todos os trabalhos anteriores, a ação de cada um no dia. Lembro uma imagem bem bonita que o pessoal escreveu *JovemPaz* num tanque de areia, onde crianças brincavam e pegavam uns coquinhos e material de árvores e escreveram *JovemPaz-Morro Doce*. Escreveram Morro Doce na areia enfeitado com coquinho. Outros restos. Foi bem bonito. Eu acho que é isso. Eu trago dessa festa essa dimensão, dessa emancipação do sujeito no sentido da coisa mais fundamental, mais primeira, que mais nos constrói a humanidade, que é realizar o trabalho criativo. Um trabalho que emancipa. Um trabalho em que passamos por esse processo de construção da festa. Esses contatos com os grupos, lideranças, apresentações, organizações, no decorrer do trabalho. Os grupos de trabalho para a construção da plástica, da estética, do ambiente. Aquele dia ensolarado numa quadra. Nos traz um significado e marca seus fazedores e construtores. Emancipa para a emancipação duradoura ou no mínimo transformadora revolucionária que dê trabalhos criativos constantemente. No capital, não é possível ter a transformação do nosso trabalho, da nossa humanidade. Ele está separado da nossa emancipação, alienado do poder transformador do trabalho.

Dentre as apresentações, você lembra de alguma delas que estava participando?

Nossa. Eu lembro de uma galera de capoeira. Mas, aí é que está, é tudo muito remoto. Eu fiz tantas festas depois disso. Eu lembro de uma galera que era envolvida com o *JovemPaz* que tinha seus instrumentos, que tocava, conhecia as pessoas, mas eu não vou lembrar especificamente de um músico. Eu lembro do Naiman que sempre fazia as vezes, que era um barato. Também é importante esse caráter do educador que está no jogo. Ele não é um observador. Ele não é um bedel, um fiscal. Ele é um fazedor junto. Então, se o Naiman é um artista, é um músico e pode ser uma das atrações, é um tanto melhor. Ele passa a ser parceiro do menino que arranha um violão e não mais o educador... Pensando uma relação de poder, uma relação que está instituída, por mais que a gente tenta modificar, a gente sabe que na sala de aula ou no ambiente que vai se atender tem um falador, tem um estimulador. O ideal é que a gente pudesse conferir a ele a palavra daquele momento, para que ele nos ensine a estar, mas que a palavra num outro momento possa vir para um outro e essa educação se dá. Mas, aquele que recebe a palavra e toda a reflexão dos outros para que ele fale. Se ele puder

ser um parceiro – não um amigo – um jogador. Então, eu lembro disso, lembro do Naiman jogando com a galera, jogando mesmo no sentido do violão, da voz.

O projeto JovemPaz ia começar na Escola Paulo Prado e depois foi para o Projeto Arco Íris. Essa mudança aconteceu por quê?

Olha, a falta de... Eu posso estar enganado. Estou trazendo também a minha memória, mas é o que normalmente aconteceu, ou acontecia. As escolas estaduais, elas vivem... A escola pública, ela vive um processo de sucateamento, de desorganização, de desestruturação, de dificuldade de diálogo com outros setores da escola. O Arco-Íris que era uma organização comunitária, ele tinha mais estrutura, mais estrutura organizacional, estrutura física. Como o JovemPaz acontecia semanalmente, esse espaço de expressão – eu freqüentava quinzenalmente esse espaço –, é necessário que a comunidade se aproprie. Agora, como a comunidade escolar pública, institucional e burocratizada recebe projetos a rodo e projetos fazem parte de mais uma burocracia cotidiana, não existe o cuidado criativo com aquilo. O que tem é quase uma linha de produção. Chega e passa. Chega e passa. Chega e passa. Qualquer projeto. Não tem uma relação com aquilo. Então, no Arco Íris, nós conseguimos uma relação, o empenho da Dagmar, das pessoas que tinham empenho que aquilo acontecesse. Empenho em cuidar de uma rádio, uma possível rádio comunitária. O empenho em ver esses cursos dentro do seu espaço. Dentro desse espaço. E ali, rolou legal. A divulgação no bairro.

Houve resistência na época do Paulo Prado em algum sentido?

Não sei se uma resistência. Existiam dificuldades e falta de acompanhamento talvez. Dificuldades, falta de acompanhamento, que no Arco Íris foi diferente.

A festa de ocupação na praça, que foi a 2ª Festa JovemPaz no Morro Doce, o que você lembra dela?

Também, uma coisa muito interessante. Eu não estava nessa festa. Eu estava na festa anterior. Eu estava na organização.

E na organização, como surgiu essa idéia?

É aquela história – e já está ficando velha a história – de ocupar espaços públicos. Então, a gente foi dar aquele rolê no bairro, ver o que tem, o que não tem. E vimos aquela praça primeiramente detonada e depois numa ação de governo – que era um governo do PT na época – que fez uma reforma e tanto na praça, com quadra, com quadra de futebol, pista de skate, aqueles brinquedos com cata-ventos, aquelas coisas bonitas. Aí gramaram tudo. A segunda investida, o segundo passeio, as pessoas sacaram um monte de lixo na praça, aqueles tapetinhos de grama arrancados. Foi um trabalho da gente poder – de reflexão – entender porque estava sendo destruído. Mas, foi um trabalho de reflexão, da gente não culpar a população, como se fossem seres abomináveis, bárbaros, destruidores, que não podem ter nada. Então, como é que a gente analisa a situação? Não é bem assim. A questão é que nunca teve, nunca houve... Nas situações de abandono, não significa que a presença física de uma praça bonitinha vá mudar toda uma construção social, todo um contexto de abandono, miséria, destruição, sujeira, lixo. Então, foi nesse sentido. Então, a organização foi mesmo fazer uma festa de limpeza, conscientização, de festejar a possibilidade de ter um

espaço dela (da comunidade), de um espaço de uso comum, um espaço público, revigorado, bonito.

A proposta da construção do boneco de lixo, você passou da construção dele em Iguape. No Morro Doce, também teve. O que você poderia falar sobre essa instalação, sobre essa idéia?

Essa idéia vem de um outro trabalho que eu fiz em M'Boi Mirim, no Espaço Cultural de M'Boi Mirim, na Casa de Cultura. Tinha um cara, um rapaz, que por acaso eu conheci ele no Instituto Paulo Freire. Não por acaso. O Marinho estava de passagem por lá e a gente enquanto grupo de teatro Dolores, ele convidou para umas atividades juntas e pra uma atividade nossa aqui. Eu fui pra lá e numa dessas idas e vindas, troca de experiências Ele fazia num sábado de aleluia a malhação do lixo. Ele construía um boneco gigante – ele e as crianças – com o lixo recolhido nos arredores. Construía um bonecão de lixo que era uma ameaça para as crianças. Então, tinha a malhação. E as crianças com garrafa PET malhavam o boneco e depois desmontavam ele todo, destruído. E usava, durante o ano, o material do boneco destruído para fazer outras coisas, artes plásticas, outras intervenções. Então, a idéia não é nossa não (risos). E não tem nenhum problema. As idéias estão aí pra ser copiadas, refeitas, repensadas. Então, foi nesse sentido, de construir mesmo. A partir do lixo do entorno constrói-se o bonecão e realiza-se essa mística, essa intervenção cênica, que também é de novo trabalho festivo, criativo, que dá significado metafórico. Ele mexe com várias dimensões da nossa objetividade e subjetividade. Diretamente atuando na questão do lixo, depois transformado isso e fazendo essa percepção por várias formas. São vários aspectos da apreensão de mundo, várias maneiras de apreender o mundo num jogo. Num jogo “participativo” mesmo, que tinha bastante gente.

E a festa de Iguape que reuniu os três pólos? Tanto a realização quanto a organização, o que você lembra?

A festa foi maravilhosa. Essa festa, ela marca a minha vida. E acho que marca a vida de quem foi. Porque, juntar grupos, um grupo de Osasco, Rochdale; um grupo do Morro Doce e o pessoal de Iguape que recebe a turma. Cada grupo já tinha vivido uma parte da experiência. Aos trancos e barrancos, mas uma experiência de construção coletiva, de tentativa de entender o que são esses meios de comunicação, de representação, como o grêmio, o jornal e a rádio. Já tinham acontecido duas festas em cada pólo. A possibilidade, então, de juntar essa galera. Então, nós tínhamos condições materiais para isso. A idéia que surgiu de juntar foi muito do Naiman, Luizinho e minha. Vamos tentar fazer isso, muito empenho para realizar essa ação toda. E, é isso! Conseguimos dois ônibus que descem do planalto. Descem pro litoral. E se encontram numa escola pública. As escolas públicas do interior normalmente são mais organizadas. Não menos reacionárias, mas mais organizadas, mais bonitas. Ainda parece que tem um pouco do carinho do antigamente tão próximo. O carinho pela escola, um zelo. Parece que elas passavam isso. Então, imagine um monte de jovens, mais educadores, mais artistas convidados. Não eram artistas convidados famosos, mas gente que trabalha com música, que trabalha com poesia, gente trabalha com arte. Rapaziada, gente do Dolores, Juninho Batucada do Nhocuné Soul. Gente educadora e artista.

Então, juntar essa galera toda... uma peça de teatro que rolou lá embaixo, “Os Bonecos Chineses” que fazia parte.

Fala um pouco dessa peça. Eu não lembrava e a Irlani lembrou.

Talvez você não tenha lembrado pelo assunto principal de abordagem da peça. É um texto do Caio Fernando Abreu chamado “Bonecos Chineses” e que falava da prisão cotidiana de uma mulher, de uma mãe de família que vivia em função dos outros. Não se observava. Não porque ela queria. Porque a sociedade está estruturada para que ela se anule. Se anular pro marido, se anular para os filhos, se anular para a família, se anular para a sociedade. Ela se coloca numa tarefa, numa executora de tarefas para os outros. Para viabilizar a vida dos outros. Essa pequena peça – uma peça curtíssima –, de 20 minutos, 25 minutos, ela versava sobre isso. E executávamos muito bem, era muito bonita. Era muito mesmo. E eu lembro que causou uma comoção desses alunos. Sendo que a gente tinha feito um dia inteiro de atividades, uma tarde toda. A coisa de se alojar, de jogar, de brincar, de comer junto, de fazer uma produção criativa. Porque a festa não significa o que, às vezes, a gente entende como parte da festa. O que pode também se tornar uma distorção do que a gente entende por festa. Parte da festa significa para nós pobres – pobres economicamente – e massacrados pela carga de horas que temos que vender para o capital. Quando nos vemos na possibilidade de uma festa queremos muito cair num exagero às vezes de bebida, às vezes de comida. Então, vamos exagerar. Consumo, é um exagero de consumo. Às vezes, é onde acabamos consumindo a cultura de massa em larga escala. Então, vamos ouvir qualquer coisa mesmo, mas que o capital já determinou que tenhamos que ouvir pra consumir esse tipo de produto. Aí vamos consumir muita carne no churrasco – que é gostoso também, eu concordo – vamos tomar cerveja, é consumo, consumo. A festa (*JovemPaz*) não é uma festa de consumo compulsivo como determina as regras de mercado. Essa festa é uma festa criativa, também, no sentido de construção da nossa subjetividade, das nossas relações, da nossa afetividade. Então, a gente tem que ter a base também. Um grupo de trabalho, que foram grupos de poesia, grupos de jornal, grupos de cenas de teatro. Nós fizemos de avaliação, de análise, de representação, de brincadeira e jogo que se apresentaram depois uns para os outros. Eu lembro que eu coordenei o grupo de jornal, embora eu seja ator também. Então eu fico dividido. Queria ir pro grupo de teatro. Mas, pô, então o pessoal se dedicava comigo, acho que você estava no grupo de jornal. A gente sentou na beira do Rio Ribeira, batemos um papo embaixo de uma árvore. O que nós vamos escrever? Como é que vai ser? E nós encarregados de fazer um jornal mural. Poxa, a qualidade disso já dá pra trazer uma das pequenas dimensões da festa. Olha a qualidade disso. Uma galera de Osasco, uma galera do Morro Doce, e a galera de próprio Iguape sentado às margens do Rio Iguape pra pensar a produção da sua notícia, da sua informação escrita em painel pra um grupo maior que estava preparando outras coisas. Pô, Paulo Freire acho que se regozija com isso. Fala: – Puxa, é por aí! Estamos no caminho. Claro que a gente errou muito, mas poxa estamos no caminho. Isso, não ter as paredes dessa casa aqui, dessa instituição chamada escola. Mas, ter a dimensão da construção coletiva do conhecimento, da análise, do prazer, do gozo de estar junto às margens de um rio. Alguns papéis, giz de cera. Saber também da obrigação, da responsabilidade com um coletivo maior de ter que produzir alguma coisa pra se mostrar, pra dizer: – Olha, a nossa leitura sobre isso é essa. É criar os seus símbolos, criar os seus códigos, a sua linguagem e ir criando – a. Pegando o que já tinha. Essa é uma das dimensões

também. Aí junta isso e o espetáculo teatral. Junta isso e apresentações musicais. Junta isso, o Núcleo de Maracatu e Bumba-Meu-Boi que desceu de Osasco e que fez um cortejo. Junta a isso, o pessoal de circo, perna de pau cuspidor de fogo, lá de Iguape. Junta-se a isso tudo uma festa com dimensões que foram tomando a cidade de Iguape. A gente foi pro centro da cidade, um pequeno centro, na igreja matriz. Fazer um festejo, um cortejo. Um cortejo com cento e poucas pessoas ou mais. Porque depois as pessoas vão aderindo, vão ouvindo os tambores, vão ver a banda passar. Isso tudo enche essa juventude... E não só a juventude, enche o ser humano. Porque eu estou lá, sou jovem também. Pode-se dizer que: – Ah, eu estou acostumado com o processo. Mas, tudo nos enche enquanto humanos de significados, de vontade de estar junto, de pertencer a um grupo, de construir coisas belas, de construir a beleza, de construir a justiça, de conseguir participação. Essa é uma das dimensões da festa, um dos significados, eu acho. Esse pertencimento, esse trabalho, de novo que não é alienado, é construtor. Nesse caso de materialidade, que cria até objetos que seja o jornal, que seja... mas, enfim que cria subjetividade. No sentido de subjetividade, no ato de executar a festa, na ação do trabalho construtor da festa, nós nos reelaboramos, acionando nossa subjetividade. E essa já trabalhada, nos impulsiona a continuar um outro trabalho objetivo que movimenta a subjetividade num processo dialético dessa construção toda aí. Diferente da festa entuchada goela abaixo, onde você é um consumidor da festa.

O dia seguinte da festa, foi num domingo que teve aquela viagem para a praia. O que você lembra dessa festa?

Puxa, que bonito aquele dia. Era um dia ensolarado. Lembro do maracatu. Indo para aquela praia que eu nem lembro o nome, mas eu acho que você vai me lembrar depois.

Eu morava em Ilha Comprida. A praia era na Barra do Ribeira. Era a primeira vez que eu estava indo na Barra.

Ah, é? Que seja então na Barra.

O nome da cidade é Barra do Ribeira.

Então é na Barra que a gente estava indo. E poder chegar na Barra do Ribeira também em festa. O compromisso nosso era de festar, de fazer festa. E fizemos um maracatu pela cidadezinha e depois pela praia. E, logo depois fomos conhecer um grupo organizado da região a associação de moradores da juréia, que não era uma colônia de pescadores, mas era um pessoal que trabalhava com extrativismo na reserva e tinha uma história de exclusão do espaço. Um almoço coletivo. Então, de novo o lance de poder comer juntos, cada um lavar os seus pertences. Uma ajuda mútua. E eu acho que esse almoço foi uma aula. Foi uma aula muito doida. Porque a gente estava almoçando com o pessoal local, que estava falando das suas ações, das suas dificuldades, das suas lutas. Então, esse 2º dia além de ser um dia de festa, de apresentação, de curtição, de sol, de nadar, de dar uns mergulhos. Ah, esse dia... É um depoimento pessoalíssimo que eu tenho que contar. Foi nesse dia que eu fui presenteado. Eu lembro que eu me guiei um caminho sozinho e entrei numa rua onde tinha uma flamboyant estourada de flor vermelha na contraluz do por do sol atrás de um céu azul, lindo azul celeste. E essa flamboyant reverberando. Eu lembro que eu chorei de ver, de tão bonito que era. Era um pouco isso esse segundo dia. De muita beleza natural, contato com a

natureza, contato com a comunidade organizada. E de poder entender que existem lutas organizadas pelas comunidades, pela população em vários lugares. Eu não sei pra quantos caiu essa ficha. Isso é muito relativo. Teria que fazer um levantamento. De repente, não caiu pra ninguém, caiu pra mim só. Mas, de novo, como é que uma festa pode provocar tanta coisa, tantos aprendizados em aspectos tão amplos do viver? Fora de uma sala de aula. É isso que eu tenho a dizer dessa festa.

E aquela reunião, aquele encontro em Osasco, o que você lembra dele?

Nossa, o encontro em Osasco. Esse encontro foi menos significativo. Eu mal lembro dele.

Aquele encontro da entrega do livro, do vídeo.

Ah, tá! Exatamente. Mas, por quê eu mal lembro dele? Porque foi meio pró-forma. Então, o que tinha que ser feito era uma burocracia, uma entrega.

Da organização você participou?

Particpei um pouco. Eu estava no Eremim. Mas, era isso. Era mais um evento. Pra mim não é significativo. Era organizar o telão pra passar um vídeo, organizar as cadeiras para receber as pessoas. Eu lembro do trabalho de organização com o pessoal do Eremim, com a juventude do Eremim. Vamos receber visita, a situação é essa. Então, tem essa coisa de organização. Mas, não tem essa grande... Teve comoções, claro. Emoção, a onda do livro, a onda do vídeo, o Moacir Gadotti falando. Lembro até daquele elogio, falando que eu era um grande educador. Aquela onda toda. Mas, não era isso. Ali era só um evento. Ali não era uma festa.

À noite no Eremim, você lembra um pouco?

Aquela Noite Cultural. Mas, foi a mesma noite que uma menina do Eremim passou mal, eu tive que levar ela para o hospital, a Drica. Foi um esboço também. Teria que me esforçar para lembrar. Essa festa não teve a agressividade, no sentido de ser profundo, como teve a do Vale do Ribeira em Iguape, quando desceu essa turma toda. Porque essa teve um caráter muito mais de fechamento, mas os grupos já estavam dispersos. Foi meio que um catadão pra cumprir tabela. Pra cumprir cronograma de Petrobrás, cronograma do patrocinador. E evidente, que a gente vai cumprir tabela, vai cumprir cronograma do capital. Entendeu? Nós temos que tratar a humanidade. Nós não temos que ser um executor de tarefas. Nós temos que fazer as festas pelo significado e a necessidade do jeito que elas nos trazem. Uma demanda, uma necessidade humana, uma necessidade viva. Não podemos forjar uma necessidade nas pessoas. Ou as pessoas tem a necessidade de ver as outras e construir a sua festa. Vamos comemorar. Que bom, então vamos comemorar. Então, é isso. Houve uma demanda externa e fala temos que comemorar. Temos que comemorar porque saiu o livro. Claro que não foi tão assim. Todo mundo participou. Muitos participaram do processo. Eu condeno as festas mortas. Eu condeno. Não acredito nelas. Não que eu não participe delas. Eu estou dentro de uma sociedade que produz festas mortas. No JovemPaz tive uma alegria de viver algumas belas festas. Isso pra mim já é um êxito total. Porque, eu não acredito em projetos como o JovemPaz. Acho que parecem livros ufanistas, não são profundos. São superficiais. Com data marcada pra acontecer e acabar. E que se propõe a... É de ONG. É ONGUESCO. Vão lá, realizo meu projetinho, vou transformar. Vai mudar nada. Você não vai

transformar não mano. A não ser que você vá residir naquela comunidade, vá se impregnar daquela comunidade e vai ser um educador que é o Naiman, que é um educador-ator. Que participa, que está no lugar. E não um monitor. Claro, que também existe espaço na sociedade para os mestres. Que aí a gente convida, queria tanto te ouvir. Paulo Freire, você pode vir falar aqui para a nossa comunidade que já está organizada e está te esperando? Aí, tem todo sentido. Tem todo sentido. Agora, nós elaborarmos um projeto, um pacote de conhecimentos pra entuchar seis meses ou um ano, uma vez por semana ou a cada 15 dias para uma comunidade, é quase o imperialismo. É você ir lá e depositar suas idéias e querer que aquilo frutifique. Pra mim, não tem nenhuma novidade que as rádios não existam. Era previsível, um desperdício de recursos.

Pra você, festa é o quê?

Pois é. Acho que já discorri bem sobre isso. Festa pra mim é construção coletiva de subjetividade, de afetividade, de alegria. É trabalho não-alienado. É você poetizar a existência. E essa poesia, esse universo poético, metafórico, é onde cabe o que não caberia. A palavra poética ela tem essa vertente ser para além dela mesma. Assim como o momento poético. Que tem uma dimensão que ultrapassa o cotidiano ordinário. A festa, ela é extraordinária. Ela é uma vivência de pico. Claro que você junta essas outras vivências cotidianas. Mas, a festa é um momento de explosão. É um momento de gozo coletivo. Pra mim, festa é revolucionária, transformadora, desde que seja festa e não evento contratado, burocratizado. Assim como num casamento – claro que tem toda a parte dele de sentimento real das pessoas envolvidas –, a maior parte dessas cerimônias se tornou uma burocracia prestadora de contas também. Prestadora de contas para a sociedade. As festas de aniversário de 15 anos. É a prestação de contas, a débil prestação de contas, onde o que rege esses festejos é o consumismo. Quanto você gastou para aquilo ser exuberante. Totalmente desprovido de sentidos. Em que perdemos a essencial coisa, que é, talvez, uma menina fazer 15 anos. Que é visitar nossa vida aos 15 anos, e poder estar passando de um ciclo para outro. Se tornar mulher. Acho que a festa deve celebrar essas coisas mais simples da vida. E é poesia pura.

Na sua experiência enquanto educador na Festa JovemPaz, o que foi mais marcante?

Olha, o Paulo Freire já tinha falado dessas festas. Mas, nós aqui do Dolores já realizávamos, já tínhamos como prática a festa. Os saraus, os encontros, os churrascos. Isso era uma prática “doloriana” como a gente fala. E não a teorizamos. A gente fazia porque é gostoso. Porque é cheia de música, cheia de poesia, cheia de alegria. E nós fomos fazendo uma atrás da outra, reunindo gente num bairro e a coisa acontecia maravilhosamente bem. E vinha gente de outros pontos da cidade, e se emocionavam muito nessa festa que é criativa e não alienada. Eu lembro que muito enquanto educador, muito das Festas JovemPaz tem acúmulo de uma construção coletiva do Dolores. Não sou eu que era o representante, mas é o coletivo que me nutre. E trouxe uma carga de conhecimento, de vivências, de empirismo. E não só empirismo, porque depois a gente começou meio que a sistematizar os processos. Sabia também fazer festas. Ó, precisa de grupo de trabalho pra isso, pra isso e pra isso. Quem faz? Como é que faz? Foi muito louco perceber isso. Olho no olho. Sacando a vontade de fazer, de festejar. E a juventude é festa, é festejar. Acho que o velho, a pessoa que está envelhecendo dentro de um sistema de castração perde o pique pela festa. Não o velho ancião de uma sociedade festiva. Talvez esse seja mais festeiro que o jovem. Porque ele vai

organizar toda a “parada”. Mas, a minha alegria – talvez – de educador, acho que é isso. De sacar que dava pra replicar a experiência, claro que olhando com atenção a peculiaridade da região. As pessoas que cada um tem. Que tem aprimorado, anda aprimorando, trabalhando, gostaria de dizer, os poemas. Isso é uma festa. Ficava todo mundo orgulhoso. Olha só que bonito. Acho que é isso. A capacidade de poder ver acontecer num lugar, sabendo que as pessoas daquele lugar tem que olhar pra si, pro seu entorno, identificando o que é festivo. Acho que tem que dar. Ainda que a gente encontre alguns – talvez – vícios dessa sociedade que é a do artista. Nós estamos numa fase de pensar no não-artista, no participante. Porque onde se cria o palco, divide palco e platéia, e aqueles se apresentam e esses aplaudem. Essa divisão, ela pode condenar uma festa.

O que é leitura do mundo pra você?

Olha, leitura do mundo, por exemplo, é você conhecer as pessoas para além das instituições. Então tinha ele lá que eu podia dizer que era educando, você via o cara depois numa perna de pau cuspiendo fogo. Caramba, é muito maior! É você poder ir numa comunidade, onde você vai almoçar, e saber que ali tem uma história de combate, de luta contra as injustiças, tentativas. É você reconhecer os espaços de entorno. Onde é que vivem essas pessoas. Por uma festa apenas, não é possível fazer a leitura de mundo. Você faz uma primeira leitura. Ou talvez uma última leitura, porque a festa pode festejar toda uma história. Mas, leitura de mundo pra mim é necessário que ela seja cotidiana, que você vá circular pelo bairro. Circular mesmo no sentido mesmo de falar: – Poxa, tem uma galera que mora aqui na beira do esgoto. O que é morar aqui cara? Como é que é tomar um café com essa galera? Será que eu vou ter que levar um café para os caras porque eles não têm? E trocar essa idéia. De participar do cotidiano do outro. Sem claro, ser um pesquisador. É muito diferente de ser um pesquisador. O pesquisador acadêmico se veste de uma neutralidade irritante, neutralidade estéril. Impregnado de afeto sim, impregnado de interesse. Não, de um descontrole psicológico. Ah, vou ser um deles, cortar os meus pulsos, mas é impregnado de uma curiosidade, de uma solidariedade – que é uma curiosidade de classe. Pra mim é ter um lado, ter um partido. Acho que é isso leitura do mundo sim. São as pessoas... É espaço, no sentido que o Milton Santos aplica pra espaço, que é território e as relações que se dão sobre ele. É desvendar isso. Andando pelo território e entendendo as relações sociais sobre ele, como se dão, é desvendar o espaço.

Cultura pra você é o quê?

Ai, ai, ai... nossa que difícil, cultura. Cultura é essa construção mesmo da subjetividade – como eu falei – pelo trabalho. Começa a formular nossa subjetividade e cria subjetividade comum e começa a pautar o comportamento das pessoas. Podendo ser uma cultura, parte da cultura, a construção dela mesma, a elaboração e re-elaboração pelo coletivo dela mesma. E podendo também ser uma cultura forjada por uma minoria que constrói o que deveria ser a cultura. Mas, aí acaba sendo. Porque nós somos máquinas antropofágicas. Então, a gente acaba digerindo, engolindo, recebendo essas coisas e transformando. Mas, a construção da cultura de massa, que é pra ser consumida pela massa é a ingestão de veneno. De veneno cultural. São essas relações e construções simbólicas e a construção da materialidade do cotidiano. É a construção cultural. O que seria a sua cultura? A tua linguagem, a tua vestimenta, o teu andar, a tua ginga, as comidas. Cultura é amplo. Cultura é humanidade.

Quem produz cultura é o ser humano. É que nestas modernidades ideológicas, nós temos uma artificialização da cultura, que é a cultura de massa. A produção em série da cultura, que é a industrialização da cultura, a indústria cultural. A sociedade do espetáculo.

Comunidade é o que para você?

Vou pegar a palavra comum e sociedade, unidade. A gente pode pensar em alguns aspectos. Nós estamos aqui no Jardim Triana. Vou falar comunidade do Jardim Triana. Mas, aí nós estamos em um aspecto espacial, territorial, no sentido da identidade das pessoas, porque a gente mora nessa região. A gente vem tentando elaborar a algum tempo no Dolores o que vem a ser comunidade. A gente sacou que tem também uma comunidade – que talvez o orkut possa dar uma resposta a isso – porque tem a comunidade dos issos e dos aquilos, dos afins de, que formam mesmo uma comunidade. Então, além da comunidade dos que estão próximos geograficamente, existe a comunidade dos que se aproximam por identificação com um determinado tema, um determinado pensamento. E dentro disso, a possibilidade de construir comunidade geográfica e espacial com – simultaneamente – temas em comum, que é mais ou menos o que o Dolores faz consigo próprio de tentar morar numa comunidade de militantes, artistas que estão no mesmo quintal. Tentar conjugar isso mais como uma experiência do que uma proporção revolucionária. A gente acha que não é por aí que vão acontecer as transformações. A gente acha que também por aí a gente cria elemento de estranhamento e pra nós elementos de percepção da realidade de uma outra maneira. É uma tentativa nossa de tentar viver melhor. Viver pelo menos não tão contraditoriamente, não tão isolados.

Escola para você é o quê?

Posso pensar em dois aspectos para a escola. Se for pensar em escola como vem na cabeça que é essa arquitetura e essa organização de conteúdos, pra mim é prisão. Pra mim é prisão, é penitenciária. Ou igreja. Ou hospital. É Foucault. Agora, escola pra mim, no sentido freireano, libertador, é pensar aquele nosso encontro nas margens do Ribeira, trocando idéia. Eu tenho repetido muito isso. Com outras pessoas, inclusive pessoas do JovemPaz. Ulisses, Aquiléia, o pessoal... Eu trabalho no Eremim ainda. A gente tem tido uns encontros fora da grade de horários do Eremim. Então, é debaixo de uma flamboyant, a gente senta lá e fala de política, fala de organização comunitária, fala de vídeo, a gente fala de inserção no mundo. E a gente tem tido aulas muito interessantes. Aulas de vida. Porque estou eu como mais velho, talvez um pouco mais experiente, mas eles com a maravilha do que eles são. São uma galera muito boa. Que estuda, que questiona. São uns transformadores do mundo.

Pra concluir, não sei se você consegue lembrar de uma poesia que esteja ligada à e à sua vivência na Festa JovemPaz.

Talvez um poema da Nica. Um tanto quanto pornográfico, mas que fala da urgência de estar vivo, a urgência de fazer agora, de fazer acontecer. Que é assim... Chama Ossatura. *Quero agora tudo que tenhas pra dar. Um crepuscular de pernas, beijos, pescoços, línguas que me vão lambuzar. numa esfregância de demônios que quer chegar. E que escorra na ossatura do seu maxilar.* Pensando nessa vida. De vem, vem agora. Vamos fazer agora. Sem ansiedade, mas agora.

É isso, seu mano!

Entrevista com Salete Valesan Camba 04-07-09

Seu nome completo:

Salete Valesan Camba

Sua escolaridade:

Mestrado em Educação pela USP

Qual foi o seu tema?

As relações das ONGs com o trabalho de atuação delas com as escolas públicas para enfatizar as políticas públicas locais

Como foi participar do Projeto JovemPaz?

Primeiro a proposta, né! Trabalhar nesse projeto com juventude é estar trabalhando com uma grande preocupação nacional. A própria escola que estava mais preocupada com a criança e o ensino fundamental passou a prestar mais atenção com a adolescência e a juventude. Por conta da preocupação da ação brasileira que começava a se voltar para as políticas públicas em juventude.

Porquê Festa JovemPaz?

Primeiro porque festa traz uma proximidade com a linguagem do jovem, com o cotidiano do jovem. A palavra festa, ela aproxima, ela chama a atenção. Ela faz com que haja o envolvimento da comunidade. Na festa você consegue ter um intercâmbio, uma conexão com os jovens. Uma relação mais amigável, digamos assim. Em uma festa você interage com crianças, com adolescentes com jovens. Essa festa aberta, ampla, você consegue ter esse tipo de relação. E também, essa festa que tem um foco, que está direcionada. Era como a Festa JovemPaz. Ela tinha um foco de transformação que era realizada pelos jovens, mas que levava para o envolvimento da comunidade e da escola. Eu acho que foi uma alegria dentro do projeto. Criando um espaço de diálogo entre os diferentes pólos e comunidades.

Para você, festa é o quê?

Para mim festa é... Olha, na verdade me fez lembrar das festas populares de Santa Catarina. Era onde a gente a gente trabalhava na preparação, na organização. Do meu ponto de vista é um dos principais espaços de aprendizado, mas também de ação e atuação política. Então é uma ação cidadã, uma política da interconexão. Então, eu aprendi isso desde pequena e me relaciono muito bem. A minha única grande preocupação é que hoje existem festas que se marcam para brigar. Essa não é o que eu entendo como festa.

O que seria leitura do mundo para você?

Leitura do Mundo é onde a gente tem uma relação de estudo da realidade. É sempre o mesmo foco com uma ação bem diferenciada. Quando eu falo de leitura do mundo eu falo de uma atenção de diferença de olhar. Em uma realidade cada um olha para si mesmo. Numa leitura do mundo cada um olha, observa, sistematiza e concretiza o seu olhar. É uma busca diferente de olhar, de conseguir se relacionar para uma formatação de um trabalho de uma ação. Então, vamos fazer a leitura do mundo para a questão ambiental. Esses olhos que se

voltam para lá são muito diferenciados. O grande desafio é onde se sistematiza a leitura, a capacidade de olhar. Sejam a diferença da concepção de uma ação.

E o que seria educar para a sustentabilidade para você?

Educar para a sustentabilidade é educar para a sobrevivência do ser humano nesse planeta. Do planeta porque nele está a nossa história. No âmbito local, político. E a sustentabilidade cuida para a existência nesse momento. Porque é para todo mundo ir por aí. O ser humano tem uma capacidade enorme de olhar pra frente e olhar pra trás. Pensar como atuar na realidade. Aprendendo com o passado e tentando resolver as coisas para o futuro. Você pensa: - Ah daqui à dez anos que eu quero. Daqui à dez anos é quase um presente. Então, o tempo, ele passa muito rápido. Passa muito pela relação humana com a natureza.

E para você o que seria educar para uma cultura de paz?

Educar para uma cultura de paz é justamente primeiro eu tenho que ter paz. É eu ter paz comigo e com os outros que eu estou vivendo. É um conhecimento que deve ser utilizada para a sobrevivência do ser humano no planeta. Fazer com que as pessoas cresçam junto com você. Que possa contribuir com a inovação tecnológica. Que ela seja utilizada para o bem de todos. Dizer à todos que aqui não pode ter violência. Não pode ser a gente construir fábricas e fábricas para produzir o que for. Máquinas, etc. É um capital muito passageiro. Que na verdade a gente volta à questão do individualismo. É preciso manter uma sustentabilidade em nosso planeta Terra. Pela capacidade, pelo conhecimento principalmente, não só acadêmico, mas pela sabedoria que cada um constrói ao longo de sua vida. E ter então um planeta melhor. Nós precisamos ler as histórias do passado. Quando a gente pensa na questão da cultura da paz, nós temos de pensar o quanto essas gerações pensam na cultura da paz. O quanto elas se aprimoram. O quanto que a ciência avança na sabedoria, no conhecimento e na inovação.

Fale um pouco da proposta do Projeto JovemPaz como um todo:

As festas JovemPaz, eu acho que elas conseguiram trazer para além do projeto e para as comunidades para a questão da cultura da paz e da sustentabilidade. Outro foco que me chamou a atenção é que muito mais importante do que tudo isso é a questão de como o jovem poderia protagonizar essa coisa toda com a sabedoria que eles tinham. Como eles conseguiriam protagonizar na sua escola e na sua comunidade para que eles pudessem fazer a diferença nesse espaço. Como por exemplo no campo da comunicação que conseguiu superar dificuldade e construir conhecimento. Na sua forma de comunicação sempre pela forma de integração. A juventude criou uma nova mentalidade, uma nova forma de se apropriar conhecimento. A partir da sua realidade ele se apropriou de uma realidade mais ampla. Eu acho que o resultado foi muito positivo. Todos os jovens que participaram desse projeto cada um teve um caminho. De uma forma ou de outra fez o jovem ter uma atuação diferente. Jovens que passaram a ser protagonistas e a protagonizar outros jovens.

Entrevista Naiman (educador de Rádio Escolar) 2012

Seu nome completo

Alexandro Fernando da Silva

Você tem quantos anos?

46

Sua formação? Qual foi (e está sendo)?

Tenho Ensino Médio Completo e uma dezena de cursos na área social

Onde você se formou?

Colégio Nossa Senhora das Dores

Qual é o seu trabalho atualmente?

Músico, compositor e produtor cultural

Conte como foi sua experiência no Projeto JovemPaz?

A idéia do Jovem Paz nos encheu de esperança e me senti desafiado. Poderíamos conhecer a realidade de jovens de diferentes regiões do estado, saber das características de cada grupo e, dentro da perspectiva de uma cultura de paz, ajudá-los a transformar suas realidades. Em comum, o que encontramos nos três grupos foi uma realidade muito pouco inspiradora; escolas autoritárias, descompromissadas com a formação, preocupadas com a burocracia e com a manutenção de uma certa ordem, mantida pelo uso autoritário do poder. Mesmo as que tinham maior abertura para um projeto como esse de formação de lideranças entre os jovens, contavam com professores desmotivados e com uma incapacidade de ler a realidade e as necessidades dos educandos. Vi que havia idealizado o projeto e que precisaria começar de um ponto bem anterior ao imaginado, levá-los a uma reflexão sobre a estrutura escolar e social em que estavam inseridos. Do ponto de vista humano foi muito rico. Conheci gente de muito valor entre os jovens e entre as lideranças comunitárias. Muitos desses jovens despertaram para possibilidades além das que a realidade local oferecia. Quase dez anos depois, temos jovens que participaram daquele processo despontando em várias áreas como jornalistas, pedagogos, produtores culturais e, o mais importantes, cidadãos conscientes do seu papel e responsabilidade históricos.

De que maneira a experiência da rádio escolar contribuiu para a formação de educadores sociais?

A principal contribuição se dá na aprendizagem de que a opinião pública é influenciada pelos meios de comunicação e que, saber comunicar é um fator indispensável para a vida de qualquer pessoa e sociedade.

O Projeto JovemPaz trouxe em alguma medida alguma mudança na sua vida?

Não haveria como não trazer. A minha visão de mundo foi ampliada. O projeto nos mostrou que vale todo investimento, ver jovens despertando para a vida numa dimensão pessoal e social, tendo o olhar despertado

De que forma você acredita que a práxis da Ecopedagogia contribui enquanto metodologia educacional?

Eu não vejo outro caminho para a educação, outra metodologia. Se nós não conseguirmos olhar ao nosso redor, para nossa relação com o mundo (planeta) e com o outro tendo entendimento das relações de interdependência, se não pudermos despertar em cada educando, além dos domínios da educação formal, o encantamento, o amor, a preocupação e o desafio por nos relacionarmos de forma cada vez menos destrutiva em todas as nossas relações, continuaremos o processo de destruição já estabelecido por essa visão capitalista de uma sociedade voltada ao consumo.

Na sua concepção o projeto alterou de alguma forma a vida dos jovens e adolescentes participantes?

Para a maioria dos jovens que tiveram contato com o JovemPaz creio que uma coisa muito importante ficou clara: há esperança, é possível transformar a realidade positivamente, podemos mais do que nos tem sido proposto por essa sociedade do capital. Para um grupo menor, o projeto contribuiu de forma decisiva para a tomada de uma direção para suas vidas. Como já disse, hoje temos jornalistas, produtores culturais, pedagogos, despertados no processo desenvolvido no JovemPaz

Entrevista Luciano (educador de Jornal Escolar) 2012

Seu nome completo

Luciano Carvalho Barbosa

Você tem quantos anos?

38 anos

Sua formação? Qual foi?

Jornalismo, Educador Popular e ator. Ator, diretor, dramaturgo. Mas, minha formação acadêmica é Comunicação Social, Jornalismo.

Onde você se formou?

Mogi das Cruzes. Universidade Mogi das Cruzes.

Qual é o seu trabalho atualmente?

Eu trabalho com teatro dirigindo, atuando, escrevendo. Dando aulas de teatro. Esse é o meu trabalho. E militância política. Não remunerada a militância.

Conte como foi sua experiência no Projeto JovemPaz?

Muito ampla a pergunta. Deixa eu pensar aqui. Foi uma experiência riquíssima no sentido de ter uma estrutura ousada de conseguir uma integração de jovens através de instrumentos de intervenção na sociedade. Instrumentos políticos de inserção. Nesse sentido o JovemPaz conseguia essa integração tanto dos educadores provocadores quanto para os jovens orientandos - se é que esse é o nome que pode se dar - que estavam inseridos nesse processo de exercitar os dois lados... de exercitar uma intervenção concreta com seus meios de produção. Claro, nós não tínhamos uma gráfica. Nós não tínhamos equipamentos

sofisticados. Mas, as linguagens abordadas como o jornalismo escolar, o rádio... Se conseguia se montar uma rádio, uma rádio escola e a gestão, organização, troca de conhecimento para a criação de um grêmio escolar. São vários instrumentos... Embora isso não tenha acontecido de forma como o meu idealismo vislumbrava com todos os envolvidos. Daria chance de empoderar essa galera em cada uma das suas regiões tendo a escola como uma célula organizacional e extrapolasse os muros da escola. Fosse um canal aberto de relação com a comunidade do entorno, com a comunidade escolar, com a comunidade interna e do entorno. Trazendo assim elementos de construção coletiva e emancipatória e que se inseria como organização comunitária pra encampar diversas lutas. Pra organizar um fórum de debates constante, aberto. Ou seja, a experiência de vislumbrar essa possibilidade de poder construir conjuntamente com educadores da qualidade do Naiman, do Luizinho, por exemplo. Uma outra experiência a parte, trabalhar com esses dois. Ou seja, essa promessa, esse intuito, era muito belo, muito forte, muito atraente e, em certa medida, num período nós concretizamos isso. As escolas, os espaços eram efervescentes, uma alegria pulsante em que um espaço de reflexão e organização bastantes raros de se conseguir hoje em dia. A tônica da sociedade é a desarticulação, a segregação das pessoas, o individualismo. Era uma chance bastante interessante de contribuir com essa história.

De que maneira a experiência do jornal escolar contribuiu para a formação de educadores sociais?

Eu não sei em primeiro lugar se contribuiu para a formação de educadores sociais. Porque eu não tenho como medir isso. Eu sei, por exemplo, quem tem uma trajetória acadêmica... Eu sei que a Sindy ingressou, enveredou mesmo pelo jornalismo. Trabalha com isso, escreve muito bem. Mas, isso não configura necessariamente um educador social. Talvez o que eu entenda por educador social. Um educador social é um militante político, ele tem na sua formação a construção de bases comunitárias, bases onde pessoas possam se encontrar e se formar, aprender em espaços não instituídos pela ordem. Espaços autogestionários. Eu vejo muito isso com esses militantes que estão nas comunidades de base, disputando também os espaços da institucionalidade. Que são esses educadores que correm por outras vias e se inserem em outros grupamentos sociais. Em outros grupamentos humanos que não os instituídos. Claro que também temos educadores sociais nas igrejas, nas escolas. Mas tenho essa visão de que um educador social esteja num espaço, numa luta libertária, que busca autonomia que busca desvelamento das amarras sociais que oprimem. Então de que maneira o jornal contribui para a formação de educadores sociais eu acho que a atividade do jornal ela tinha esse intuito de despertar os jovens que estavam naquele diálogo, naquela discussão, um olhar crítico, um olhar atento sobre as questões do entorno, as questões imediatas que transcendiam aquele imediatismo regional e temporal. Ou seja, um olhar histórico sobre a sociedade, um olhar amplo. Você passa de ter um universo mais imediato para questões mais complexas a partir da abrangência geográfica. Ou seja, tem a potência o jornal. O jornal de bairro, o jornal comunitário de despertar um educador social no sentido que é despertar uma organização comunitária, escolar com um olhar crítico, investigativo, desvendador, desvelador da própria realidade. Eu acho que tem sim, uma oficina de jornal com essas premissas pode sim contribuir pra formação, provocação, estímulo de educadores sociais. Mas, uma oficina de jornal não. Ela por si só não tem essa competência. Eu acho que tem que ter uma linha política, pedagógica de quem aplica. Que pode também ter uma

oficina tecnicista da produção de jornal como mais uma profissão. Ou seja, uma alusão a profissão, a segmentação de mercado. E isso está descolado. Mas não era claro o intuito do JovemPaz. A contribuição do Jornal Escolar com a articulação comunitária, dentro da realidade, a busca da construção da autonomia, trabalhando também dentro dos conceitos de cultura da paz e Educomunicação e aqueles temas transversais que você conhece. Mas, não tenho certeza não se contribuiu para a formação e consolidação de educadores sociais. No mínimo trouxe uma outra abordagem, um outro olhar sobre a realidade que deve compor cada membro daquele grupo com oficinas de jornal. Então, talvez um elemento de reflexão e vivência do processo de aprendizagem, de que existe um outro viés pra pensar jornal diferente da mídia impressa e da mídia como está colocada num setor produtivo empresarial. Pode ser mais humanizado e democratizado. Isso eu tenho certeza de que foi dito e redito e debatido, discutido. O que fica disso daí é muito impalpável. Teria que pesquisar as trajetórias das pessoas. Ver como cada pessoa depor se isso significou alguma coisa, se significa algo.

O Projeto JovemPaz trouxe em alguma medida alguma mudança na sua vida?

Muitas experiências. Claro que todas as experiências em nossa vida trazem em certa medida mudanças. Acho que uma das talvez... qualidades da mudança da minha vida é conhecer de perto estruturas governamentais e não-governamentais que aceleram ou retraem a dinâmica da organização comunitária. Conhecer educadores como o Luizinho e o Naiman comprometidos, politicamente comprometidos, amorosamente comprometidos com a transformação social, a construção coletiva de saberes. Experimentar, ter na prática, vivenciar na prática um dos elementos vivenciados e apontados pelo próprio Paulo Freire. É uma diversão de estar vivo em jogo, em risco. Traz também para o JovemPaz essa possibilidade de pagar um educador. Então pra mim também foi um diferencial vamos dizer no quesito econômico. Eu estava muito sem grana. E pintou esse projeto. Também foi uma força danada para eu continuar fazendo minha militância. Conciliar coisas que eu acreditava com a chance de trabalhar. Então nesse sentido pessoal, econômico, me impulsionou para grandes andanças. Encontrar muitos parceiros como o Naiman que ingressou no Coletivo Dolores. O Luizinho que é parceiro e amigo até hoje. Poder aplicar algumas coisas que a gente estava vivendo no Coletivo Dolores que era a experiência da Festa como recurso pedagógico. Não como recurso só de instrumento, muito mais intrínseco em movimento, muito mais dialético. A Festa na sua dinâmica da relação afetiva. Na expressão da alegria. Na expressão e na conjugação de saberes atrelados uns aos outros. No sentido de construir a dinâmica do trabalho coletivo. Um trabalho sem hierarquias, debatido. Ou seja, construção de festas do Projeto JovemPaz foi algo muito interessante porque foi a tentativa de sistematização de algo que exercíamos pelo Coletivo Dolores. Porque uma coisa é você fazer parte de um grupo social, de um grupo político, artístico que tem como premissa sua diversão, tem o seu fazer como fazer político. Mas, converter isso metodologicamente numa prática pedagógica é um grande desafio. Então, as Festas JovemPaz, o Projeto JovemPaz traz esse desafio. Também é um marco pra mim o JovemPaz no sentido de que aplicar o Jornalismo que aprendi de forma dura, de forma voltada ao mercado, de refiltrar, de filtrar esses conhecimentos a serviço de uma comunidade produtora e difusora dos seus conhecimentos. Foi no JovemPaz que eu exercitei esse processo. Que não era um processo sistematizado também. O tipo de formação que eu tive não seguia essa linha. Essa linha política. Tem uma lógica de mercado, não uma

lógica solidária, com aquela abordagem que eu dava pra vocês. Acho que um pouco isso. Ah, eu quero falar também das pessoas. Claro, sempre. Eu falei o Naiman, o Luizinho. A amizade. Nós dois conversamos aqui. É uma amizade que dura anos e anos e anos. Eu conheci o Ulisses lá do Eremim que é meu amigo até hoje. E tantas outras pessoas. As pessoas do Morro Doce. Uma das meninas que eu sempre esqueço o nome dela. (Irlani). Encontrei com ela lá numa universidade, a UNIFESP eu acho. Ela está fazendo Filosofia lá. Então, é uma menina brilhante. É encantador também. Você saber que nas quebradas das periferias tem gente nossa pensante, pulsante, fazendo. Você seguindo seu mestrado, por exemplo. Essas coisas são muito belas, são muito fortes. Claro o JovemPaz que faz 10 anos. Então, na minha memória e como eu estou em luta, produzindo um milhão de coisas. Como cada experiência que a gente vive com convicção, paixão, organização. Elas são significativas e marcantes e continuam em nosso ser. Mas certamente é um período da minha vida que me constrói como vivente, como ser humano, como educador social, como ser que está no mundo no sentido da troca e buscando uma transformação das estruturas como estão colocadas porque essas só constroem o que nós vemos aí que é esse mundo de mercantilização dos trabalhadores, das trabalhadoras.

De que forma você acredita que a práxis da Ecopedagogia contribui enquanto metodologia educacional?

Olha estou muito afastado há muito tempo da pedagogia propriamente dita. Hoje, pra mim tem muito mais sentido Ecopedagogia, a práxis da Ecopedagogia. Eu estou inserido em movimentos de luta pela terra, de Movimento Sem-Terra, plantando, construindo uma relação harmônica limpa, sem veneno na natureza. E esse é um processo pedagógico lindíssimo, politizador, emancipador. Também tem o Dolores com essa questão ecopedagógica. Que também é muito viva, é muito forte. A gente acabou até cunhando outras formas de... Acabamos cunhando expressões e métodos de trabalho que estão diretamente ligados ao que a gente pode chamar de uma práxis ecopedagógica. A gente tem concebido o que chamamos de Teatro Mutirão. Onde todos os participantes são responsáveis, construtores de todo o processo, inclusive as construções do espaço, do que quer que seja. No nosso caso, o enfoque é teatro. Mas, pensar sim, em todos os materiais, a forma de relação com onde os encontramos. Como nos relacionamos enquanto pessoas. Desde a estrutura organizacional que rompe com hierarquias rígidas e traz um processo de troca. Um processo de troca curioso no sentido da gente estar atento a escuta do outro e a apreensão desse fazer. Isso é o Teatro Mutirão, mas pode ser também sobre Arena Arbórea. Pode ser um pouco mais claro nisso também. Pela falta de estrutura onde o teatro tal como concebemos imaginariamente que concretamente ele invade nosso imaginário. São caixas preta, palco italiano, com refletores e tal. Nós concebemos o teatro cercado por árvores de mata nativa, de mata atlântica. E já plantamos várias Arenas Arbóreas com outros grupos de teatro por aí fora. Ou seja, a prática do plantio coletivo, o Teatro Mutirão. Fazer Arenas Arbóreas e suprir as relações de parceria com trocas de experiências que passam e muito da feitura pura e simplesmente de uma peça de teatro. Estabelece relações que são mais amplas tanto no tempo, no tempo de duração dessas ações, como no espaço que está sendo construído. E a pluralidade das trocas que são proporcionadas. Mas, esta concepção é posterior ao JovemPaz. A gente tentava e muito naquela época. Hoje, teria meu corpo mais impregnado desse saber pela práxis. A tentativa era mais tímida. Talvez o Luizinho tivesse

isso mais elaborado. Nós tínhamos orientações de outros educadores. Não me recordo nem o nome. Eles contribuía pontualmente. Tínhamos três educadores fixos. Que era eu, o Luizinho e o Naiman. Mas, tinham outros professores, vamos dizer assim, que traziam esses elementos com mais verdade e mais ênfase. Claro, tem um problema, entender esse discurso ecológico como os ecobobos. Esses que abandonam toda a leitura de luta de classes e adotam esse discurso no viés capitalista. E aí tiram o foco das reais necessidades do que nós realmente temos de enfrentar. Por exemplo, combater o agronegócio. Isso é pauta de todo e qualquer ecologista. É combater o agronegócio que comporta veneno excessivamente, que planta grandes latifúndios de uma cultura só. Isso é uma briga que está colocada. É um grande desafio. E não só de pensar. Eu estou colocando a práxis de ecologia, pedagogia, num viés materialista-histórico-dialético. Ou seja, numa abordagem completamente apartada dessa mercantilização da ecologia. Sabe, ecologia como mercadoria. Completamente apartada desses selos verdes. Completamente apartada dessa desfaçatez. Que usa eucalipto e olha veja só... Tem crédito de carbono. Completamente apartado dessas artimanhas capitalistas que mais fazer confundir e mercantilizar a boa intenção de muita gente. Agora atualizando tenho mais elementos pra pensar isso e mais vivência prática. A nossa tentativa naquele período era de sentir isso. Eu, Naiman, Luizinho e os outros professores. Então, não tinha mergulhado tanto na produção capitalista desse discurso ecológico. Nós não tínhamos mergulhado ainda na crítica disso. Nós nem abordávamos essa crítica. Entendendo o humano como natureza.

Na sua concepção o projeto alterou de alguma forma a vida dos jovens e adolescentes participantes?

Então isso não dá pra medir também. É muito difícil você medir isso. Muita ciência. Acaba ficando hipócrita dizer: Ah, mudou para caramba! Sem uma coisa que se aprofunda e tal. Eu sei que algumas pessoas em função disso traçaram rumos diferentes. Mas mesmo assim não dá. Dizer que o Ulisses tentou criticamente fazer muitas coisas interessantes. Mas, hoje dureza e necessidades da vida colocam ele como microempresário. Que tem uma loja no Brás, de roupas. Tem funcionário e aquela coisa toda. É um pequeno comerciante. Qual é a vantagem disso? Tinha um período da vida dele que não só o JovemPaz mas a Associação Eremim contribuiu que ele estava muito ligado a um universo violento. Depois chegou a fazer muita luta política. Manifestações, ações. Trabalhar em diversos setores. A coisa de escrever foi desenvolvida. Passou pelo Rap. A Irlani, você. Mas eu não arriscaria de dizer... a Sindy, ,que um projeto como o JovemPaz ele seja assim decisivo para todos os participantes. Como as pessoas alteraram suas rotas. Eu não tenho como mensurar. Eu não tenho como dizer isso. Eu sei que pra muita gente ali foi uma experiência... Eu acho que foi pelo menos, dentro da escola pública sucateada que nós temos uma relação educador-educando que subverte as bases que nós temos. Nesse sentido, apresentar para adolescentes, uma possibilidade pedagógica que subverte estruturas formais de educação. Acho que esses elementos apresentados nessa troca foram possibilitados. Mas não sei o quanto isso é significativo no sentido de mudar rotas e trajetórias das pessoas. Eu sei que o que é verdadeiro é que nós conseguimos trazer outras relações educador-educando, construir festivamente elementos políticos como o grêmio, como o rádio, como o jornal. E, por fim, as festas. Sem contar aquela grande festa lá no Vale do Ribeira. Lindíssima. Com pernas de pau, com alfaias, maracatu, praia, sarau, teatro. Eu levei peça lá. Ou seja, uma qualidade de

troca... Nós mergulhamos. Ou seja, tem marcas. Foi voltando imagens na minha cabeça. E as imagens que eu tenho desse maracatu. Os meninos do Vale com pernas de pau. Da praia, todo mundo junto. Todos na balsa pra atravessar o Ribeira. Foi isso. Então, uma manhã linda. Foi um final de semana inteiro, dormir por lá. Ou seja é uma infra-estrutura que exige um grau de comprometimento e organização. Ou seja, é experienciar uma outra sociabilidade. Que não está colocada, que não está posta pra gente na sociedade capitalista. Pelo contrário. Claro que a gente tem projetos que tentam romper o cerco e romper com a lógica dominante. E criar espaços, como diria o Xande, espaços do porvir. E aí, a gente teria chance de experienciar. E é claro conversando com as pessoas. Mas não dá pra medir em que grau isso vai determinar a trajetória das pessoas. E lembrar que isso é muito pouco. Num oceano de mercantilização da vida que está imposto cotidianamente. Talvez sejamos sim, uma boa experiência. Sejamos sim, uma boa lembrança. O JovemPaz pra mim está nas relações estabelecidas. São relações que a gente vê e fala vale a pena continuar lutando. Na tentativa de construir novas formas de relação com relações mais sinceras. Sem moralizar. Sinceras, no sentido da estrutura de organização social que está pra nós.

Entrevista Luizinho (educador de Grêmio Estudantil)

Seu nome completo

Luiz Carlos de Oliveira.

Você tem quantos anos?

51.

Sua formação

Fiz Filosofia. Fiz Pedagogia. Fiz uma complementação em História e um Mestrado na área de Educação e Currículo.

Onde você estudou?

Eu estudei na escola pública. 1º e 2º Grau. Antigo Ensino Médio. Depois estudei na Faculdade São Luís e fiz uma faculdade na que hoje é a UNIBAN e fiz o meu Mestrado na PUC de São Paulo.

Qual é o seu trabalho atualmente?

Atualmente estou como diretor aqui dessa unidade. Gasta um tempo imenso. E faço alguns trabalhos de formação na área de Participação Popular. O ano passado, trabalhei várias vezes com o pessoal do Orçamento Participativo de Guarulhos. E também fiz um trabalho que há bastante tempo a gente vem fazendo. A gente fechou uma primeira etapa na questão da Agenda 21 fundamentada com os princípios da Carta da Terra. São os dois trabalhos que fiz mais no ano passado. E tenho atuado a convites em Formação de Professores. O último que eu fiz foi em Aracaju pelo SINDIPEMA. A gente deu lá formação pro grupo de educadores do município.

Conte como foi sua experiência no Projeto JovemPaz?

Ah, essa é uma experiência muito bonita do ponto de vista da construção humana. Então, essa experiência ela passou desde os debates, os diálogos no sentido da construção do projeto, da fundamentação, da elaboração de um programa de trabalho pra um projeto. A elaboração de um programa. De um plano de formação. E de diálogos e atividades com os jovens de três regiões. Feito esse aspecto da elaboração, de ver como isso poderia, de fato, tornar importante para as comunidades e os jovens que a gente estava trabalhando com a possibilidade de serem líderes locais. Eu me tornei um educador dentro do projeto e pude então compartilhar um diálogo com três comunidades de perfis diferentes mas com contextos sociais muito semelhantes da juventude. Então, pra mim essa experiência, ela foi bem relevante nessa construção mesmo. De você crescer, de você ver possibilidade, de você fazer uma reflexão emancipatória. Então tudo isso foi valioso. E essa crença de você experimentar a participação da juventude. Fazer e decidir juntos. O pessoal tentando fazer algum trabalho. Algumas atividades e ações. Ainda que com dificuldade. E influenciando de um jeito ou de outro. Alguns dos jovens que participaram refletiram esta proposta. É, apropriaram e ressignificaram suas vidas. Então foi uma experiência do ponto de vista de contribuir para uma grandeza humana cuidadosa com o planeta, com o humano, com o ambiente. Foi bem relevante.

De que maneira a experiência do grêmio estudantil contribui para a formação de Educadores Sociais?

Eu vejo de várias maneiras. Quanto a essa coisa do grêmio está vinculado a educadores mais sociais... Primeiro assim... Vou pontuar algumas contribuições. Acho que uma contribuição maior é de refletir sua realidade. Nós trabalhamos em cima da questão do grêmio mas pra ter essa atuação dentro das escolas um ponto inicial que a gente trouxe e debateu bastante é o estudante, o jovem perceber sua realidade. Ela dentro da escola, das relações de poder com os educadores. Com direção, entre os próprios jovens. Esse olhar a gente sempre procurava vincular com a sua vida no cotidiano dele, com a sua comunidade. Nas relações que tinha com as instituições definidas ali, com os poderes definidos. Com as coisas tortas, com os problemas que estavam vivendo, os descuidos. Então, acho que esse é um aspecto fundamental no sentido da contribuição desse projeto, do grêmio, pra ler criticamente o seu papel na sociedade. A sociedade que você, jovem, está inserido. Então esse é um primeiro ponto. Um segundo ponto que eu acho assim, da contribuição, quando a gente exigiu muito da ideia de autoria. Então, do jovem ser autor do seu projeto, de interferir na sua comunidade. Se perceber como sujeito das relações sociais ali instituídas. Saber que diante de todas as dificuldades mas que ele tem o poder de alterar. Fazer a diferença. Então, eu acho que o momento do ser sujeito, do poder de autoria dele, eu vejo isso muito vinculado com o fazer coletivo. Esse é talvez um terceiro item que quando ele lê sua realidade, se percebe sujeito dentro de um projeto de comunidade, automaticamente ele vai perceber e aí, um terceiro item, sujeito dessa ação coletiva. Que a transformação ela se passa pela ação coletiva. Para o bem ou para o mal. Não se faz uma transformação só: eu individualmente com milagre acontecendo. Acho que quando você fala em transformação você está falando dessa coisa do valor cultural, do valor das relações, dos movimentos sociais. Então, isso depende de um agir coletivo. E seria o terceiro item que eu colocaria dessa contribuição. O quarto, eu acho de muita valia, muita relevância hoje é o referencial da fundamentação de um projeto de sociedade que se deseja. Então, acho que a contribuição não só do grêmio

estudantil sempre trazia essa fundamentação da sociedade ética, respeitosa. De uma sociedade onde os seus participantes possam exercer sua autonomia, possam agir coletivamente. Então, esse é um aspecto muito relevante que eu acho que essa experiência no trabalho com a questão do grêmio, de fato, pode acrescentar a coisa do educador social. E talvez um outro para concluir que eu acho que é o quinto é essa questão do compromisso com o outro. O educador social tem que ser um ser embasado tanto no aspecto da fundamentação quanto no aspecto de pensar que o outro é parte integrante dentro de qualquer mudança. Não pode ser como um salvador da pátria. Você vem como alguém que vai fomentar essas relações. E, assim, a gente faz muito esse diálogo, inclusive, até hoje na escola nesse aspecto. Do educador seja ele de um sistema formal ou informal, ou jovem, ele tem que ter esse papel de trazer os participantes como parte forte da sua ação. Que tem que buscar o exercício da autonomia, o exercício da liderança dos outros. Então, você tem que ter uma presença rápida para que o grupo siga adiante. Então, eu acho que o trabalho com o grêmio ele tinha essa coisa da escola como foco, mas ele buscava mostrar que a agremiação não se passa só no grêmio estudantil. A associação de moradores, uma banda de música, passa num partido político. E se a fundamentação e a intencionalidade de dignidade humana, ela sempre é relevante.

O Projeto JovemPaz trouxe em alguma medida alguma mudança na sua vida?

Ah, eu penso que principalmente assim do cuidado com o outro, de atentar para as adversidades expressas em cada região. Acho que a mudança mais forte é essa coisa da crença. De você reafirmar a crença que mesmo em situações as vezes de abandono nas regiões em que nós trabalhamos... Se você pegar talvez a de Iguape com certeza não era a de maior abandono. Se você pegar o Morro Doce que era um bairro... Era não, é ainda. Um bairro de extremas expressões de pobreza. Você vê a juventude no trabalho bem ainda adolescente, jovem e isto ele ressignifica seus projetos, suas intenções com a vida. Então, pra gente assim, quando você fala da mudança, ela é muito mais no sentido de uma reafirmação de um olhar. Então, a mudança que você achar que tem ou não tem. Então, você percebe isso, tem possibilidade, tem esperanças possíveis de aprendizados quando você trabalha com responsabilidade. Eu acho que são mudanças nesse aspecto. É que eu já vinha numa questão muito forte da militância social e a reafirmação. Por exemplo, a escolha que eu faço até hoje de estar numa escola na direção, ela mistura muito assim da crença e do compromisso ético com os mais excluídos. E a minha escolha para mim estar aqui vem muito da alimentação que eu recebi nesses projetos e ver as coisas... Não acontece com todo mundo mas acontece com uma parcela bacana de jovens. De pessoas que você está pensando que não está fazendo... Isso acho que reafirma e a gente vai... A mudança ocorrendo no sentido de você ir estabelecendo possibilidades de manter um diálogo com esse jovem de hoje. Nesse movimento histórico assim.

De que forma você acredita que a práxis da Ecopedagogia contribui enquanto metodologia educacional? E me diz por que valor cultural a Ecopedagogia?

Acho que é isso mesmo. A Ecopedagogia ela reafirma como uma práxis. É fundamental pensar isso. Porque senão a gente vai cair em desenhos e experiências... Então, assim, é olhar o que está ali em movimento, fazer essa leitura crítica desse processo. E, ao fazer isso, desenvolver fundamentações referenciais, pedagógico, humano, éticos, que, de fato, possa

ter essa valia para a questão educacional em escola formal hoje. Eu acho que possa se fazer no movimento social, não-formal. Mas, eu vejo isso. Tenho procurado executar um pouco esse trabalho. Eu vejo esse movimento possível, inclusive esse projeto dentro das redes municipais ou em escolas que optam por isso. Então, são várias formas que a Ecopedagogia pode contribuir. Um aspecto relevante da Ecopedagogia é você mudar o seu olhar para a sua relação com o mundo. Então, nós temos várias metodologias, linhas e concepções pedagógicas que colocam o ser humano como ser supremo. O dono do mundo. Que pode a qualquer hora comprar outro mundo. A Ecopedagogia faz a reflexão forte em cima disso, no sentido de que nós somos parte, formamos parte junto com os outros seres vivos que compõem o planeta e que não existe essa direção de que nós podemos ir comprando novos planetas. Nós temos de agir de maneira responsável com a atitude de construir nesse espaço no momento histórico em que estamos, a construção pro hoje, pro futuro e se o planeta tem dificuldade, se suas teias são rompidas nós também vamos juntos. Então, a Ecopedagogia procura fazer esta reflexão, trazer esses elementos e trazer as pessoas para mais um campo de humildade ecológica no sentido de viver dentro dos problemas também, das catástrofes, dentro dos massacres. Então, assim, nós estamos produzindo isso. Até um pouco dessa poesia que eu acabei de ler pra você. Nós estamos produzindo. Não é outro animal, é o humano. Então, nesse aspecto eu acho que a Ecopedagogia pode trazer isso. Outro aspecto é de colocar o educador numa... É assim, exigir dos educadores alguns compromissos com referenciais diferentes. E aí, é indiferente uma contribuição para a metodologia educacional ou não. Pra qualquer profissão. Pode ser pra um advogado, pode ser pra um gari, pode ser pra um médico, um empresário. A Ecopedagogia, ela exige que o ser humano ressignifique a sua relação com o outro ser humano. Que ele ressignifique a sua experiência cultural. Que ele ressignifique essa coisa do desperdício. É, do descuido, das relações humanas em todos os aspectos, do afeto, da coisa de você ter um cuidado conforme o Boff traz esse conceito. (Cuidado) com outro, mas também se sentindo parte, sendo parte desta... Deste vínculo com a humanidade. Então, eu acho assim, são muitas contribuições de fundamentação e de referencial teórico que a Ecopedagogia acrescenta para construção da humanidade. Eu acho que assim, pra dentro da escola – e não é propriedade só da Ecopedagogia. Ecopedagogia é um manifesto a mais dentro de construções éticas e dignas da humanidade. Então é um elemento que ele é recente esse debate que vem sendo feito aí, mas ela exige para a escola especialmente o respeito com o direito da criança, professores, educadores que apostam em sua formação continuada. O diálogo como referencial para todas as relações. A questão da cultura de paz. Não essa cultura contemplativa, mas o ato, a atitude no cotidiano. É o jeito de você tratar uma criança excluída, negra ou um rei que chega aqui, são dois seres humanos e você tem que tratar com dignidade os dois. Então, as vezes eu até brinco. A gente tem que trazer alguns de terno pra ver se o tratamento que vocês estão fazendo é o mesmo com a criancinha que muitas vezes não tem alguém para cuidar do seu piolho. Porque as vezes no trato você não dá aquela dimensão humana principalmente aos que mais precisam. Então, eu acho que a Ecopedagogia ela traz esse vínculo da teoria com a prática. Do que você está dizendo e está fazendo. Que às vezes você vê as pessoas que falam e falam sobre um Manifesto Sustentável, mas tem duzentos pares de sapatos. Você não precisa disso. Fala de relações sustentáveis, mas está numa cultura de consumismo, desperdício. Daí, tudo isso, eu acho que... A última parte da sua questão. Por que Ecopedagogia é um valor cultural? Porque assim, mais que um movimento eu acho que quando as pessoas apropriam de um conceito

traz pra sua vivência. E isso tem que ser mostrado tanto nas suas relações sociais, nas suas atitudes quando você chupa uma bala e não se incomoda em jogar o papel de bala na rua. Ainda não é um valor cultural pra você essa coisa da Ecopedagogia. Porque você não está encharcado de um referencial de... porque ah um papel meu com mais um milhão de outros papeizinhos vai ter uma consequência planetária. Eu tenho que fazer minha parte. Se tornar um valor cultural pro meu olhar é quando a gente interioriza mesmo. Sente-se incomodado se as coisas não estão caminhando dentro desse olhar sustentável. Desse olhar ético, de dignidade. É ele, é o conceito da Ecopedagogia se tornar referencial de vida para todas as pessoas em todos os lugares, em todas as profissões. Então, isto sim, se isto virar uma valia, aí sim é uma expressão de valor cultural. Senão, que a gente pode fazer um monte de movimentos sociais, mas nem sempre esses movimentos dão consistência de referencial de organização de vida. Então, quando eu falo da Ecopedagogia se tornar um valor cultural é nesse sentido. Ela tem que se tornar um referencial. O conceito, suas ideias, sua fundamentação. Pra você organizar a escola, seu escritório, a sua casa, a sua relação com suas filhas ou com filhos, com o jovem. Então, por exemplo, se o jovem sai e desorienta em atitudes de desrespeito entre eles, do homem com a mulher, entre o guardinha que está cuidando do elevador e não sei que, significa que não apropriou. As vezes faz até um discurso bonitinho em casa mas longe de alguns padrões toma atitude que depõe contra o que está fazendo. Então, daí, não apropriou da Ecopedagogia como uma referência de vida. Tem que estar te acompanhando em todo lugar que você está. Nesse aspecto acho que tem que ser um Manifesto de valor cultural e não um movimento social.

O Projeto JovemPaz na sua concepção alterou de alguma forma a vida dos jovens e adolescentes participantes?

Eu tenho assim uma clareza e os pés bastante assim no chão nessa situação. Toda formação traz pra todo jovem, adolescente, educador, estudante universitário diante da história de vida de cada um a formação chega de um jeito ou de outro. Entra com alguns referenciais, alguns valores e pra outros não. Então, penso assim, os jovens que estiveram dentro do percurso desse debate que em alguns lugares ele durou dois anos, outros um pouquinho mais. Um pouco essas datas aí. Os que fizeram, apropriaram de forma responsável, dos conceitos que trabalhamos, procuraram vivenciar isto dos ambientes onde estavam, eu vejo que esse Projeto JovemPaz foi de muita valia. Muita valia. Então, temos exemplos. Você é um deles. Temos outros exemplos de jovens que até ressignificaram seus projetos de vida após frequentar esse projeto conosco. E outros que eu tenho absoluta certeza e, assim, até por uma história em educação que a gente tem que são pessoas que as vezes mandam uma mensagem ou mandou por algum tempo alguma carta ou foto ou um telefonema. Puta, eu fiz uma coisa super bacana aqui e lembrei do projeto. Então, isso vai demonstrando, assim, que uns bastante tocados e incorporam muito de um projeto e no caso do JovemPaz. Outros é médio. E outros as vezes passaram pelo curso. Alguns foram, muitas vezes até com entusiasmo, mas também muitos valores estão em disputa. Na verdade, é um conjunto de valores que estão em disputa. E pra alguns, assim, a presença dentro do projeto, as vezes faltaram muito, as vezes mesmo não faltando, não levou a fundo o que estava sendo proposto, com uma linguagem diferente, com um jeito diferente. De tentar fazer um projeto que não fosse só palestras muito chatas, com experiências, com atividades de campo. Então, tudo isso de alguma forma fica como valor na maioria das pessoas. Então faz a diferença. Isso às vezes

acontece muito rapidamente com retorno ou mais ao longo do tempo as pessoas: - Ah, isso tem a ver com. Aqui na escola com as aulas de Filosofia que eu dei por 20 anos muitos, recente agora, faz um ano, um grupo de alunos de 84 que está com seus filhos a maior parte deles tudo entrando na faculdade agora. Esse grupo de alunos me convidou para ir numa festa deles lá na Serra da Cantareira. Eles alugaram um sítio e eu fui. Foi uma coisa muito prazerosa porque a gente achava assim que tinha ficado pouco do curso de Filosofia. E esses alunos, agora todos adultos, profissionais, militantes de sindicato uns, partidos políticos, tudo, assessor de deputados. Tinha dois lá que viraram assessor. Movimentos de Sem-Terra lá de Taipas. Os caras começaram a falar coisas pra mim na festa e chamando filho e dizendo: -Ou esse é meu professor de Filosofia. Fez isso, trouxe isso, fez o pai pensar nisso. Então, acho que os cursos são assim também. O Projeto JovemPaz acho que é dessa forma. Em algum momento ele acende uma luzinha e diz outra. Eu acho que faz a diferença sim esse tipo de projeto. Eu acho muito relevante dessa sociedade muito individualista, muito autoritária, opressora. Então é um projeto que trabalha com outros referenciais, que são referenciais de cuidado humano. E todo mundo quer ser cuidado.

Entrevista Natacha (educanda de Ilha Comprida) 2012

Seu nome completo

Natacha Cardozo

Você tem quantos anos?

25 anos

Sua formação? Qual foi (e está sendo)?

Ensino superior em curso, Letras Port/Espanhol

Onde você se formou (e está se formando)?

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Qual é o seu trabalho atualmente?

Não trabalho

Conte como foi sua experiência no Projeto JovemPaz?

Foi muito enriquecedora, aprendi além do que era programado para o meu curso (jornal escolar)

De que maneira a experiência do jornal escolar contribuiu para a formação de educadores sociais?

Desde fundamentos básicos da escrita, até questões de interessoalidade.

O Projeto JovemPaz trouxe em alguma medida alguma mudança na sua vida?

Sim, melhorei minha forma de escrever, e minha visão sobre projetos sociais

De que forma você acredita que a práxis da Ecopedagogia contribui enquanto metodologia educacional?

Toda forma de metodologia acrescenta para o professor, quanto mais conhecimento, maior a quantidade de coisas que o professor pode filtrar e estabelecer se servirá ou não para seus alunos.

Na sua concepção o projeto alterou de alguma forma a vida dos jovens e adolescentes participantes?

Infelizmente, acredito que da maioria não, pois tenho contato com alguns, e eles não desenvolveram outras atividades a partir do que aprenderam ali, raras são as exceções.

Entrevista Sindy (educanda de Iguape) 2012

Seu nome completo

Sindy Uiara Molina

Você tem quantos anos?

26

Sua formação? Qual foi (e está sendo)?

Sou Jornalista, curso especialização em Comunicação em Mídias Sociais

Onde você se formou (e está se formando)?

Em Curitiba, nas Faculdade Opet. Estudo, agora, no Senac-SP.

Qual é o seu trabalho atualmente?

Sou redatora web.

Conte como foi sua experiência no Projeto JovemPaz?

Com certeza foi uma experiência inesquecível. Durante o JovemPaz eu consegui me enxergar como ser participante do mundo. Me entendi como alguém com opiniões e principalmente com possibilidades: poder falar, me expressar e entender que isso poderia fazer diferença.

De que maneira a experiência do jornal escolar contribuiu para a formação de educadores sociais?

Me lembro bem que no começo do curso eu imaginava que participar do Jornal me faria escrever. Depois, descobri que não era apenas o ato de escrever, mas de ser interlocutora de um grupo de pessoas que não podiam ser ouvidas. A experiência do jornal contribuiu para minha formação política, cultural, social, ambiental e, principalmente, me mostrou que existem minorias, diferenças, direitos e deveres para manter o nosso mundo um lugar para todos. Com certeza isso me educou de uma maneira que modificou meu olhar sobre o mundo.

O Projeto JovemPaz trouxe em alguma medida alguma mudança na sua vida?

Com certeza. Foi depois do JovemPaz que percebi e decidi que eu poderia ser uma jornalista. Além disso, lidei com pessoas e ideias de uma maneira nova, com minhas próprias opiniões e conclusões, além de me entender como responsável por um pedacinho desse mundo.

De que forma você acredita que a práxis da Ecopedagogia contribui enquanto metodologia educacional?

Quando você compreende o que você tem a sua volta e quando isso é parte da sua vida, você se sensibiliza. Tudo está interligado e acredito que não há maneira mais fácil de aprender do que você vivenciar o que aprende. O rio fétido em torno da sua casa, ou o lixo no fim da rua fazem parte da vida de muita gente. Muitas lições - em todas as ciências - podem ser tiradas disso.

Na sua concepção o projeto alterou de alguma forma a vida dos jovens e adolescentes participantes?

Alterou. Da grande maioria deles. Muitos, naquele momento, mudaram seus objetivos de vida e principalmente seus olhares sobre o mundo e seu lugar nele.

Entrevista Uelves (educando do Morro Doce) 2012

Seu nome completo

Uelves Dias Silva

Você tem quantos anos?

22 anos

Sua formação? Qual foi (e está sendo)?

Sistemas de Informação

Onde você se formou (e está se formando)?

Universidade de Mogi das Cruzes

Qual é o seu trabalho atualmente?

Cantor e Compositor

Conte como foi sua experiência no Projeto JovemPaz?

Minha experiência no projeto foi muito importante em minha formação acadêmica e social, no projeto ganhei novos rumos e conquistei novos objetivos, tendo uma construção crítica e participativa em meio a sociedade. Aprendendo e pondo em prática os princípios freireanos

que me proporcionaram nos dias de hoje a criação de um ser mais humano, digno e que preza por um mundo melhor e mais justo.

De que maneira a experiência do rádio/grêmio ou jornal (o que você cursou) contribuiu para a formação de educadores sociais?

Na verdade todos os princípios do projeto contribuem não só para a formação educacional mas também uma formação de um cidadão, além de enfatizar a participação infantil, dando visibilidade aqueles que muitas vezes são ignorados, na escola e na sociedade, com o projeto pude exercer meu lado participativo e crítico, penso que muitas vezes é um projeto como esse que falta em cada uma das escolas, pois sendo promissor, damos a oportunidade de ser um projeto reciclável gerando cada vez mais pessoas participativas, críticas e seguras de suas palavras e atitudes, que acabam dando a oportunidade que muitas precisam, mas que muitas vezes não são vistos.

O Projeto JovemPaz trouxe em alguma medida alguma mudança na sua vida?

Certamente, sou o que sou hoje por conta do projeto, uma bagagem de informações que foram essenciais no meu crescimento social e acadêmico.

De que forma você acredita que a práxis da Ecopedagogia contribui enquanto metodologia educacional?

Contribui mostrando as pessoas que "somos" o mundo, pertencemos a um mesmo ecossistema.

Na sua concepção o projeto alterou de alguma forma a vida dos jovens e adolescentes participantes?

Sim, o projeto mostrou a todos que somos cidadãos, que podemos ser a mudança que queremos, que o importante é não ter medo de expor suas ideias e nos deu esperanças para acreditar como podemos sim ter um mundo melhor e mais justo.